

TERRAS GUARANI NO LITORAL



KA'AGÜY ORERAMÓI KUÉRY OJOU RIVE VAEKUE Ñ
As matas que foram reveladas aos nossos antigos avós

2004

CTI

Centro de Trabalho Indigenista



Os direitos dos índios e das comunidades indígenas foram reconhecidos e proclamados pelos Constituintes brasileiros de 1988 e figuram na Constituição como acréscimos aos direitos fundamentais assegurados para todos os brasileiros. Assim, na parte dedicada à Ordem Social foi inserido um capítulo tratando especificamente “Dos Índios” e de seus direitos, com redação muito clara e objetiva. Não é necessário ter formação jurídica para compreender que ali estão incluídos, com a força e a autoridade de determinações constitucionais, os direitos da pessoa do índio e de suas comunidades, os direitos originários sobre as terras tradicionalmente ocupadas com o direito ao usufruto exclusivo das riquezas nela existentes, bem como o direito de ter sua própria organização social, segundo suas tradições, suas crenças e seus costumes.

Apesar disso tudo, há pessoas que, levadas por suas ambições, agem como se nada disso existisse e praticam muitas violências contra os índios, invadindo suas terras, envenenando seus rios, destruindo suas matas, afugentando ou dizimando a caça, agredindo de muitos modos o meio ambiente e as comunidades indígenas. Muitas dessas pessoas, associadas a lideranças políticas e, com freqüência, tendo a cumplicidade de veículos de comunicação de massa, promovem um trabalho constante de desinformação, divulgando informações completamente erradas e sempre negativas sobre os índios e seus costumes, apresentando-os como um bando de privilegiados, que ocupa terras e usufrui de riquezas injustamente, em prejuízo do povo brasileiro. Pior ainda, alguns, sabendo que cometem falsidades, procuram colocar o povo contra os índios argumentando com os riscos para a soberania brasileira se os povos indígenas ocuparem terras de fronteira. E não faltam juristas que, associando a ignorância da realidade indígena à conveniência de agradar à clientela rica, propõem que a conveniência econômica tenha prioridade sobre os direitos indígenas, como se o Brasil não tivesse Constituição e como se os direitos dos índios não tivessem dimensão constitucional.

Por todos esses motivos, este livro prestará um serviço inestimável à ética e ao direito, fornecendo informações valiosas, com base em dados sólidos e abundantes, para que as pessoas de boa vontade sejam esclarecidas e não se deixem levar pelas informações falsas maliciosamente divulgadas como se fossem verdades, apresentando os índios como inimigos da humanidade. Este livro será, também, de grande utilidade para todos os que, perante as autoridades administrativas ou judiciárias, ou em eventos voltados para a discussão de temas relevantes para o interesse público, procuram defender a dignidade humana dos índios e seus direitos.

Este livro deixa comprovado que a defesa desses direitos não atende apenas aos interesses dos índios e de suas comunidades, mas, com absoluta evidência, atende aos interesses de todo o povo brasileiro pois, além de ressaltar o fato de que o conjunto das Terras Indígenas representa a maior extensão de terras em que as riquezas naturais são preservadas, demonstra, através da experiência Guarani, como a sabedoria indígena poderia ensinar muito às civilizações circundantes sobre o aproveitamento racional das riquezas, sem destruição, sem a degradação ambiental e sem a diminuição do patrimônio da humanidade.

Dalmo Dallari

O Centro de Trabalho Indigenista - CTI é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, fundada em março de 1979, constituída por antropólogos e indigenistas com formação qualificada e experiência sobre a realidade indígena no Brasil.

O objetivo do CTI é contribuir para que os povos indígenas conquistem ou mantenham sua autonomia econômica e política, a partir de seus próprios parâmetros socioculturais, e garantir seus direitos constitucionais.

O CTI atua diretamente em Terras Indígenas, através de assessorias técnicas e de projetos elaborados em conjunto com as comunidades envolvidas, visando a alternativas de futuro e ao controle territorial e ambiental por parte dos índios, privilegiando o exercício da autogestão.

O CTI atende a demandas específicas das comunidades indígenas, articulando diferentes linhas de trabalho — controle territorial, formas de manejo sustentável de recursos naturais, programas de educação, documentação e circulação de informações, saberes e técnicas entre as aldeias.

www.trabalhoindigenista.org.br

Diretoria

Maria Auxiliadora Cruz de Sá Leão (presidente), Kilza Setti e Regina Aparecida Pollo Müller

Coordenação Geral

Gilberto Azanha, Jaime Garcia Siqueira, Maria Bernadette Franceschini, Maria Elisa Ladeira e Maria Inês Ladeira

PKG - Programa Kaiowá

Celso Aoxi e Friedl Paz Grünberg

Gerente Institucional

Carlos Macedo

Gerente Administrativo

Omar Silveira Junior

Sede

SCLN 210 bloco c sala 217/218 cep 70862-530
Brasília/DF Fone: (61) 347 5559 e (61) 349 7769
cti@trabalhoindigenista.org.br

Escritório São Paulo

Rua Aspícueta 474 cep 05433-011
São Paulo/SP Fone: (11) 3813 3450 e (11) 3812 1520
cti-sp@trabalhoindigenista.org.br

Escritório Carolina

Rua Gomes de Souza 344 cep 65980-000
Carolina/MA Fone: (99) 531 2703
cti-ma@trabalhoindigenista.org.br

Terras Guarani no Litoral - 2004

Programa Ambiental/Guarani

Coordenação

Maria Inês Ladeira

Organização e edição

Maria Inês Ladeira e Priscila Matta

Geoprocessamento e arte gráfica

Elaine Zuchiwschi

Levantamentos de campo

Equipe do Programa Guarani – CTI e colaboradores Guarani Cláudia Regina da Silva, Dafran Gomes Macário, Adriana Perez Felipim, Renato Vera Mirĩ, Celso Aquiles Vera Mirĩ, Taciana Vitti, Maria Inês Ladeira, Priscila Matta, Thiago Fondello, Alcides Mariano Gomes Guarani, Leonardo Wera Tupã e demais colaboradores Guarani do litoral

Desenhos, depoimentos e traduções

Colaboradores Guarani

Fotografias

Maria Inês Ladeira, Claudia R. da Silva, Adriana P. Felipim e Priscila Matta

Projeto gráfico e capa

Renata Alves de Souza

Imagens da capa

Fotos - Maria Inês Ladeira / Desenhos - João Antunes (Morro dos Cavalos) e Mario da Silva

Revisão de textos

Edson Lopes

Realização

**COMUNIDADES GUARANI
M BYA DO LITORAL**



Apoio ao Programa Ambiental e à publicação



Outubro 2004

TERRAS GUARANI NO LITORAL

KA'AGÜY ORERAMÓI KUÉRY OJOU RIVE VAEKUE Ñ
As matas que foram reveladas aos nossos antigos avós

2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Terras Guarani no Litoral : as matas que foram reveladas aos nossos
antigos avós = Ka'agüy oreramói kuéry ojou rive vaekue ã /
[organização e edição Maria Inês Ladeira e Priscila Matta]. --
São Paulo : CTI - Centro de Trabalho Indigenista, 2004.

Vários colaboradores.

Vários fotógrafos.

Apoio: Norwegian Rainforest Foundation, The Rainforest Foundation.

1. Brasil, Litoral - Geografia 2. Índios Guarani -
Território 3. Mata Atlântica 4. Meio ambiente
I. Ladeira, Maria Inês. II. Matta, Priscila. III. Título: Ka'agüy
oreramói kuéry ojou rive vaekue ã.

04 - 7619

CDD - 980 . 3

Índices para catálogo sistemático:

1. Guarani : Índios : América do Sul

980 . 3

SUMÁRIO

- 4 **APRESENTAÇÃO**
- 5 **NOTA INTRODUTÓRIA**
- 7 **MAPA TERRITÓRIO GUARANI**
- 8 **O TERRITÓRIO GUARANI MBYA**
- 10 **A MATA ATLÂNTICA**
- 13 **OGUATA PORÁ**
- 16 **TERRAS GUARANI NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL**
 - 18 TI Água Grande
 - 20 TI Pacheca
 - 22 TI Coxilha da Cruz
 - 24 TI Passo Grande
 - 26 TI Lomba do Pinheiro
 - 28 TI Cantagalo
 - 30 TI Estiva
 - 31 TI Itapuã
 - 32 TI Rio Capivari
 - 33 TI Capivari
 - 34 TI Barra do Ouro e Varzinha
 - 36 TI Riozinho
 - 37 TI Campo Bonito
- 38 **TERRAS GUARANI NO LITORAL DE SANTA CATARINA**
 - 40 TI Cachoeira dos Inácios
 - 42 TI Massiambu
 - 44 TI Morro dos Cavalos
 - 46 TI Cambirela
 - 48 TI Mbiguaçu
 - 50 TI Pirai
 - 52 TI Tatumã
 - 53 TI Pindoty
 - 54 TI Morro Alto e Tapera
- 56 **TERRAS GUARANI NO LITORAL DO PARANÁ E NO VALE DO RIBEIRA (SP)**
 - 58 TI Sambaqui
 - 59 TI Ilha da Cotíngia
 - 60 TI Morro das Pacas, Cerco Grande e Pescada
 - 64 TI Ilha do Cardoso
 - 66 TI Rio Branco de Cananéia
 - 68 TI Itapitangui e Pirai
 - 69 TI Subaúma
 - 70 TI Pindoty
 - 72 TI Juréia
 - 74 TI Sete Barras
 - 76 TI Miracatu
 - 77 TI Serra do Itatins
- 78 **TERRAS GUARANI NO LITORAL SUL DE SÃO PAULO E GRANDE SÃO PAULO**
 - 80 TI Rio Branco
 - 82 TI Itaóca
 - 84 TI Aguapeú
 - 86 TI Barragem e Krukutu
 - 88 TI Jaraguá
- 90 **TERRAS GUARANI NO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO**
 - 92 TI Ribeirão Silveira
 - 94 TI Boa Vista do Sertão do Promirim
 - 96 TI Araçonga
 - 97 TI Rio Pequeno
 - 98 TI Parati Mirim
 - 100 TI Bracuí
- 102 **TERRAS GUARANI NO ESPÍRITO SANTO**
 - 104 Boa Esperança
 - 105 Três Palmeiras
 - 105 Piraquê - Açú
- 106 **MUNICÍPIOS COM TERRAS INDÍGENAS NAS REGIÕES SUL E SUDESTE DO BRASIL - 2004**
- 108 **TERRAS GUARANI NO SUL E SUDESTE DO BRASIL - 2004**
- 113 **TERRAS INDÍGENAS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL NO SUL E SUDESTE DO BRASIL - 2004**

APRESENTAÇÃO

Todos os brancos e todos os filhos caçulas (Mbya) de Nhanderu vivem hoje no mundo, todos. Mas as pessoas, etavaekuéry (aqueles que são muitos - os brancos) e os Guarani, não devem se estranhar. Devem se entender, todos (...). Mas o sistema do jurua (jurua rekopa) não deve ser seguido, meus pequenos filhos. Nhanderu deu este conselho: “nossos filhos e filhas legítimos, unidos no mundo, com um só pensamento deverão ficar”.

(Maria Tataxĩ)

As populações indígenas são profundas conhecedoras de estratégias de sustentabilidade dos ambientes em que vivem. Estes conhecimentos não somente contribuíram para que o conjunto de suas Terras contivessem as maiores superfícies de áreas conservadas do país, mas também representa um valioso acervo de técnicas. Por outro lado, temos que nos conscientizar de que as sociedades indígenas são dinâmicas e que o contato com as populações não-indígenas ainda vem causando drásticas reduções nos seus territórios e grandes alterações nos seus ambientes e modo de vida. É certo que para manterem seus conhecimentos - de inestimável valor para a sobrevivência dos seres vivos, incluindo a espécie humana - as populações indígenas precisam continuar utilizando esses conhecimentos na sua prática cotidiana. Cada vez mais, portanto, é necessário um melhor equacionamento de soluções na área ambiental.

De um modo geral, as comunidades indígenas têm demonstrado um grande interesse em participar diretamente dos levantamentos, das caracterizações e dos diagnósticos ambientais em suas Terras, contribuindo com informações acerca das suas relações com o “meio-ambiente” e a “biodiversidade”. Para os povos indígenas a idéia de ambiente se fundamenta em suas cosmologias e está diretamente relacionada às noções amplas de território e aos bens naturais que produzem e encontram na Terra. Somente com a efetiva participação deles é possível a realização de zoneamentos voltados à proteção dos ambientes de suas Terras e entorno.

Falar do meio ambiente das Terras Guarani é falar da crítica situação fundiária que as envolve. Para o povo indígena Guarani a escassez de terras e os inumeráveis conflitos fundiários que vivem suas comunidades são os dilemas mais prementes na conservação de seus ambientes.

NOTA INTRODUTÓRIA

Neste livro, as **Terras Indígenas*** e as demais referências tais como estradas, rios e **Unidades de Conservação de Proteção Integral****, estão plotadas em imagens de satélite ou fotos aéreas georreferenciadas. Estas imagens foram as bases para os Guarani apontarem as áreas utilizadas que, em alguns casos, não estão circunscritas nas áreas oficialmente delimitadas. Os desenhos das espécies animais e vegetais, elaborados pelos Guarani, são representações livres e esquemáticas, sobrepostas às imagens. Não é intenção mostrar a diversidade de todos os recursos existentes, mas apontar os espaços e as espécies mais significativas tanto nas suas relações materiais quanto simbólicas. O conjunto de casas habitadas por famílias nucleares ou extensas está representado pelo desenho de uma única casa, independentemente do número destas e de pessoas.

Em vez de realizar um levantamento detalhado em uma Terra, priorizamos apresentar uma visão panorâmica da porção do território atual dos Guarani em todo o litoral, aos próprios índios e aos brancos, evidenciando os contrastes entre o modos de vida Guarani e o modelo expansionista de civilização da sociedade nacional. Com essa finalidade, nas caracterizações de cada Terra Indígena, os recortes nas imagens de satélite e fotos aéreas abrangem as áreas significativas do seu entorno tornando evidentes os impactos e as pressões ambientais incidentes.

Para visualização da distribuição das Terras Guarani e das Unidades de Conservação de Proteção Integral no contexto atual, há 5 composições de imagens de satélite relativas aos seguintes recortes regionais: litoral do Rio Grande do Sul, litoral de Santa Catarina, litoral do Paraná e Vale do Ribeira-SP, litoral sul de São Paulo e Grande São Paulo, litoral norte de São Paulo e Rio de Janeiro. Por sua distância atual das demais, as aldeias Guarani do Espírito Santo não estão regionalmente localizadas.

* **Terra Indígena** é uma categoria jurídica, definida pelo *Estatuto do Índio*, atrelada às práticas administrativas da FUNAI- Fundação Nacional do Índio. Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 231. § 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

As caracterizações ambientais das Terras ocupadas pelos Guarani presentes neste livro foram realizadas em conjunto com os Guarani Mbya, foco do Programa Ambiental e do trabalho do CTI há 25 anos, precisamente em 55 aldeias situadas no litoral entre os estados de Rio Grande do Sul e Espírito Santo. As 5 Terras ocupadas pelas comunidades que se autodenominam Tupi ou Tupi Guarani, no litoral de São Paulo (Bananal - TI Peruibe, Piaçaguera, Paraíso, Renascer, Xixova Japuí - Paranapoã), estão localizadas nas imagens regionais mas não constaram dos levantamentos. A presença histórica e atual desses indígenas no litoral, suas dinâmicas sociais e suas relações com o ambiente exigem estudos específicos.

Uma vez que as dinâmicas sociais dos Guarani não se concentram em uma única aldeia e sim no conjunto de aldeias do seu território, optamos por não especificar por região, UF ou Terra, o número de habitantes, o qual varia de acordo com fatores internos e externos. Privilegiamos nesta publicação as informações visuais sobre a situação fundiária e ambiental das Terras Guarani e seu entorno, no litoral, e as reflexões e vivências dos Guarani manifestadas nos depoimentos. Nesse sentido os demais textos contêm informações gerais e complementares, sem aprofundar as diversas áreas de conhecimento envolvidas.

Os depoimentos e discursos foram gravados nas aldeias, em Guarani, a maioria durante as oficinas de 2002 e 2003. As traduções foram feitas aos integrantes da equipe do CTI por colaboradores Guarani que dominam a língua portuguesa.

** **Unidade de Conservação de Proteção Integral** é um espaço territorial e seus recursos ambientais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público com objetivos de conservação e com limites definidos; visam a manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitindo apenas o uso indireto dos seus atributos naturais, ou seja, o uso que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais.



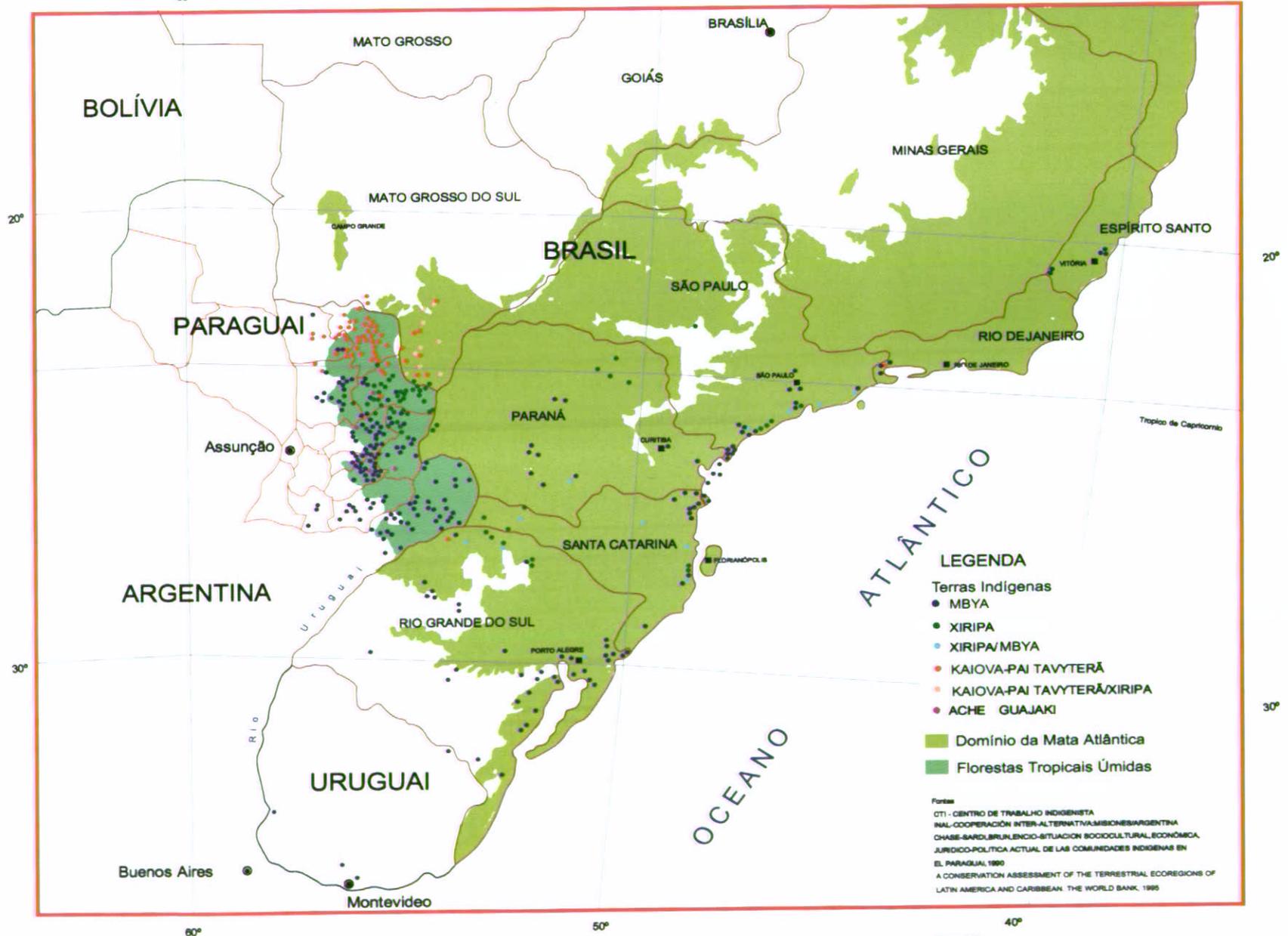
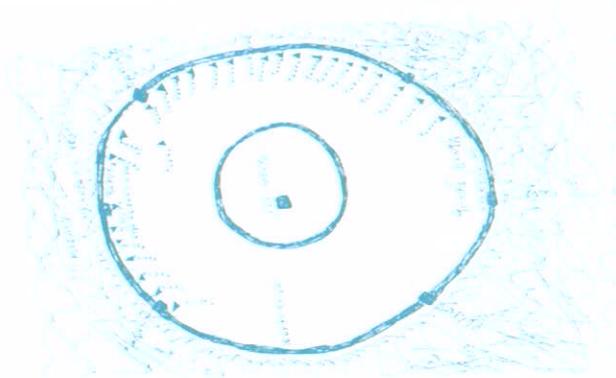
OS INDIOS GUARANI que vivem atualmente no Brasil são classificados pela literatura etnográfica em função de diferenças dialetais, de costumes e de práticas rituais, em três grupos – Kaiova, Nhandéva ou Xiripa e Mbya. No Paraguai, os Kaiova são conhecidos por Paï Tavyterã e os Nhandéva por Xiripa e Ava-Xiripa. Kaiova, Nhandéva e Mbya são também nome dos dialetos da língua guarani da família lingüística tupi-guarani do tronco lingüístico tupi.

As aldeias Kaiova / Paï-Tavyterã concentram-se no sul do Mato Grosso do Sul e na região oriental do Paraguai. Os Nhandéva ou Xiripa, vivem em aldeias no Paraguai e, no Brasil, encontram-se no Mato Grosso do Sul, no interior dos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul e no litoral de São Paulo e de Santa Catarina.

Os Mbya estão presentes em várias aldeias na região oriental do Paraguai, no nordeste da Argentina (provincia de Misiones) e Uruguai. No Brasil vivem em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – e em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo em várias aldeias junto à Mata Atlântica do litoral. Também na região norte do Brasil encontram-se famílias Mbya originárias de um mesmo grande grupo que, vindos do Paraguai, chegaram ao Brasil há mais de cem anos e, atualmente, seus descendentes vivem no Pará (município de Jacundá e Itupiranga), em Tocantins (Xambioá), além de algumas famílias dispersas na região Centro-Oeste.

A população guarani no litoral é composta basicamente pelos Mbya e Nhandéva. Atualmente os Mbya predominam numericamente, em toda a faixa litorânea do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo. Estimativas apontam que a época da conquista a população guarani era, no mínimo, de 2 milhões de pessoas. Atualmente somam cerca de 70 mil (Brasil, Paraguai e Argentina), sendo, no Brasil, aproximadamente 35 mil: Kaiova – 20 mil, Nhandéva – 8 mil e Mbya – 7 mil.

TERRITÓRIO GUARANI



Elaborado por
 Maria Inez Martoni
 Helene Maria Cesar Gonçalves
 Adaptado por Elaine Zuchowicz

Dezembro de 2000
 Atualizado em setembro de 2004

O TERRITÓRIO GUARANI MBYA

Territorialidade

Os índios Guarani Mbya do litoral procuram fundar suas aldeias com base nos preceitos míticos que fundamentam especialmente a sua relação com a Mata Atlântica, na qual, simbólica ou praticamente, condicionam sua sobrevivência. Esses lugares, procurados ainda hoje pelos Mbya, apresentam, através de elementos da flora e da fauna típicos da Mata Atlântica, de formações rochosas e mesmo de ruínas de edificações antigas, indícios que confirmam essa tradição. Formar aldeias nesses lugares 'eleitos' significa estar mais perto do mundo celestial, pois, para muitos, é a partir desses locais que o acesso a yvy marãey, 'terra sem mal', é facilitado- objetivo histórico perpetuado pelos Mbya através de seus mitos.

Os Guarani Mbya mantêm a configuração de seu território tradicional através de suas inúmeras aldeias distribuídas entre vastas regiões no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e no Brasil, constituindo-se o mar seu limite terreno. Para os Mbya, o conceito de território supera os limites físicos das aldeias e trilhas e está associado a uma noção de mundo que implica na redefinição constante das relações multiétnicas e no compartilhar espaços. A apreensão de seu território, por sua vez, afirma-se no fato de que suas relações de reciprocidade não se encerram exclusivamente nem em suas aldeias, nem em complexos geográficos contínuos. Elas ocorrem no âmbito do mundo onde se configura seu território. Desse modo, as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e religiosas e as redes de parentesco implicam em permanente mobilidade que garante aos Mbya o domínio de uma ampla extensão geográfica.

Embora a proximidade geográfica favoreça o estreitamento das relações entre as aldeias, a sociedade Guarani possui regras, costumes e tradições das quais participa todo o seu conjunto.

O território ou mundo Guarani Mbya, enquanto espaço cartográfico e geográfico, é fragmentado e compartilhado por diferentes sociedades e grupos sociais. Em contraposição, as aldeias ou *tekoa* – lugar onde vivem segundo seus costumes e leis – não podem abrigar outros grupos humanos. O espaço físico de um *tekoa* deve conter recursos naturais preservados e permitir a privacidade da comunidade. Entretanto, a fragmentação atual das aldeias, definidas por limites artificiais em função do reconhecimento público e oficial de outras ocupações (tais como fazendas, loteamentos, estradas e projetos de abastecimento), as inviabiliza enquanto espaço que garanta a subsistência da própria comunidade. Apesar disso verifica-se, nas diversas aldeias, um modo peculiar de apreensão, construção e organização do espaço, desenvolvido através do exercício social, político, religioso e do manejo de espécies tradicionais.

O território ocupado pelos Guarani Mbya compreende regiões de vários Estados Nacionais (Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina) e, como tal, diferentes contextos políticos, econômicos e instâncias diversas de poder, políticas agrárias e legislações fundiárias e ambientais específicas.

É um território geográfico amplo, não contínuo, compartilhado por distintas sociedades e conservado através do intercâmbio, da manutenção e formação de aldeias em locais estratégicos, com referenciais simbólicos e práticos. A ocupação das aldeias e a apreensão de um amplo território acontecem por meio das dinâmicas sociais e políticas e de movimentos religiosos.

As atividades de manejo e os intercâmbios de espécies naturais e culturais extrapolam as áreas limitadas às comunidades Guarani e ocorrem entre aldeias situadas em lugares e regiões próximas ou distantes.

As delimitações oficiais das Terras Guarani têm como condicionante as ocupações do entorno e seus diferentes modelos. Isso implica na escassez e descontinuidade de áreas de mata e na inviabilidade dos Guarani em deterem o uso exclusivo das espécies naturais.

Contexto Fundiário

Nhanderu tenonde (nosso pai verdadeiro) diz: "os jurua não podem brigar com vocês, nem vocês podem chamá-los à briga, meus filhos", pois assim Nhanderu falou. E isso nós (os Mbya) estamos cumprindo na Terra. Pois nossos filhos não podem acabar, pois se os filhos caçulas desaparecem da terra, isso vai apressar o fim da terra. (Maria Tataxĩ)

Nas regiões Sul e Sudeste do Brasil encontram-se, atualmente, cerca de 100 Terras ocupadas pelos Mbya e Nhandéva, além de outros locais de parada provisória e/ou sistemática. Na faixa litorânea, junto à Mata Atlântica em regiões montanhosas - Serra do Mar (SP), Serra da Bocaina (RJ), Serra do Tabuleiro (SC) -, estão cerca de 60 aldeias das quais somente 19 Terras Guarani (de superfícies que variam de 1,7 à 4.372,26 mil hectares) somando um total de 20.006,46 hectares, estão homologadas* pela presidência da república. No interior dos estados do sul, dentre as 40 áreas onde vivem índios Guarani, das 21 áreas homologadas, 14 são ocupadas predominantemente pelos índios Kaingang (RS, SC, PR) e Xokleng (SC), sendo que os Guarani ocupam uma pequena porção dessas áreas. Apesar de insuficientes, nem todas as Terras homologadas estão livres e desimpedidas para o uso exclusivo dos Guarani.

Até meados de 1980, a posição oficial era a de que as comunidades Guarani que viviam no planalto paulista e no litoral eram originárias do interior do Paraná, precisamente dos Postos Indígenas da FUNAI Mangueirinha e Rio das Cobras, para onde deveriam retornar, ou então se fixar nosso Posto Indígena em Peruibe (litoral sul de SP). Apesar do não reconhecimento das aldeias Guarani do litoral, alguns registros referiam-se à presença Guarani em aldeias do litoral do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

A partir dessa década, o crescimento de projetos imobiliários e turísticos decorrentes da construção da rodovia Rio-Santos e de estradas adjacentes tornou urgente o reconhecimento formal e a demarcação das aldeias Guarani em São Paulo. A regularização das áreas ocupadas pelos Guarani Mbya no litoral teve sua origem através de iniciativas do CTI - Centro de Trabalho Indigenista. Em 1983, devido o interesse do recém assumido Governo de SP (Franco Montoro – PMDB) na resolução de conflitos fundiários, o CTI encaminhou um projeto para regularização das Áreas Guarani do Estado de São Paulo efetivada por meio de convênio celebrado entre o Governo estadual e a FUNAI em 20/12/84. Em 1987 foram homologadas 7 Terras Indígenas. Posteriormente, pressões ambientais e ocupações desordenadas e irregulares decorrentes de projetos de desenvolvimento (saneamento, abastecimento, estradas e rodovias como a duplicação da rodovia Br 101, no sul) exigiram maiores articulações dos Guarani e seus aliados, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os processos judiciais envolvendo comunidades Guarani, em todos os estados, iniciam sua história a partir da realização dos procedimentos para a regularização de suas Terras. Até o momento 17 ações foram movidas contra a presença Guarani no litoral.

Embora os procedimentos administrativos oficiais vigentes não tenham dado conta da complexidade dessa situação, e os impasses, via de regra, revertam na paralisação dos processos de regularização fundiária ou no desfecho insatisfatório para os índios e/ou seus confrontantes, após a promulgação da Constituição Federal de 1988 que em seu artigo 231 reconhece aos índios “os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam cabendo à União a sua proteção e demarcação”, algumas conquistas foram obtidas pelos Guarani com o reconhecimento e regularização de algumas Terras no litoral.

Entretanto, por constituírem uma população diferenciada etnicamente e minoritária nos diversos contextos regionais, as pressões e as tentativas de controle de suas dinâmicas sociais e territoriais são constantes.

*** Decreto nº1.775 de 08/01/1996. Procedimentos para demarcação: constituição de grupo técnico para realização de trabalhos de Identificação e Delimitação, aprovação pela FUNAI e publicação no DOU, manifestações de terceiros, aprovação do Ministério da Justiça e emissão de portaria declaratória dos limites publicada no DOU, demarcação física, homologação e registro no SPU.**

Contexto Ambiental

O processo de destruição da Mata Atlântica, promovido pelo nosso modelo de civilização, tem colocado enormes dificuldades para a reprodução cultural dos índios Guarani – que só pode acontecer conjugada à Mata Atlântica. A visão de mundo Guarani e suas categorias geográficas e ambientais não são as mesmas que norteiam os parâmetros oficiais observados nas diretrizes de criação de unidades de conservação. Mas apesar destas diferenças, o interesse dos Guarani na conservação das florestas é vital, pois somente preservando a diversidade biológica podem viver seu modo de vida segundo sua cosmologia.

A exploração intensiva das florestas, o processo de industrialização e urbanização e os investimentos agropecuários nas regiões de Domínio da Mata Atlântica, promoveram a extinção de espécies vegetais e animais e dizimou a maior parte das sociedades indígenas, sua cultura e conhecimento. A destruição conjugada de florestas e índios nas regiões Sul e Sudeste (e Centroeste e Nordeste) trouxe perdas irreversíveis. Se antes da conquista a área de Domínio da Mata Atlântica era exclusiva das populações indígenas, hoje seus remanescentes são dominados pelas instituições da sociedade nacional. Nesse contexto é natural que as Terras Indígenas, cujas florestas são juridicamente Protegidas, contemplem áreas que compõem as atuais Unidades de Conservação.

Em decorrência do modelo de desenvolvimento nacional os grandes projetos são intensificados: saneamento e abastecimento de água, usinas nucleares, sistemas de transmissão de energia elétrica, barragens, construção de estradas e rodovias, gasodutos, entre outros, todos pleiteando o uso dos recursos naturais das áreas de ocupação Guarani, sobretudo os hídricos, ou incidindo sobre elas. Além do não reconhecimento das Terras Guarani, esses projetos ignoram, entre outros, o Decreto nº 1.141** que dispõe sobre a proteção ambiental nas áreas indígenas e seu entorno.

Embora o reduto Mata Atlântica / povos indígenas das regiões sul e sudeste não tenha atraído, por parte do Governo, maiores interesses e ações voltadas à preservação do meio ambiente, é onde ocorrem os impasses mais críticos e os modelos de desenvolvimento econômico mais injustos e lesivos aos povos indígenas. É importante lembrar que essas regiões abrigam cerca de 40% da população indígena do país e que as Terras Indígenas contemplam áreas preservadas ambientalmente.

Fonte: Ladeira, M. Inês. Espaço geográfico Guarani Mbya - Significado, constituição e uso. S.P., FFLCH/USP, 2001

****Decreto nº 1.141 de 19/05/1994. Cap.II, Art.9º As ações voltadas à proteção ambiental das terras indígenas e seu entorno destinam-se a garantir a manutenção do equilíbrio necessário à sobrevivência física e cultural das comunidades indígenas.**

A MATA ATLÂNTICA

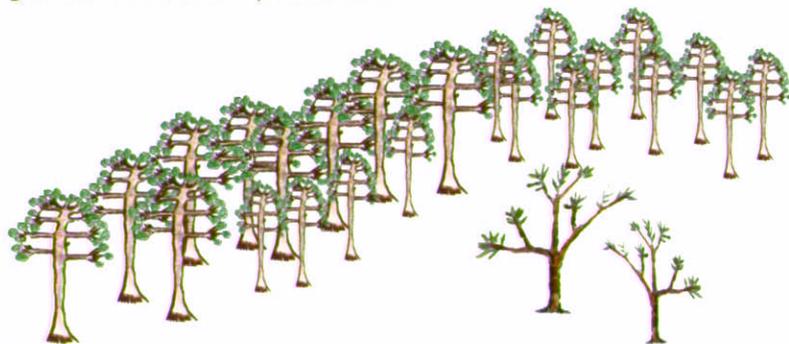
O nome Mata Atlântica se aplica a diversos tipos de formações vegetais nativas ocorrentes ao longo da costa litorânea brasileira (do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul) estendendo-se pelo interior dos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e também em partes da Argentina e do Paraguai.

Essas formações vegetais nativas, ou ambientes, são resultado das diferenças de solo, relevo, hidromorfismo e de características climáticas existentes na ampla área geográfica do bioma Mata Atlântica, sendo assim classificadas: floresta ombrófila densa, floresta ombrófila mista, floresta ombrófila aberta, floresta estacional decidual, floresta estacional semidecidual, manguezais, restingas e campos.

Sua atual área de abrangência encontra-se altamente reduzida e fragmentada com os principais remanescentes florestais localizados em áreas de difícil acesso, circundados por cidades, loteamentos, zonas industriais, campos agrícolas e pecuários, culturas intensivas de pinus e de eucalipto. Todavia, a preservação desses remanescentes vem garantindo a contenção de encostas, a manutenção da diversidade de fauna e flora, e abriga as populações Guarani que estão em diversas localidades situadas em diferentes ambientes da região Sul e Sudeste.

A Mata Atlântica, considerada uma das mais ricas em espécies endêmicas e, portanto, de grande prioridade para a conservação da biodiversidade, estendia-se no século XVI por cerca de 15% do território brasileiro. Hoje, reduzida a cerca de 7% de sua área de domínio, é uma das áreas mais ameaçadas do planeta.

A exploração da Mata Atlântica vem ocorrendo desde a chegada dos portugueses ao Brasil, cujo interesse primordial era a exploração do pau-brasil. O processo de desmatamento prosseguiu durante os ciclos da cana-de-açúcar, do ouro, da produção de carvão vegetal, da extração de madeira, da plantação de cafezais e pastagens, da produção de papel e celulose, do estabelecimento de assentamentos de colonos, da construção de rodovias e barragens, e de um amplo e intenso processo de urbanização, com o surgimento das maiores capitais do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, e outras grandes cidades e povoados.



Identificação de ambientes pelos Guarani Mbya

As condições ambientais encontradas nas terras Guarani e seu entorno, nos Estados das regiões Sul e Sudeste, variam em diversos aspectos, desde a floresta que as recobre às condições de solo e clima. As Terras Guarani deveriam conter diferentes ambientes para que suas atividades – roça, coleta, caça e pesca – possam ser desenvolvidas plenamente. Entretanto, em razão do modelo de desenvolvimento nacional e da conseqüente degradação da Mata Atlântica, hoje são poucas as aldeias que detêm ambientes diversificados em seu interior.

As denominações Guarani Mbya consideram as diferentes unidades de relevo e suas respectivas formações vegetais. As principais unidades de relevo são: *yvy yvate* – termo utilizado para designar os morros e/ou as serras; *yvy mbe* – áreas planas e *yvy yapo* – áreas periodicamente alagadas. As formações vegetais mais referidas são *ka'agüy poru ey*, *ka'agüy ete*, *ka'agüy karapei*, *xararakã* e *kapii*.

Ka'agüy poru ey - formações vegetais (florestais ou não) que recobrem locais intocados, locais que nunca foram “mexidos” e “alterados” pelo homem. *Ka'agüy poru ey* simboliza para os Guarani os locais “sagrados” e “intocáveis”.

Ka'agüy ete - matas primárias (comumente chamadas de “mata virgem”) e/ou em estágio avançado de regeneração. *Ka'agüy ete* significa para os Guarani a “mata verdadeira”, que deve ser conservada, pois abriga os animais e, sobretudo, diversas plantas medicinais.

Ka'agüy karape'i - “matas baixas” e “capoeiras”, formações em estágio inicial e médio de regeneração. São estes os locais escolhidos para habitação e roça (*kokue*). Nas áreas de *ka'agüy karape'i* também são praticadas atividades de coleta (madeira para as casas, lenha, entre outras) e de caça (sobretudo com o auxílio de armadilhas). Atualmente muitas aldeias estão localizadas em áreas cuja cobertura Florestal se caracteriza apenas por *ka'agüy karape'i* sendo que para as comunidades isto reflete em perda de vários itens necessários à vida Guarani, encontrados nas outras formações Florestais principalmente *ka'agüy ete*. “Para os Guarani deixaram apenas capoeira” (Luis Guarani).

Yvyra ataëy eta (muita árvore mole, caixetal) - ocorrente nas áreas nomeadas como *yvy yapo* (áreas periódica e/ou constantemente alagadas). A leitera no Rio Grande do Sul recebe o mesmo nome que a caixeta (*kurupika'y*) e é utilizada para o mesmo fim. Muito valorizadas pelos Guarani as aldeias onde ocorrem caixetais ou leiteras são locais de visitas para a aquisição desta matéria prima para confecção de artesanato (miniaturas de animais).

Xararakã - vegetação de mangue ocorrente nas áreas nomeadas como *yvy yapo* (áreas alagadas).

Kapii - formações herbáceas como os sapezais e outras espécies utilizadas para cobertura de casas. As áreas onde se encontram *kapii* podem ocorrer tanto nos ambientes nomeados *yvy yapo* (áreas alagadas) como também naqueles nomeados como *yvy yvate* (morro alto), *yvy ndaiyvatei* (morro baixo) e *yvy mbe* (áreas planas). Estas formações podem ser de ocorrência natural ou produto de intensa ação antrópica.

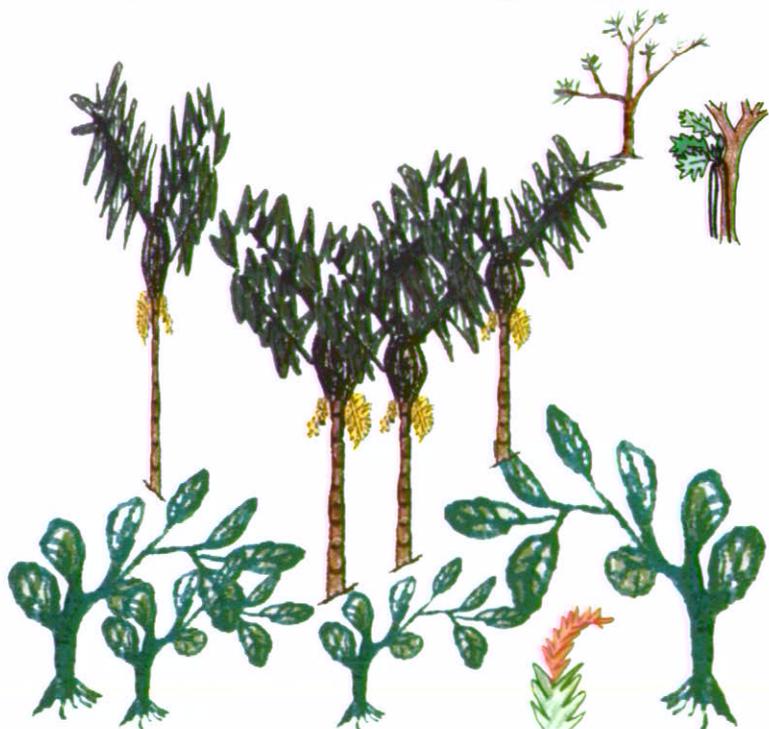
Atividades tradicionais Guarani

A agricultura Guarani prioriza a conservação de diversas plantas cultivadas secularmente, denominadas pelos próprios Guarani de plantas “verdadeiras” (*ete*). As roças Guarani, em geral, são dispostas próximas às casas. Nas aldeias Guarani Mbya, das regiões Sul e Sudeste do Brasil, destacam-se variedades do milho Guarani (*avaxi etei*), da batata-doce (*jetý*), do amendoim (*manduvi*), feijão (*kumanda*), mandioca (*mandio*), capia (*kapia*), cabaça/porunga rasteira (*yakuá*), sorgo sacarino (*takuareẽ*), tabaco (*pety*) e a melancia (*xanjau*).

Os Guarani efetuam seu próprio manejo de caça resguardando as estações (primavera/verão) em que os animais se reproduzem e se desenvolvem. Devido a redução das espécies, essa prática vem se restringindo gradualmente.

As atividades de coleta são realizadas para diversas finalidades como usos medicinais, alimentação, construção de casas, confecção de armadilhas e artesanato. Para cada uma dessas finalidades está envolvida uma ampla diversidade de espécies.

Assim como as atividades de coleta, a pesca pode ser realizada em qualquer época do ano. Todavia, para esta atividade também existe um “tempo certo” caracterizado pela maior abundância de peixes nos rios e a atenção a algumas fases da lua.



* **Floresta Ombrófila Densa** - ocorre em ambientes de clima quente e úmido, praticamente sem épocas secas durante todo o ano. Extremamente fragmentada, trata-se de uma mata perenifolia (sempre verde), com dossel (“teto” da floresta) de até 15m, com árvores emergentes de até 40 m de altura. Densa vegetação arbustiva, composta por samambaias arbóreas e palmeiras. As trepadeiras e epífitas (bromélias, orquídeas) também são abundantes. Nas áreas mais úmidas, encontram-se figueiras, jerivas (*Syagrus romanzoffiana*) e palmitos (*Euterpe edulis*). Tendo em vista a amplitude da sua ocorrência podem existir variações nas composições florísticas ao longo de toda a sua distribuição.

Floresta Ombrófila Aberta - é considerada um tipo de transição de floresta ombrófila densa, ocorrendo em ambientes com características climáticas mais secas.

Floresta Estacional (Decidual e Semidecidual) - mata com árvores de 25 e 30m, com a presença de espécies decíduas (derrubam folhas durante o inverno mais frio e seco), com considerável ocorrência de epífitas e samambaias nos locais mais úmidos, e grande quantidade de cipos (trepadeiras).

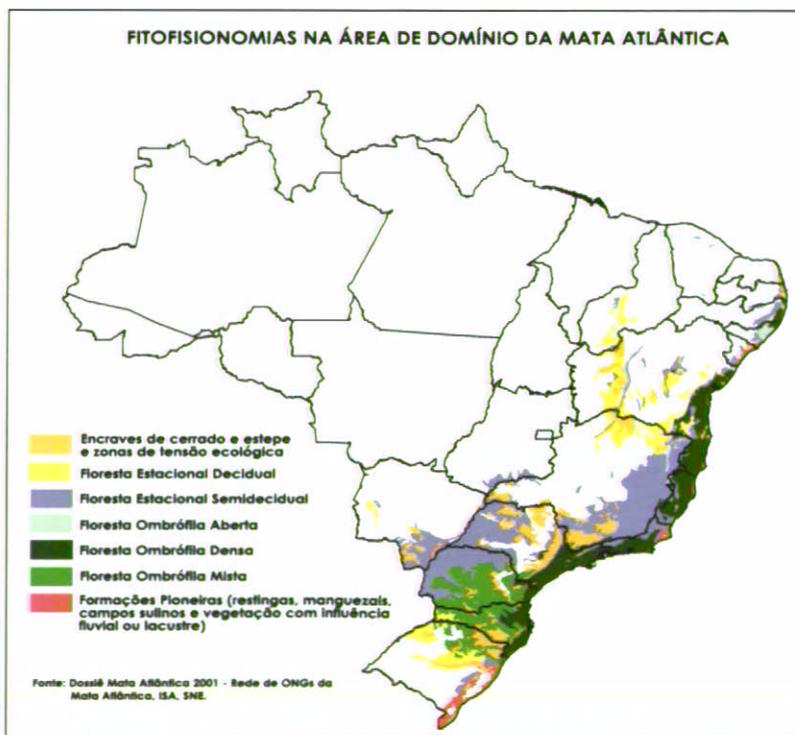
Floresta Ombrófila Mista - conhecida como mata de araucária, pois o pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*) constitui o andar superior da floresta, com sub-bosque bastante denso. É característica de ambientes de clima subtropical pluvial e ocorre, em sua maior parte, na região Sul do país.

Manguezais - ocorre ao longo dos estuários, em função da água salobra produzida pelo encontro da água doce dos rios com a do mar. É uma vegetação muito característica, pois o manguezal tem apenas sete espécies de árvores, menos de 1% das registradas na mata atlântica mas abriga uma diversidade de microalgas pelo menos dez vezes maior.

Restinga - ocupa grandes extensões do litoral e ocorre nas praias, dunas, depressões e cordões arenosos, tornando-se mais variada e desenvolvida a medida que avança para o interior da planície litorânea. Pode também apresentar brejos com densa vegetação aquática. Abriga muitos cactos, orquídeas e bromélias. Esta formação encontra-se hoje muito devastada pela urbanização.

Campos - Ocorrem em elevações superiores a 180m e em linhas de cumeadas localizadas. A vegetação característica é formada por comunidades de gramíneas. Frequentemente nas maiores altitudes ocorrem topos planos ou picos rochosos.

* fonte: VELOSO, H.P., RANGEL FILHO, A. L.; LIMA, J.C. 1991. *Classificação da Vegetação Brasileira, adaptada a um sistema universal*. RJ: IBGE, Depto de Recursos Naturais e Estudos Ambientais



OGUATA PORÃ

Aurora Carvalho da Silva
Krexu Mirĩ * (2003)

Venham todos Nhanderu! Venham para nos levantarmos e contar o *Oguata* (caminhada). Mesmo sendo difícil, tenho lembranças da minha mãe, e vou contar um pouco nesse *tekoaxy* (mundo terreno), por onde minha mãe andou, aquela que me amamentou. Primeiro ela saiu de *Yvymbyte* (meio do mundo). Ela começou muito menina ainda. Nós, Guarani, chamamos *Yvymbyte* onde hoje é a terra do Paraguai, que nosso Nhanderu deixou para nós chamarmos assim, *Yvymbyte*. Quando passamos para Argentina, só tinha eu, única filha ainda. Argentina, é como os brancos dizem.

Eu nasci no Paraguai, na aldeia Pindovy. O *Oguata* começou com *xe ramói* (meu avô, líder espiritual), *xe jaryi* (minha avó), *xe xy* (minha mãe)... Então, toda a nossa família passou para a Argentina.

Eu era a caçula da família, mas eu já entendia bem os discursos, as belas palavras dos *xe ramói kuéry* (de todos os meus avós). Entre nós, Guarani, cada criança nasce com um dom, que Nhanderu dá. Então, se cada um de nós seguir o caminho que Nhanderu orientou para nós, podemos ver, através do nosso dom, o nosso destino. Por isso, no mundo, a criança mesmo pequena já sente no seu interior o que é certo, e na mente, no pensamento (*akã*), já tem a visão (*aexa*) do que pode acontecer.

Quando eu era pequena, com mais ou menos sete anos, começou a caminhada. E nós andávamos. Paramos nas Ruínas de Santa Maria (Argentina), alguns já ouviram falar. Ali era um mato muito grande, mas minha mãe não quis ficar. Minha família, mãe, pai, tios, avós, não ficaram porque meu tio Hilário tinha um irmão que faleceu com a picada de uma cobra em Santa Maria. Esse corpo foi velado na *Opy* (casa de rezas), e lá os mais velhos se concentraram e receberam a revelação do caminho a seguir. Nas ruínas de Santa Maria ficamos mais ou menos sete anos, e recebemos a revelação para sepultar esse tio lá mesmo e todos juntos, todas as famílias, seguir *xe ramói*.

Então começou de novo a caminhada. Minha avó Tomásia, *xe ramói* Maurício. Na Argentina nós ficamos de seis a sete anos. E foi daí que chegamos na ponta do Brasil e lá nós paramos em San Xavier (Porto Xavier - RS). Foi assim que nós passamos para o Brasil. Lá nós ficamos, plantamos e sempre rezamos. Daí quem já liderava era minha mãe. E ela sempre pedia para todos seguirem sua orientação. Lá ela falou para caminharem pelo Brasil. Assim nós fizemos. E fomos pra lá de São Miguel. E de lá nós passamos perto de Pelotas, aldeia Kapi'i ovy, onde tem um monte bem alto. Lá ficamos plantando e rezando; e assim, fizemos a caminhada. E onde nós parávamos, nós plantávamos. Mas nós não ficávamos só, porque seguíamos a orientação de Nhanderu.



D. AURORA

De lá nós viemos e ainda não alcançamos essa região onde nós estamos (ES). A primeira chegada foi na aldeia do Rio Branco (SP), onde ficamos cinco anos. Cinco anos para nós são cinco colheitas que se passaram. No Rio Branco, eu tinha parentes do meu pai, do meu tio e a única filha (Jandira) dele que mora lá na aldeia do Jaraguá (SP).

Quando chegamos no Rio Branco já tinha bastante gente. Como não seguíamos bem a orientação de Nhanderu, e naquele tempo já tinha *yy tata* (água de fogo, pinga) que queima o organismo – e como não seguíamos a orientação –, alguns faleciam.

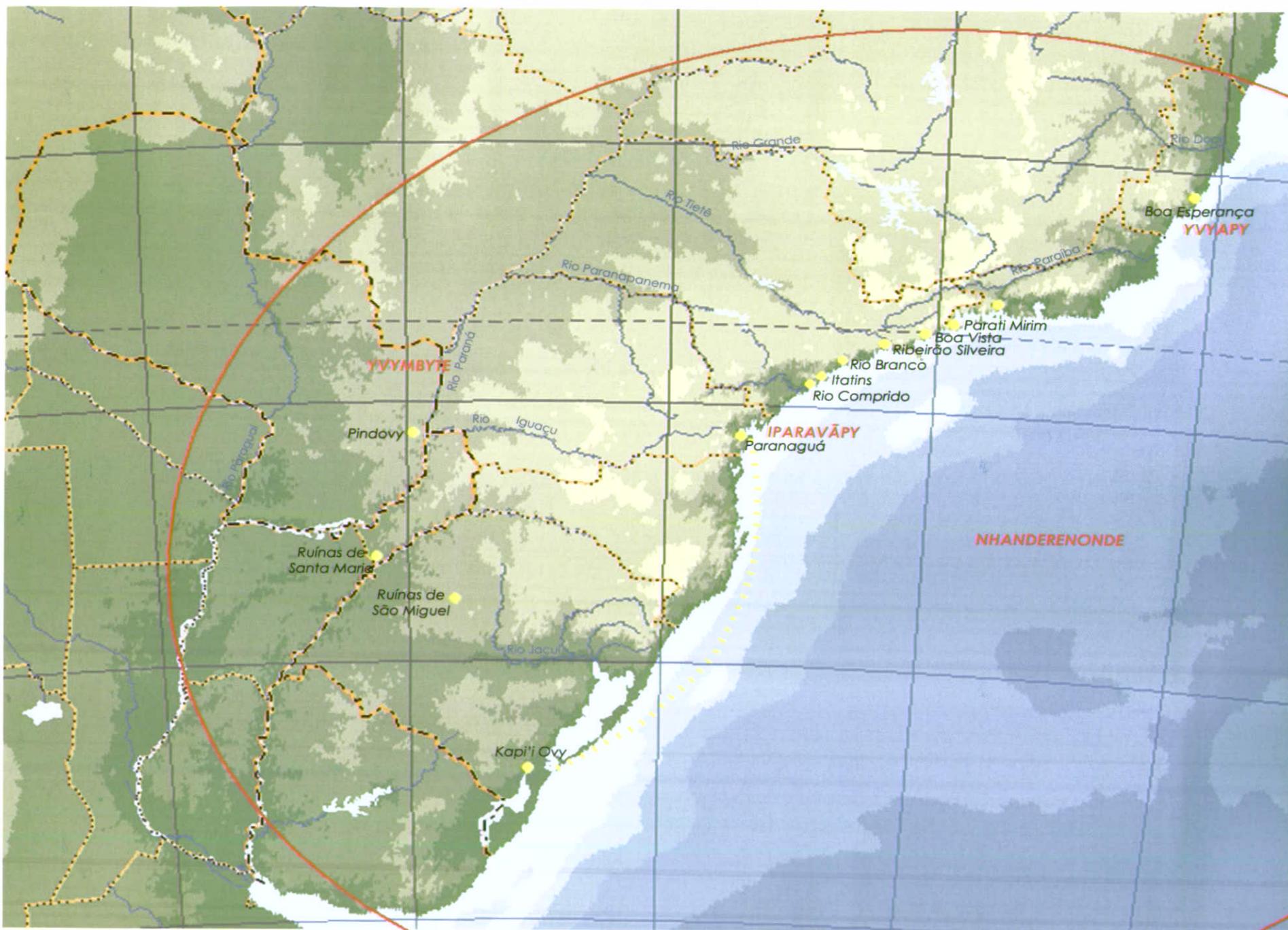
Então a minha mãe recebeu a revelação para seguir de lá, porque lá não ficariam bem. Então passamos para Itariri (SP). Lá vivemos três anos. Foi lá que nasceu o meu primeiro filho, Jonas kuaray. Mas nós também não ficamos nessa terra. Muitos não seguiram a orientação de Nhanderu e alguns deixaram o corpo na terra (faleceram). E Nhanderu falou para minha mãe: – você tem que seguir o seu destino e mudar de novo.

E de lá passamos para o Rio Comprido, pra lá de Peruibe (SP). Lá plantamos, como a minha mãe falou, ficamos e nasceram minhas duas filhas. E de lá recebemos, de novo, a revelação para irmos para outro lugar.

Naquele tempo, nós não precisávamos de carro, a gente não dependia de carro, só fazia o que Nhanderu revelou, o que ele orientou. De lá revelou o lugar que é a aldeia do Rio Silveira (SP). Lá nós ficamos um tempo, plantamos *takuarẽ* (sorgo), *mandio* (mandioca), *jety* (batata doce), todas as coisas do Guarani. Então, toda a colheita era uma fatura. Nessa época, no *Nheemongarai* da colheita (benzimento dos alimentos), acontecia outra revelação. E, nesse dia, recebi a revelação do que ia acontecer. Então, de lá nós fomos para Ubatuba (SP), onde fica a cachoeira grande. Ali formamos uma aldeia (Boa Vista).

* Dona Aurora, seguindo a tradição de sua mãe Maria Tataxĩ, personagem conceituada no mundo Guarani e entre os estudiosos, exerce liderança espiritual em todo território Guarani Mbya.

OGUATA PORÁ



● Aldeias visitadas e fundadas

----- Percurso feito pelo mar

○ Mundo Guarani



MARIA TATAXI

Em Ubatuba, fiquei um pouco vendendo as coisinhas na cidade, e minha mãe foi para Parati Mirim (RJ). Depois ela voltou para me buscar. De Ubatuba eu andava a pé, na trilha entre Ubatuba e Parati Mirim.

Assim, verdadeiramente, Nhanderu nos iluminava como fazer e seguir. Assim eram nossos costumes verdadeiros. Agora eu compreendo bem o que minha mãe fazia. E temos que saber que, ainda hoje, nossas avós e avôs também pedem força e coragem para nós todos, para todas as aldeias que tem o mundo (*tatapyrupa* - onde acendemos nossos fogos).

Nossos avós, nossos avozinhos, todos nós estamos perdendo os ensinamentos de Nhanderu. Nós somos as últimas gerações, os filhos caçulas dos nossos avozinhos. E por isso temos que nos fortalecer, ouvir e seguir as orientações de nossos avós, para eles terem força para continuar também fortalecendo a todos. Todos nós, quando vamos para a Terra, temos o objetivo de fortalecer nossos pais e nossos avós e parentes. É assim que vem o dom para cada um de nós.

Quando nascemos, quando viemos para o mundo, já viemos orientados por Nhanderu. Por isso, na sabedoria dos mais velhos, quando vai nascer uma criança não podemos errar (por causa do espírito da criança que já sabe).

Assim é a regra para todos Nhanderuvixa (nossos caciques, autoridades). Devemos seguir, e cada aldeia tem que apoiar e fortalecer os mais velhos, porque ele está fazendo como Nhanderu orientou.

Então ficamos em Parati Mirim, alguns anos. E foi lá que minha mãe recebeu a revelação, sonhou com a próxima caminhada que era para Porto Seguro (BA). Em Porto Seguro, de lá, ela ia se encantar e com o *apyka* (suporte ritual), atravessar o oceano e alcançar *yvy marãey*.

De Parati Mirim, nós saímos caminhando e chegamos no lugar que estamos hoje (ES). Ali minha mãe recebeu a revelação para



D. AURORA, ALDEIA RIO BRANCO/SP, 2003

ter muita força e coragem, para não sofrer muito com o que ia acontecer: ela não ia mais se encantar, porque seus filhos não seguiram sua orientação. Mas ela não deveria sentir muito, sofrer, e só deveria seguir a orientação de Nhanderu. Isso é o que vem no sentimento dos mais velhos. Então, se eles não agüentarem isso, vem o desânimo e eles não se fortalecem e, com os acontecimentos, chegam até a falecer. Os mais velhos não podem perder a força, eles não podem se abater porque quando vêm a morte, ou as doenças, eles têm que estar fortes.

Então, sempre caminhando, nós chegamos aqui. E minha mãe revelou que alcançamos os lugares por onde passaram *nhande ramói* (nossos avós) antigamente, os avós antigos que fizeram a mesma caminhada para se encantar e alcançar *yvy marãey*. E nós temos que ter a mesma firmeza para alcançar o que eles alcançaram. E foi assim que nós ficamos aqui (Aldeia Boa Esperança), e minha mãe reunia todas as forças para alcançar seu objetivo no espaço sagrado. Essa foi a nossa caminhada e foi muito difícil, pois muitas vezes não sabíamos o que ia acontecer e tínhamos que esperar.

Nhanderu diz: – o mundo já não é o mesmo. O mundo já tem muitas coisas sobre ele, tem várias coisas, e a terra já não é a mesma. Por isso é muito difícil para nós encontrarmos nos matos as coisas que precisamos para viver.

Nós temos que pedir para Nhanderu para nossos filhos crescerem com saúde e cada um tem que se esforçar para isso. Assim, Nhanderu deixou para seguir nossa tradição a casa de rezas, *Opy*. É onde ficam *nhande ramói kuéry* (todos nossos avós – lideranças espirituais), e devemos pedir sempre para eles rezarem para nós. Então isso eu falo para todos vocês, meus parentes. Porque nossos espíritos se reúnem, e temos que saber que somos parte dos espíritos. Temos todos que saber isso. Falo para mim também. Por onde devo ir para encontrar as coisas boas que ajudem a minha família? Cada um tem que saber que Nhanderu nos orienta e nós temos que seguir a orientação. Nós não caminhamos sozinhos. Nhanderu *Kuéry* (todos nossos Pais), lá em cima, têm a visão de tudo.**

** Este discurso foi proferido para os participantes da oficina ambiental do CTI em 2003 e traduzido por Renato à M. Inês Ladeira



TERRAS GUARANI NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL



- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação de Proteção Integral
- Sedes Municipais

TERRAS GUARANI

1. Pacheca
2. Água Grande – Ka'a Mirĩdy
3. Águas Brancas
4. Velhaco
5. Coxilha da Cruz – Porã
6. Passo da Estância
7. Ponta da Formiga
8. Passo Grande
9. Itapuã – Pindo Mirim
10. Cantagalo – Jataity
11. Lomba do Pinheiro – Anhetengua
12. Estiva – Nhuĩndy
13. Rio Capivari – Porã
14. Capivari – Yryapu
15. Espraiado
16. Varzinha – Ka'agũy Paũ
17. Barra do Ouro – Nhuĩ Porã
18. Riozinho – Itapoty
19. Gruta
20. Campo Bonito – Guapo'y Porã

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL

- I Parque Nacional da Serra Geral
- II Reserva Ecológica da Ilha dos Lobos
- II Estação Ecológica Estadual Aratinga
- IV Reserva Biológica Estadual Mata Paludosa
- V Reserva Biológica da Serra Geral
- VI Parque Estadual do Delta do Jacuí
- VII Parque Estadual de Itapuã
- VIII Parque Estadual da Lagoa do Peixe
- IX Parque Estadual do Camaquã

Fontes:

CTI - Centro de Trabalho Indigenista
 FUNAI - Fundação Nacional do Índio
 Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler - RS

MOSAICO DAS IMAGENS 221782 (set. 1999), 221781 (nov. 2002), 220781 (jul. 2002) e 220780 (mai. 2002) - SATELITE LANDSAT 7



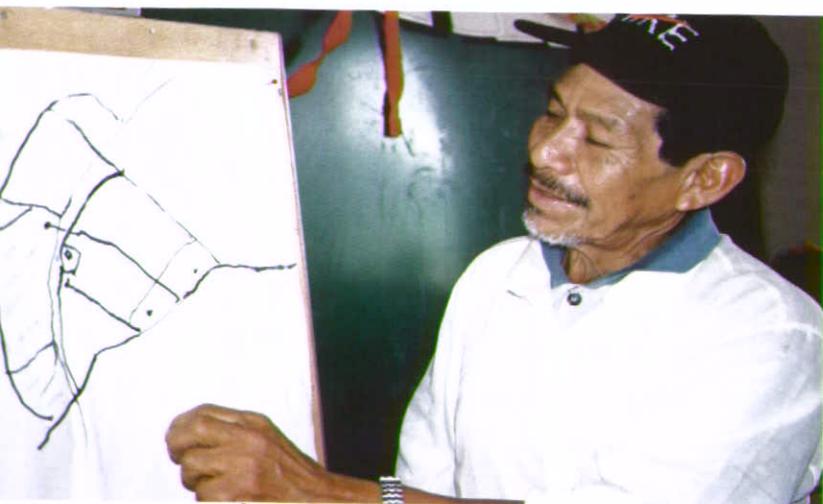
TEKOA KA 'A MIRĪDY



SEU ANUNCIO

CRISTINA R. DA SILVA

Eu vou falar um pouco sobre a floresta e a minha aldeia. A minha aldeia tem muita erva mate e, por isso, eu estou muito contente. Tem rio limpo que vem direto da mata e passa pela aldeia. Tem três nascentes, e dali nasce um rio bem grande. É bom para mim porque eu quero me afastar da cidade, eu quero ficar ali sozinho. Ali eu tenho taquara e vários bichos do mato; para cortar taquara não tenho que ir longe. Tenho muitos materiais para fazer cesto, mas para vender só tem uma cidade que é Camaquã. Visita não tenho, é difícil chegar lá onde eu estou. Além disso, o que eu mais gosto é que ninguém vai lá me perturbar, ninguém vai dizer "isso aqui é meu". Nesse lugar o mato não tem dono e onde tem mato o dono é Nhanderu.



SEU ANUNCIO

MARILYN LEBER

Eu sou uma pessoa antiga eu não tenho mais força para ir para o mato fazer mundêu e essas coisas, mesmo assim quando eu cheguei pela primeira vez naquele lugar eu peguei paca, tatu, essas coisas consegui pegar; assim, estou feliz naquele lugar. Uma coisa que eu não como de jeito nenhum é bugio, nem me fale de comer bugio, que eu não como. Meus melhores vizinhos são os bugios, eles chegam ali no meu terreiro e ficam olhando para mim.

E agora a gente está até perdendo nossos milhos que a gente planta, mas a gente tem esperança que Nhanderu ilumine para nós encontrarmos as sementes de milho *avaxi xi, avaxi etei*. Às vezes, a gente pensa que isso existiu por existir, mas não é assim, foi Nhanderu quem nos deu. Ele é quem nos deu tudo através dos mais velhos, depois, também, a gente plantou.

Aqui nesse lugar tem bastante taquara e mel. Tem uma grande parte de morro; não tem lugar onde não seja morro. Para construir uma casa eu vou ter que usar uma enxada para nivelar, para fazer a casinha. Por causa disso os meus filhos não se acostumam, nem minha mulher se acostuma. Uma coisa que eu estou alegre é que tem *pindo*, taquara, erva mate e mel.

Agora, quem não se acostuma muito são os meus filhos. As crianças não se acostumam por causa da água, por causa do rio, porque quando chove o rio sobe de repente, a beirada fica toda alagada. Nós fizemos uma ponte feita de madeira, mas quando o rio enche leva tudo embora.



CRISTINA R. DA SILVA

Algumas pessoas falaram para mim "porque vocês não fazem uma ponte melhor?", mas se eles se comprometerem a fazer a ponte a gente vai ajudar. Uma coisa que eu precisava muito é demarcar aquela área, que é mato puro para nós. Se for verdade que vão fazer uma ponte, aí que nós vamos plantar mais ainda. Fazendo uma roça o milho nasce bem, o milho nasce bem mesmo. Eu mesmo estou contente, as coisas que eu planto dão bem. Se as crianças, os meus filhos, não se acostumam, aí a própria mãe fica descontente com o lugar. Ela fala "o rio está difícil de atravessar, não dá nem pra vim de lá, nem para ir daqui pra lá", então isso para mim é que está difícil, mas é muito bom lutar por um lugar que a gente quer.

Anúncio (2002)

TI ÁGUA GRANDE

Município Camaquã / RS

-51 47 57
-30 38 10

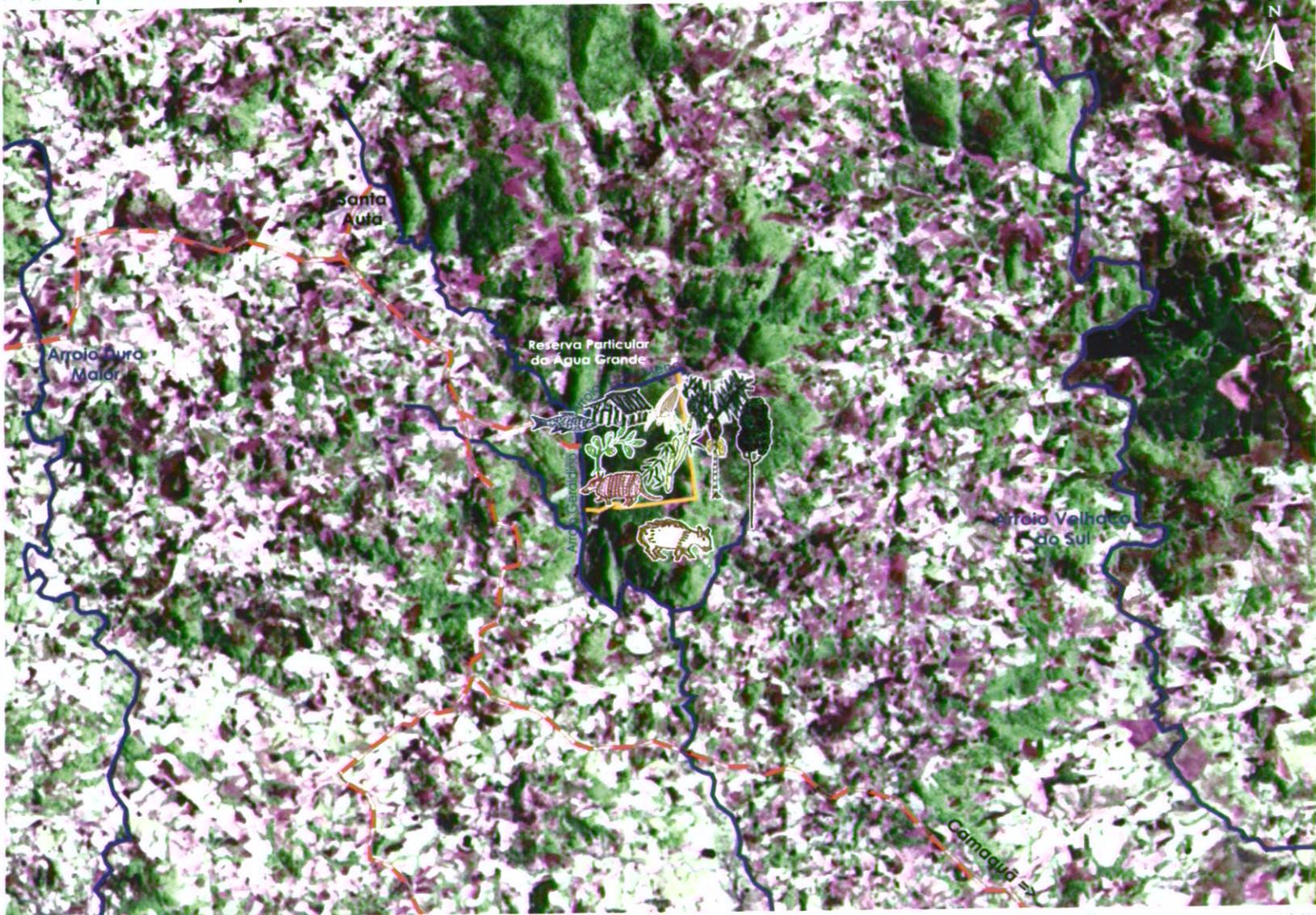
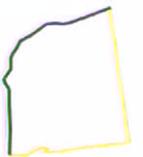


IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - maio/2002

-51 57 12
-30 44 13

-  Núcleo de Moradias
-  Pesca
-  Roça - Kokue
-  Poca - Jaixa
-  Tatu
-  Erva mate - Ka'a
-  Ervas Medicinais - Poã
-  Jervã - Pindovy
-  Taquara - Takua



165,34 ha
Área de desapropriação
Decreto Estadual
nº 40482
de 29/11/2000



Rios



Rodovias e estradas



CLAUDIA R. DA SILVA

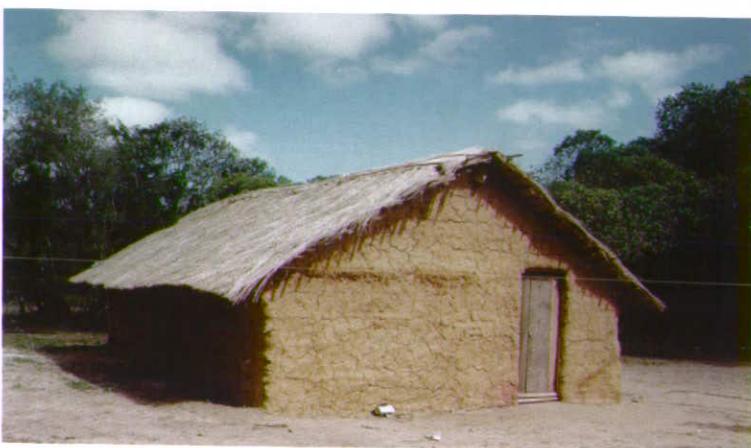
FAMILIA DO JOÃO BATISTA

Lá, nós que estamos lá, estamos plantando algumas coisinhas, algumas plantinhas como mandioca, batata, melancia (essa dá bem!), só milho que ainda não estava dando bem, depois deu bem o milho também, por isso nós vamos continuar lá na nossa aldeia. Tem um rio que dá peixe, tem tatu, quati, mas não tem todos os animais. Tem *pindo* (jerivá), só não tem taquara, secaram as taquaras, mas depois de oito anos vai ter bastante de novo.

A gente tem problema na nossa aldeia, porque tem as vacas dos brancos que vivem lá; quando a gente planta, elas comem tudo. Os donos são da vila e não é só um dono, são muitos donos, e a gente não consegue evitar a entrada dos animais na aldeia.

Por enquanto a gente vai continuar lá na nossa aldeia, até que dê tudo certo lá. Tem casa de reza e todas as noites rezamos.

João Batista de Souza (2002)



CLAUDIA R. DA SILVA

OPY



CLAUDIA R. DA SILVA

TI PACHECA

Município Camaquã / RS

-51 41 02
-31 07 43



-  Núcleo de Moradias
-  Mundeó - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Quati - Kuaxi
-  Tatu
-  Jerivá - Pindovy
-  Taquara - Takua



1852,2 ha
Área homologada
Decreto s/nº
de 01/08/2000

-  Rios
-  Rodovias e estradas
-  Lagos

Imagem de satélites Landsat 7 - setembro/1999

-51 52 02
-31 17 45

TEKOA PORÃ



MARIA INÊZ LUCENA

Tem mato, mas não tem nenhum material para artesanato, não tem nada mais. A gente procura material em lugares perto da aldeia. Caça na aldeia também não tem mais.

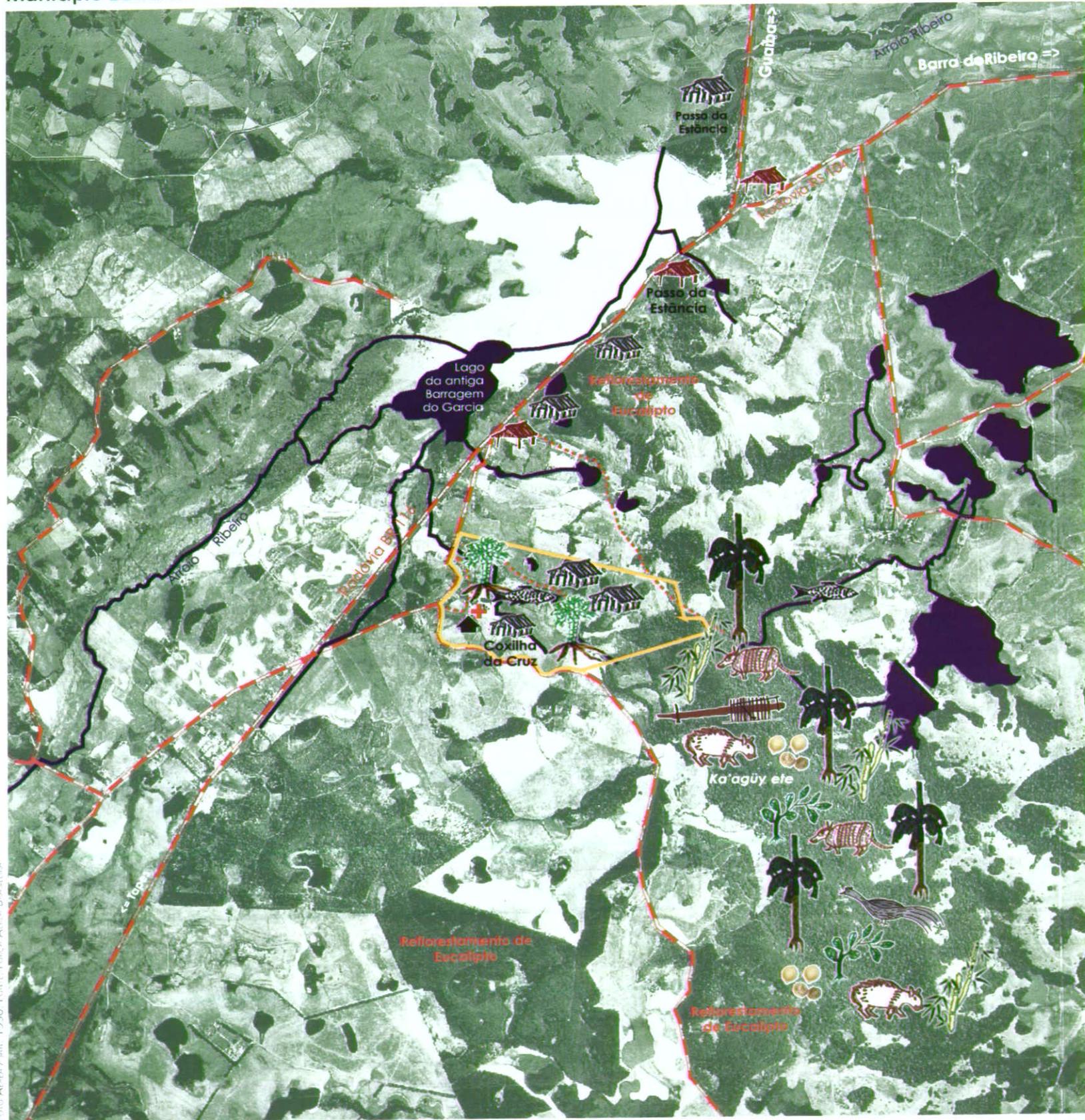
Tem uma área de mato onde tem animais e material para artesanato, e lá pegamos algum material.

A área da aldeia foi comprada pelo Governo do Estado, ele comprou a terra para os Guarani morar, porque as famílias Guarani que viviam em Passo da Estância, lugar de antiga ocupação guarani, viviam só da venda de artesanato na beira da estrada. Queremos que o lugar de mata, onde pegamos material, fique dentro da nossa área.

Maurício Karai Tataendy (2003)

TI COXILHA DA CRUZ

Município Barra do Ribeiro / RS



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Parada
-  Jacu
-  Paca – Jaixa
-  Iatu
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Pakuri (frutas nativas)
-  Palmito Jussara – Jey
-  Taquara – Takua
- 
- 202,11 ha
Área desapropriada
Dec. Estadual
nº 40481
de 29/11/2000
-  Caminho Guarani
-  Escola
-  Lagos
-  Posto de Saúde
-  Rios
-  Rodovias e estradas

Foto: APREZ/Jan. 1990. Fonte: FORTI, ALEXIA. Barra do Ribeiro.



MARIA INÊS LACERDA

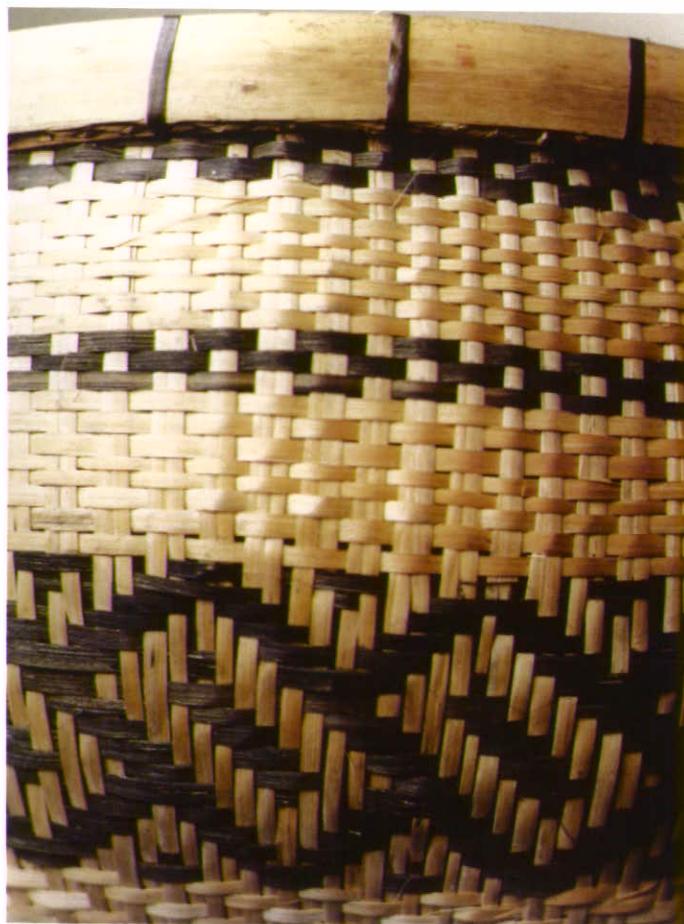
Nesse espaço pequeno nós estamos em 24 famílias, e nós temos que pensar nas crianças. Esse lugar é muito pequeno para nós, fica bem pertinho da estrada, e precisamos de mais uma parte de mata. Perto tem uma mata grande onde tem vários bichos ainda e a comunidade também usa para pegar material para fazer artesanato.

A maior parte em volta da aldeia é plantação de arroz. Quando o rio enche a aldeia fica alagada e a comunidade sai de lá, é obrigada a ir para outro lugar. O rio passa no meio da aldeia, mas a nascente fica fora, é importante a nascente ficar dentro da Terra Indígena porque usamos a água do rio para beber e ele não pode ser contaminado. Tem um cemitério indígena na área.

Perto tem uma plantação de eucalipto e uma fazenda. Ao lado da fazenda tem material para artesanato, tatu e macaco. Ao redor das fazendas tem capoeira.

Mesmo que essa aldeia não tenha sido demarcada, nós já estamos há sete anos nesse lugar, então vamos lutar para conseguir esse pedacinho de terra para viver. Porque nós, e muitas outras famílias que moraram por aqui a vida inteira, encontramos dificuldades e, se nós não lutarmos todos juntos, não vamos conseguir. Nós queremos um lugar maior. Nós queremos um lugar grande para plantar, para as nossas crianças viverem melhor.

**Inácio Lopes e Maurício
Karai Tataendy (2003)**



MARIA INÊS LACERDA

TI PASSO GRANDE

Município Barra do Ribeiro / RS

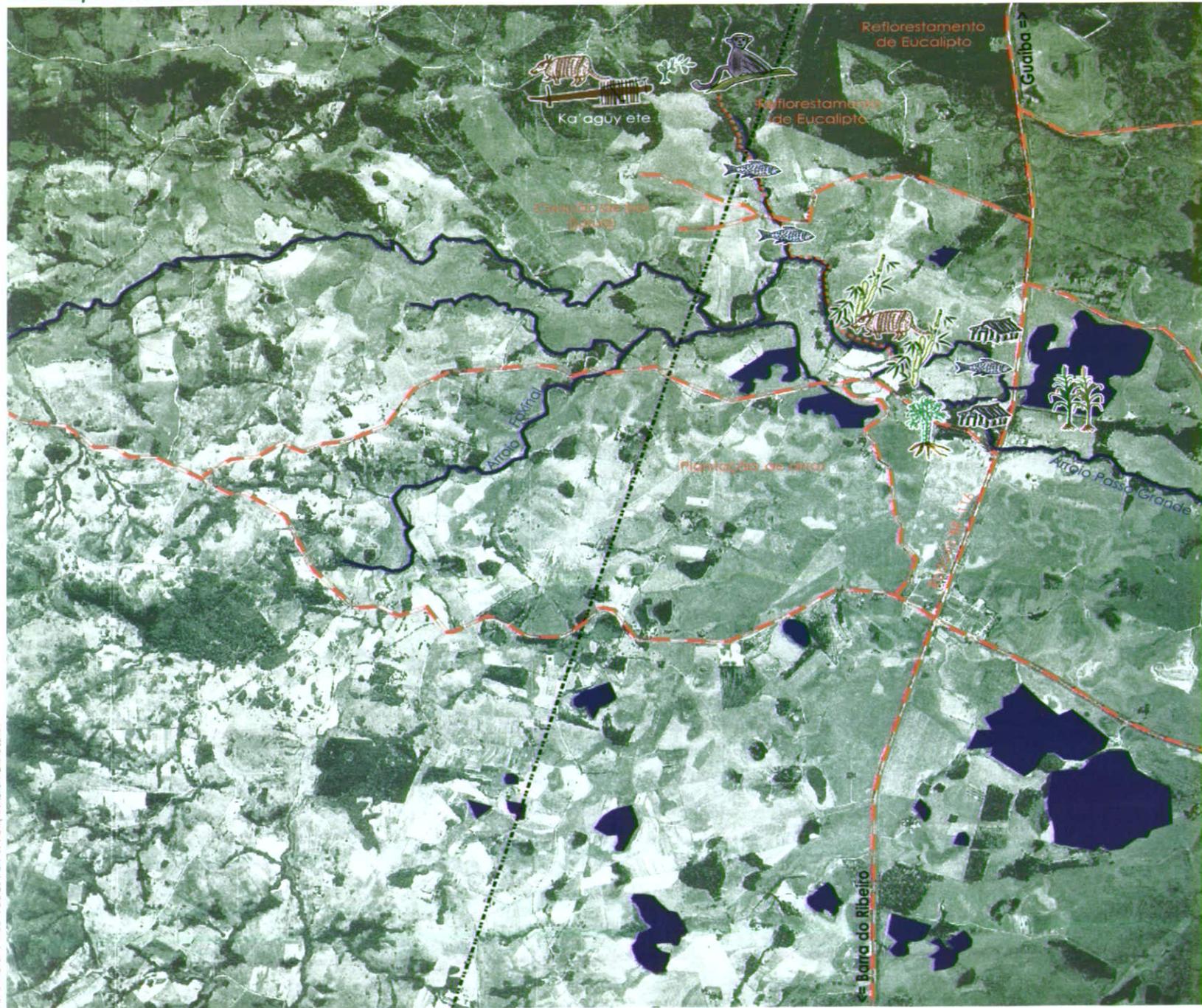


Foto: Aerea / ano: 1990. Fonte: Força Aérea Brasileira.

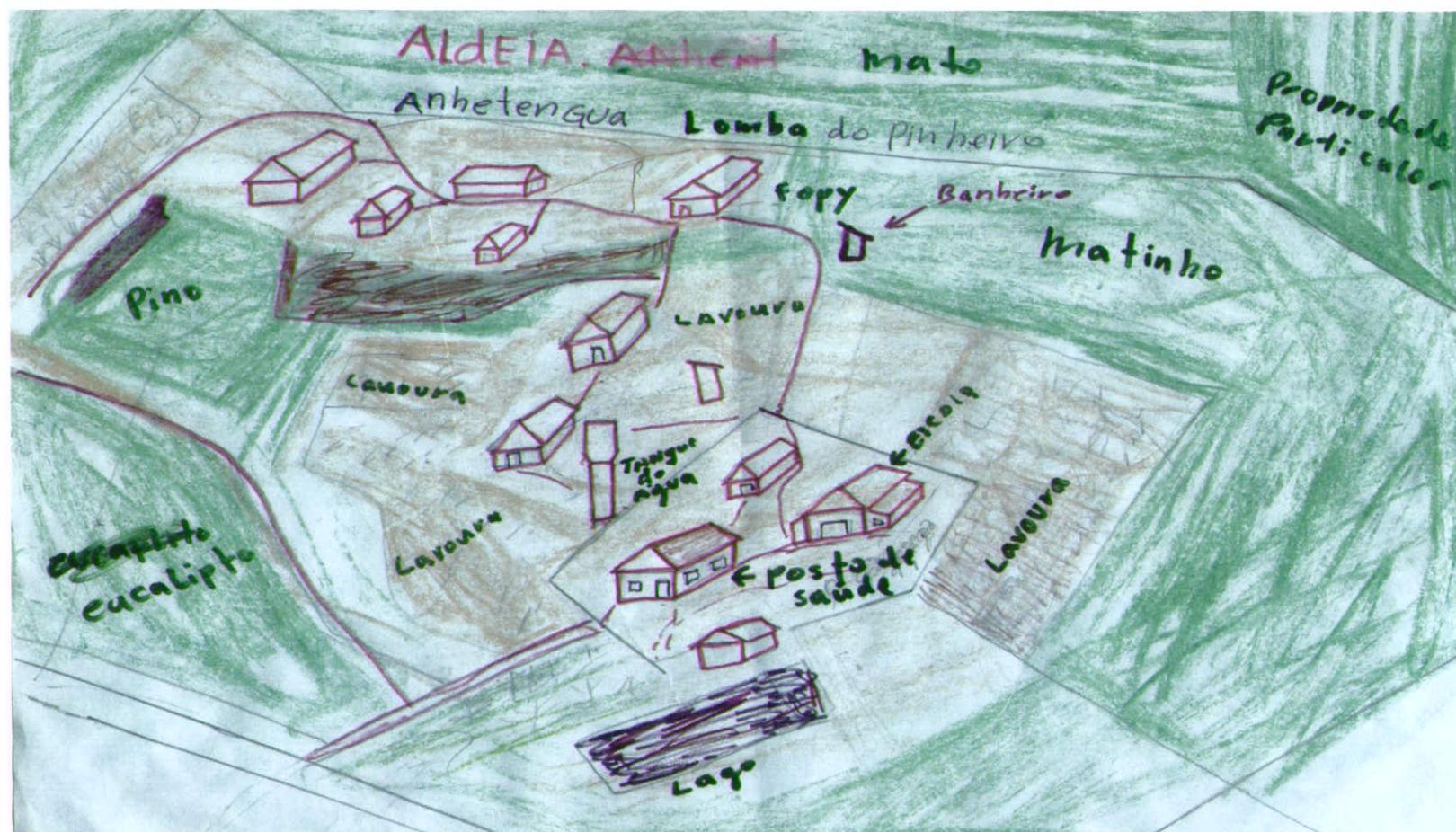
TEKOA ANHETENGUA

A aldeia tem 170 pessoas, contando 30 famílias. A aldeia tem 10 ha. Essa aldeia é um lugar antigo de parada dos Guarani.

Próximo da aldeia tem muito trânsito e também tem muito movimento de Guarani. Os Guarani das outras aldeias vão para a Lomba para vender artesanato. Ela fica num bairro da cidade e não tem nem material para fazer artesanato. A comunidade, para comprar alimento, tem que pegar material de outra aldeia para fazer artesanato. A gente vende artesanato e compra alimento. A comunidade está passando dificuldades.

É uma área muito pequenininha e queremos aumentar onde tem mato. A parte que queremos aumentar é uma parte boa, onde tem algum mato. Onde está a minha família não tem quase nada, só tem *karaja* e um pouco de jacu; é na parte mais para cima que tem mato e alguma caça.

Maurício Karai Tataendy (2003)
e Henrique (2002)



TI LOMBA DO PINHEIRO

Município Porto Alegre / RS



Foto Aerial / Março 2002

-  Núcleo de Moradias
-  Roça - *Kokue*
-  Jacu
-  Macaco Bugio - *Karaja*
-  Tatu
-  Jervã - *Pindovy*
-  Ervas Medicinais - *Poã*

 Rodovias e estradas

TEKOA JATAITY

Essa aldeia é antiga, tem pouco mato e tem pouco material para fazer artesanato. A minha preocupação é essa, quando sair mesmo a demarcação, uma parte vai ser uma terra muito mexida, muito plantada e lá, onde tem aquele restinho de mato, é que é uma terra boa. O que não tem é o *pindo*, e como eu tenho o costume de cortar o *pindo*, tirar a palha para cobrir a casinha... isso não tem. Ali tem muito remédio, até mesmo eu sei fazer remédio, eu conheço as ervas. Então eu quero mesmo que esse mato fique dentro da aldeia.

A minha preocupação de conseguir essa área é muito grande, quando eu vim de onde eu nasci, onde eu me criei, eu logo fui parar nesse lugar, eu não procurei outro lugar, outra aldeia, eu não me acostumo a ficar na beira da estrada. Por isso eu procurei um lugar bem afastado da cidade e da estrada, porque eu não me acostumo. É bom a gente ter o lugar da aldeia, é muito importante. Onde nós moramos a gente tem o costume de cada família ficar separada, nós não temos o costume de morar pertinho. Por isso eu quero que esse mato aqui fique para a aldeia, assim é o nosso costume.

Eu gostaria mesmo de ter esse lugar de mato para os índios, porque ali onde eu estou não tem um mato grande. É claro que tem alguma caça, eu, como sou índio, às vezes caço, mas eu fico pensando "se eu caçar todo dia vai acabar". Então eu tenho minhas criações de galinha e se eu faço algum mundéu, não é todo dia. Aquela parte do mato está na divisa da aldeia. Se é para aumentar mais, então era melhor o mato ficar dentro da aldeia.

Alexandre Acosta (2003)



PRISCILA MATTÁ

TI CANTAGALO

Municípios Viamão e Porto Alegre / RS

-50 58 50
-30 10 15



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kakué
-  Jacu
-  Tatu
-  Jervá - Pindovy
-  Madeira - Ywra
-  Taquara - Takua


286 ha
Área demarcada
MJ Portaria
nº 1958
de 27/11/2003

-  Rios
-  Rodovias e estradas

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - maio/2002

-51 05 30
-30 16 39

TEKOA NHUÏDY TI ESTIVA

Município Viamão / RS

-50 42 44
-30 03 41

-  Núcleo de Moradias
-  Roça - *Kokue*
-  Pesca
-  Corticeira - *Kurupika'y*
-  Ervas Medicinais - *Poã*
-  Jerivã - *Pindovy*
-  Madeira - *Yvyra*
-  *Pakuri*
(frutas nativas)
-  Taquara - *Takua*

-  Escola
-  Rios
-  Rodovias e estradas



-50 48 39
-30 09 07

IMAGEM DO SATELITE: Landsat-7 - novembro/2002

Nossa preocupação é a falta de terra, porque onde nós estamos é muito perto da estrada. A terra é de areia, é muito difícil plantar milho e batata. Nossa preocupação é conseguir mais terra daqui para frente. Já faz tempo que nós estamos lutando e tem outro pedacinho de terra atrás da aldeia que tem mato, e tem o nosso cemitério. Nesses 7 ha nós temos uma escola de 1ª a 8ª série que pegou bastante do nosso espaço. Tem bastante gente casada que foi para Itapuã porque nós estamos passando dificuldades. Nesse espaço pequeno nós estamos em vinte famílias.

Cláudio da Rosa (2002)

TEKOA PINDO MIRĨ TI ITAPUÃ

Município Viamão / RS



Foto AÉREA / 2001. FONTE: FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Itapuã é uma aldeia antiga. Hoje não estamos no lugar das aldeias antigas porque fizeram um Parque onde os Guarani moravam, é onde tem os materiais e caça, mas agora tem guardas e não querem deixar os Guarani entrar lá. Só pra olhar tem que pagar três reais. Nós estamos juntando estórias antigas do tempo que os Guarani já moravam nesse mato. Tem alguns vizinhos que conhecem os Guarani antigos que andaram por lá. Tem até o cemitério e tem registro de uso tradicional dos índios Guarani. Nesse mato onde é o Parque tem bastante bicho, bastante mato, bastante remédio...

Nessa aldeia nova tem pouco mato, a maior parte é plantação de eucalipto, e também a comunidade tem que comprar água dos vizinhos para beber. A terra é de areia e não tem como produzir plantação. Tem uma matinha ao lado da aldeia que é propriedade particular, onde tem alguns animais.

Turibio Nhengatu Gomes (2003)



ANUNCIO, TURIBIO F ADOLFO

Centro de Trabalho Indigenista

TEKOA PORÃY TI RIO CAPIVARI

Município Capivari do Sul / RS

-50 29 14
-30 05 44

-  Núcleo de Moradias
-  Mundêo – Monde
-  Pesca
-  Rato – Anduja
-  Tatu
-  Cipó imbê – Guembe
-  Taquara – Takua



-50 36 33
-30 13 07

0 1 Km

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - novembro/2002

TEKOA YRYAPU TI CAPIVARI

Município Palmares do Sul / RS

-50 18 43
-30 19 14

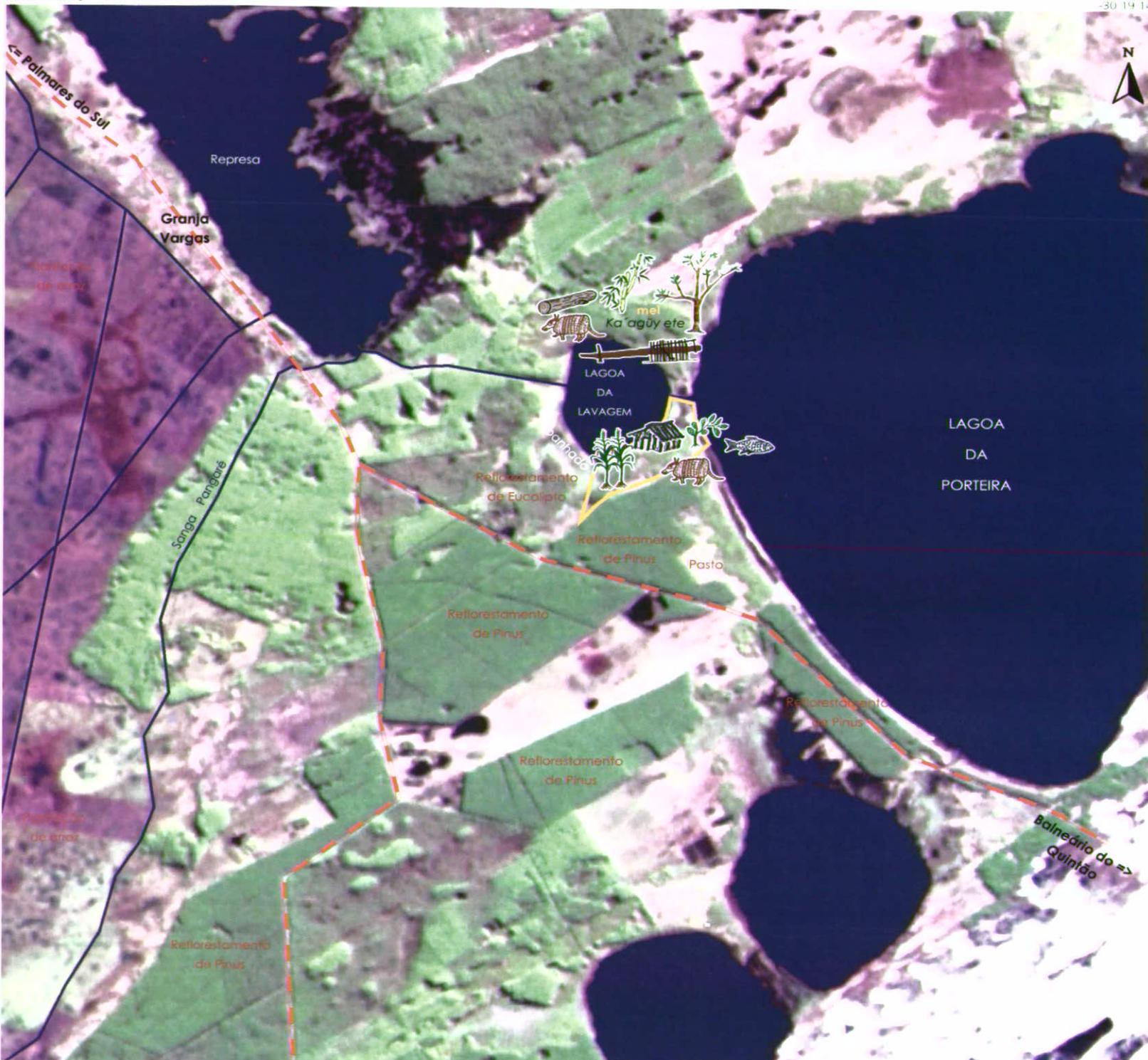


IMAGEM DO SATELITE LANDSAT - julho/2002

-50 24 45
-30 24 39

Eu sou cacique aqui da aldeia Tekoa Yryapu. Aqui estou morando há cinco anos e tem 40 ha nossa área. Aqui estamos em oito famílias e gostamos desse lugar. Tem água, tem caça, tem um pouquinho de mata nativa. Do outro lado da lagoa tem mato maior, queremos que fique para nós, sabe por quê? É para que tenhamos mais caça livre, caçar e pescar. Isso é o que nós pensamos aqui e, também a plantação, queremos que as autoridades que conhecem os Guarani entendam que nós, a cada ano, temos que plantar o milho dos Guarani, que é nosso, que não é dos brancos, *avaxi para, avaxi ju, avaxi xi*, temos três classes dos milhos dos Guarani. Esse milho não queremos perder, queremos plantar cada ano para manter nossas famílias. Nós queremos plantar não para vender como os brancos, é para sustentar nossas famílias que queremos plantar. Por isso queremos o lugar de mato.

Augusto Duarte (2004)

Centro de Trabalho Indigenista



TEKOA NHUÛ PORÃ / TEKOA KA'AGÜY PAÛ



MARIA INÊS LADEIRA

A minha aldeia é a única aldeia maior e é demarcada. Lá tem bastante mato, fruta nativa e caça. É a única área grande, lá tem tudo, caça, material para artesanato e material para cobrir casa. Mas o acesso para aldeia é muito difícil.

Nós conseguimos a demarcação por causa da organização. Para lutar, para conseguir a demarcação tem que ter a união das lideranças, porque sem organização não adianta nada.

Avelino Gimenez (2003)



TI BARRA DO OURO

2266,52 ha
Área homologada
Dec. s/nº
de 18/04/2001



TI VARZINHA

776,27 ha
Área homologada
Dec. s/nº
de 10/02/2003

TI BARRA DO OURO / TI VARZINHA

Municípios Maquiné, Caraã e Riozinho / RS

-50 10 07
-29 36 05



-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradia
-  Mundéo - *Monde*
-  Roça - *Kokue*
-  Pesca
-  Parada
-  Macuco - *Inambu*
-  Paca - *Jaixa*
-  Quati - *Kuaxi*
-  Tatu
-  Cipó imbé - *Guembe*
-  Erva mate - *Ka'a*
-  Ervas Medicinais - *Paã*
-  Pinhão - *Kuri'a*
-  Taquara - *Takua*
-  Pakuri - *Frutas*
-  Caminho Guarani
-  Lagos
-  Rios
-  Rodovias e estradas

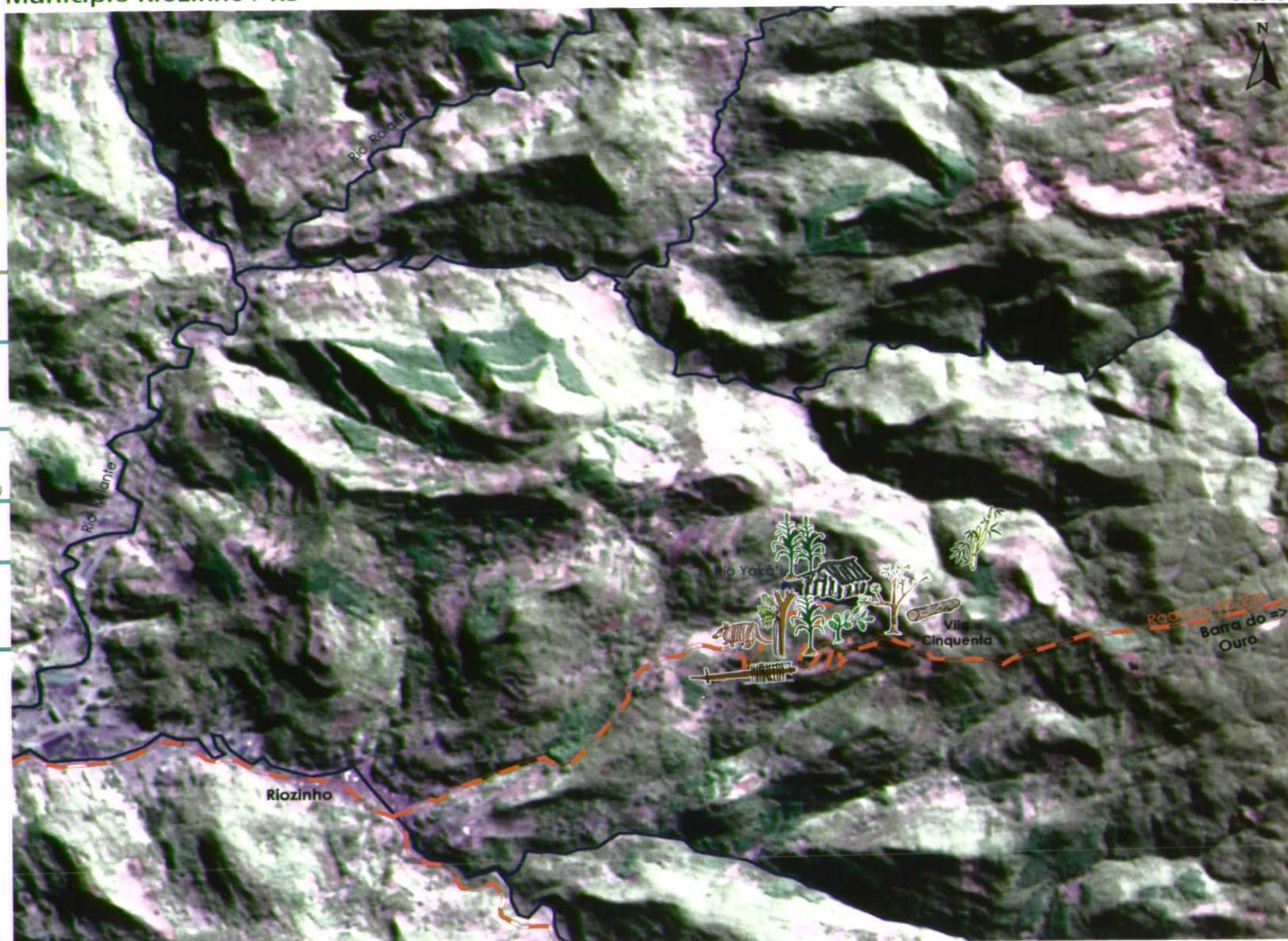
IMAGEM: ZEPPI, LEXPRESS 7 - maio 2002

-50 21 00
-29 46 57

TEKOA ITAPOTY TI RIOZINHO

Município Riozinho / RS

-50 21 03
-29 33 13



-50 29 53
-29 39 28

Eu quero dar nosso pensamento do Guarani. Viemos aqui, só que infelizmente passamos muita dificuldade, temos bastante problemas, porque a área é tão pequena, e também, em cima disso, não estamos como nós queremos.

Os Guarani, sempre os Guarani precisam ter espaço grande para manter as famílias, a cultura também, principalmente nosso interesse é ter a *Opy* para rezar para Nhanderu, que é nosso Deus. Então aqui, o Riozinho, é uma área muito pequena, não temos caça, não temos pesca, não temos matéria prima para nós, então esse é nosso problema. Eu precisaria buscar uma área maior para nós, para tentar manter nossa família na cultura verdadeira.

Não temos lugar para as crianças se divertirem, nossas crianças precisam de um lugar que não seja assim só de morro, porque elas têm que brincar. Precisam de um lugar bonito para brincar, então é isso que os Guarani precisam. Aqui não temos espaço e também, nós estamos no meio da vila, rodeados do branco, então isso para nós não cabe bem. Eu quero dar meu depoimento, preciso de um lugar maior, mais bonito, onde a fruta, a pesca, a caça, material para trabalhar no balaio, para manter nossa família. Então essa é nossa idéia na comunidade, isso é que estamos precisando. E já moramos aqui há quase cinco anos, mas não dá para fazer muita roça porque só tem morro.

Aqui a área não está demarcada ainda e tudo isso dificulta para o Guarani. Mas para a nossa área ser demarcada, tem que ser bem feito. Então, com a terra sem ser demarcada, não podemos fazer o que nós precisamos que é a *Opy*, porque se não está demarcada e se qualquer um quer correr com Guarani, os Guarani têm medo do branco e abandona a área. Isso para nós é muito problema, é muito complicado. Porque para rezarmos o branco não deveria estar tão perto, o Guarani tem que estar meio longincho do branco para poder rezar bem tranqüilo, porque o Nhanderu não admite essa questão.

Miguel Alexandre Brisuela (2004)

TEKOA GUAPO 'Y PORÃ TI CAMPO BONITO

Município Torres / RS

-49 42 35
-29 16 31



IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - maio/2002

-49 52 36
-29 22 19



-  Núcleo de Moradias
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Iatu
-  Corticeira - Kurupiká'y
-  Cipó imbê - Guembe
-  Guaricanga (palha)
-  Ierivá - Pindovy
-  Madeira - Yyva
-  Pakuri (frutas nativas)
-  Taquara - Takua

-  Lagos
-  Rios
-  Rodovias e estradas
-  Limite Interestadual

TERRAS GUARANI NO LITORAL DE SANTA CATARINA

No Estado de Santa Catarina, só tem uma área demarcada, as outras aldeias estão começando a fazer a identificação e uma está esperando a assinatura do Ministro da Justiça para sair a demarcação oficial. Tem muitas áreas que nem começaram a fazer os levantamentos de identificação.

Então, só agora que nós, lideranças, vimos que é importante nos unir, porque algumas pessoas têm capacidade. Nós começamos a conversar mais sobre esse lado. Quando acontece um trabalho de GT (Grupo Técnico de Identificação) em uma aldeia a gente aprende a lutar. Antigamente não era assim. Cada liderança só pensava na sua aldeia, mas agora é diferente. Não é só em Santa Catarina que os brancos não reconhecem nosso direito, nossa história, e que nós fomos os primeiros habitantes do Brasil.

Na região norte do Estado de Santa Catarina tem terras reconhecidas como aldeias e também tem lugares onde os Guarani acampam para fazer artesanato para vender. Em 1998, foi feito um levantamento, mas a intenção do GT foi de comprar a terra e não reconhecer como terra tradicional. Esse trabalho foi feito por causa do projeto da duplicação da BR101 em Santa Catarina. O relatório já saiu para fazer "eleição de terra" porque contam no relatório que os Guarani ocuparam terras particulares. Então, para se garantir espaço para os Guarani tinha de ser com a compra de terra. Quando saiu este relatório, saiu tudo contando sobre a cultura, a tradição, a religião, mas não deram o direito aos índios da terra ser tradicional.

Então, em 1999, eu fui para Santa Catarina. A partir daí eu sempre fazia reuniões, encontros para explicar o que é o processo para sair demarcação, o que é eleição de terra, o que é tradicional. Em 2002 as lideranças se reuniram e saiu um documento pedindo a demarcação das terras como terras tradicionais. Esse documento foi encaminhado para o Presidente da FUNAI pedindo outro GT para as aldeias. Então, depois que foi feita uma reunião com a Procuradoria e a FUNAI, explicamos que esse relatório não saiu como a gente queria. Em 2003, foi criado um novo GT para fazer levantamentos nas aldeias. Isso foi o que aconteceu na região norte de Santa Catarina.

Leonardo Wera Tupã (2003)



- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação de Proteção Integral
- Sedes Municipais

TERRAS GUARANI

1. Barranca
2. Cachoeira dos Inácios - Marangatu
3. Massiambu
4. Morro dos Cavalos - Yma
5. Cambirela
6. Praia de Fora
7. Mbiguaçu
8. Tarumã
9. Pirai - Tiaraju
10. Pindoty
11. Conquista - Yvapuru
12. Jabuticabeira
13. Tapera - Figueira/Araçá
14. Morro Alto - Laranjeiras
15. Ilha do Mel

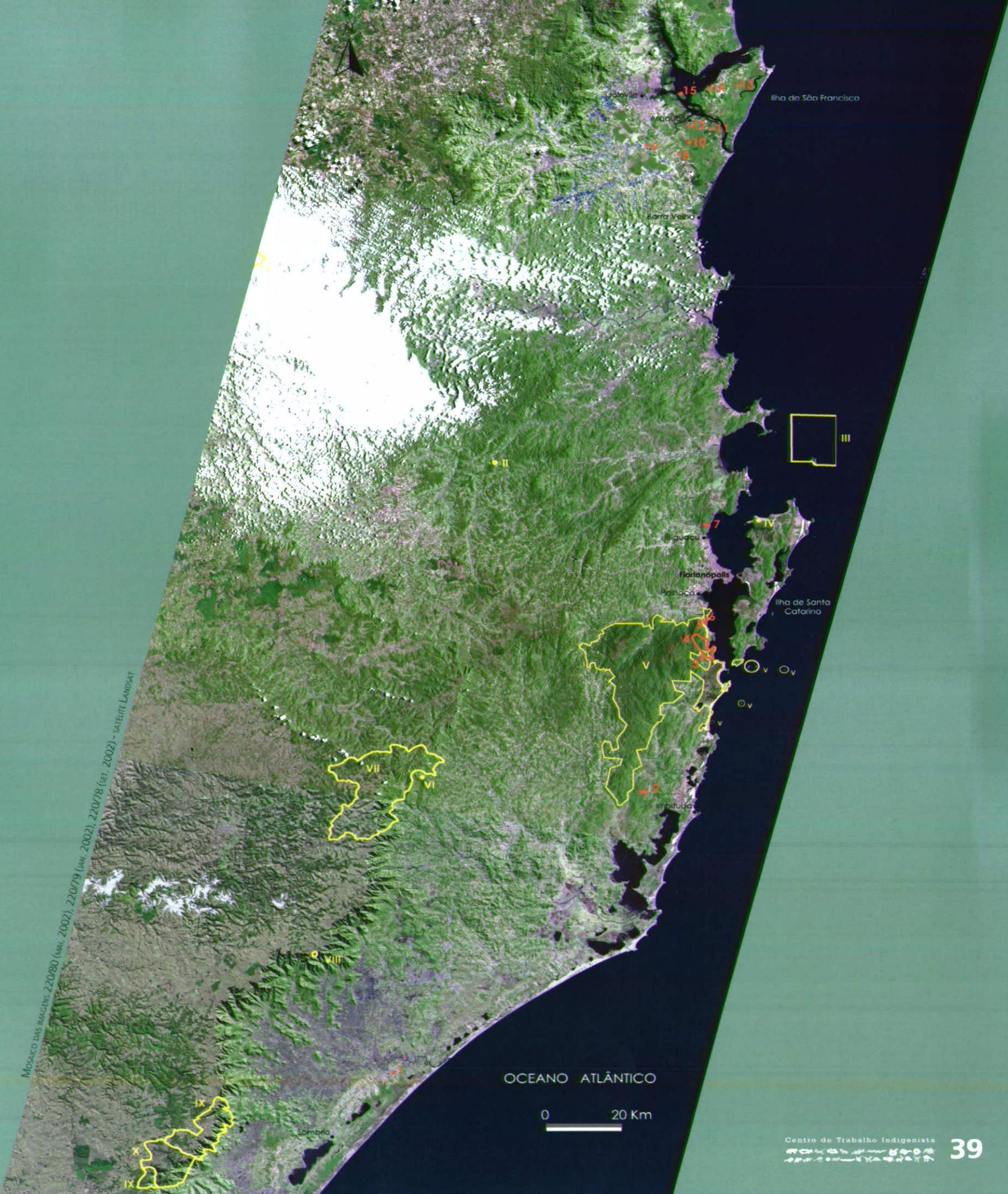
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL

- I Área de Relevante Interesse Ecológico da Serra da Abelha
- II Reserva Biológica Estadual da Canela Preta
- III Reserva Biológica Marinha do Arvoredo
- IV Estação Ecológica de Carijós
- V Parque Estadual da Serra do Tabuleiro
- VI Parque Estadual da Serra Furada
- VII Parque Nacional de São Joaquim
- VIII Reserva Biológica Estadual do Aguai
- IX Parque Nacional da Serra Geral
- X Parque Nacional de Aparados da Serra

Fontes:

CTI - Centro de Trabalho Indigenista
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
Dossiê Mata Atlântica 2001- Rede de ONGs da Mata Atlântica, Instituto Socioambiental, Sociedade Nordestina de Ecologia
Fundação do Meio Ambiente (FATMA) - Governo de Santa Catarina

MOSAICO DAS IMAGENS: 220780 (maio, 2002), 220779 (junho, 2002), 220718 (set. 2002), 220719 (out. 2002) - SATELITE LANDSAT



OCEANO ATLÂNTICO

0 20 Km

TEKOA MARANGATU



MARIA INE LACERDA

Estou passando dificuldade com a plantação, não tem *pindo*, não tem cipó imbê, mas mesmo não tendo nada queremos que seja demarcada. Na área só tem capoeira, não tem *ka'agüy*, não tem material para fazer casa; tem plantas medicinais, mas não tem madeira alta. Quando precisa de material tem que ir em uma mata perto para poder pegar, parece que lá é um Parque. Tem taquara, mas é na terra do *jurua*. Nossa terra foi adquirida, mas ainda não teve demarcação. No fundo, na terra do mesmo dono que vendeu, tem material, tem mais rio e mais água, a nossa parte ficou quase sem nada.

Augusto da Silva (2002)

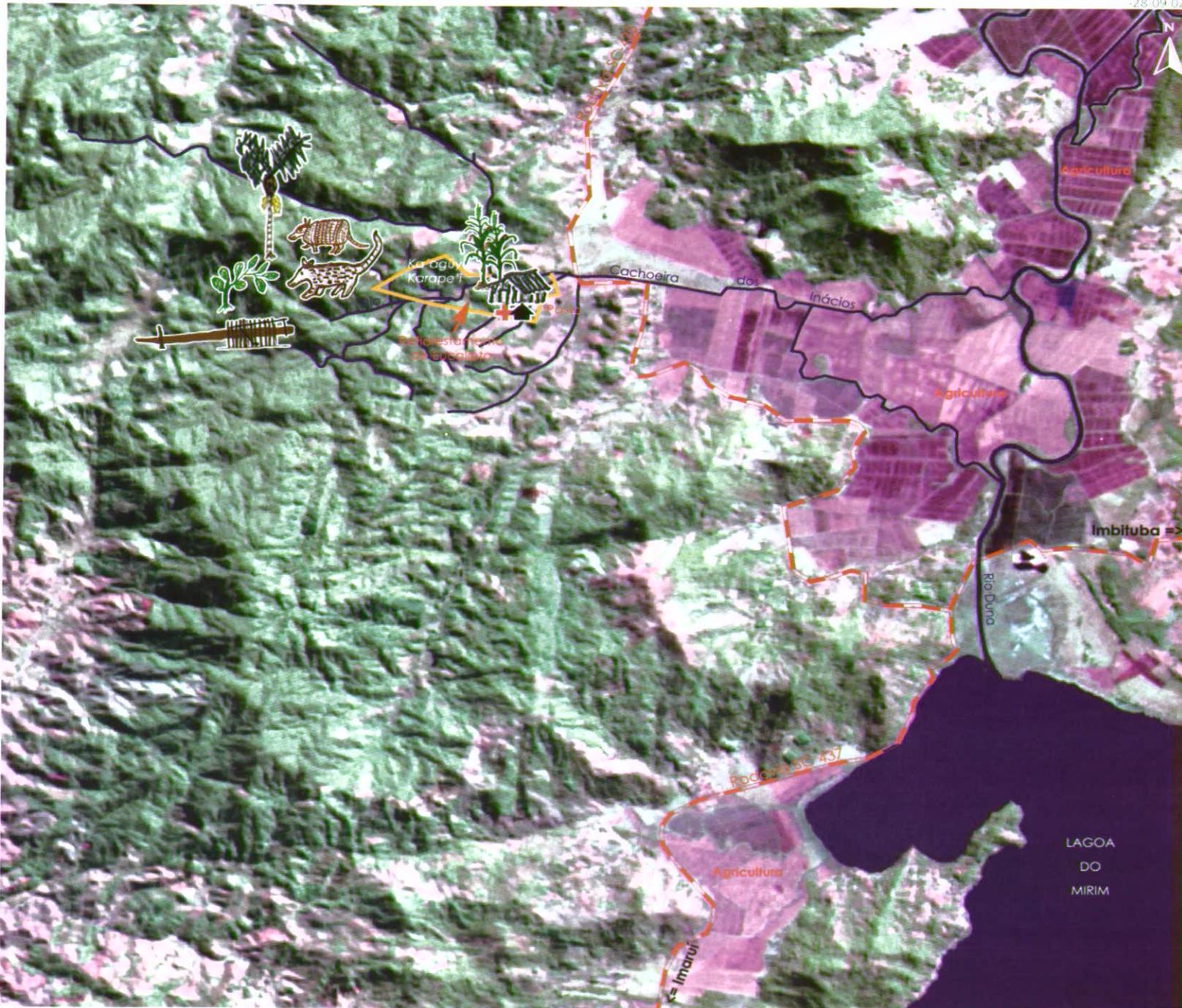


MARIA INE LACERDA

TI CACHOEIRA DOS INÁCIOS

Município Imaruá / SC

-48 43 07
-28 09 02



-  Núcleo de Moradias
-  Mundeó - Monde
-  Roça - Kokue
-  Quati - Kuaxi
-  Iatu
-  Ervas Medicinas - Poã
-  Jervá - Pindovy
-  80 ha Aquisição (gasoduto) identificação Portaria PRES/290/99
-  Escola
-  Posto de Saúde
-  Lagos
-  Rios
-  Rodovias e estradas

Imaruá - 00547111 Lempsat 7 - maio/2002

-48 51 00
-28 15 51

0 1 2 Km



Eu quero apresentar minha aldeia que é de cinco ha de terra... e não foi demarcada ainda. E mesmo assim, eu tenho as sementes do Mbya Guarani, dos antigos, que os meus avós deixaram e que até hoje eu tenho sempre, e não quero perder porque não era para perder. A semente sempre tem que ter, porque o nosso Deus deixou para nós lá no mato quando não tinha nenhum dos brancos. O Deus deixou nós no mato, e também a semente deixou para nós. Então, não devemos perder a semente que o Deus deu para nós. Nessa terrinha pequenina...

Na terra já não sobra mais nada para plantar, mas assim mesmo em qualquer pouquinho de terra, um pedacinho, nós estamos plantando. Por isso que nós temos, e eu quero ter semente dos Guarani, *avaxi etei*, *avaxi mitai*, *avaxi ju* e também, *manduvi*, *kumanda*, aqui plantando e colhendo. Então, daqui para diante pode ser que o Deus ajudando, nós ganhamos mais um pedacinho de terra para poder plantar um pouquinho mais, para poder sustentar os filhos que nós temos. Porque, primeiramente, quando nós morávamos no mato, a terra era grande, então ali nós plantávamos e vivíamos só daquilo... Nhanderu nos deixou no mato e deu também a semente para nós plantarmos nessa terra que nós temos.

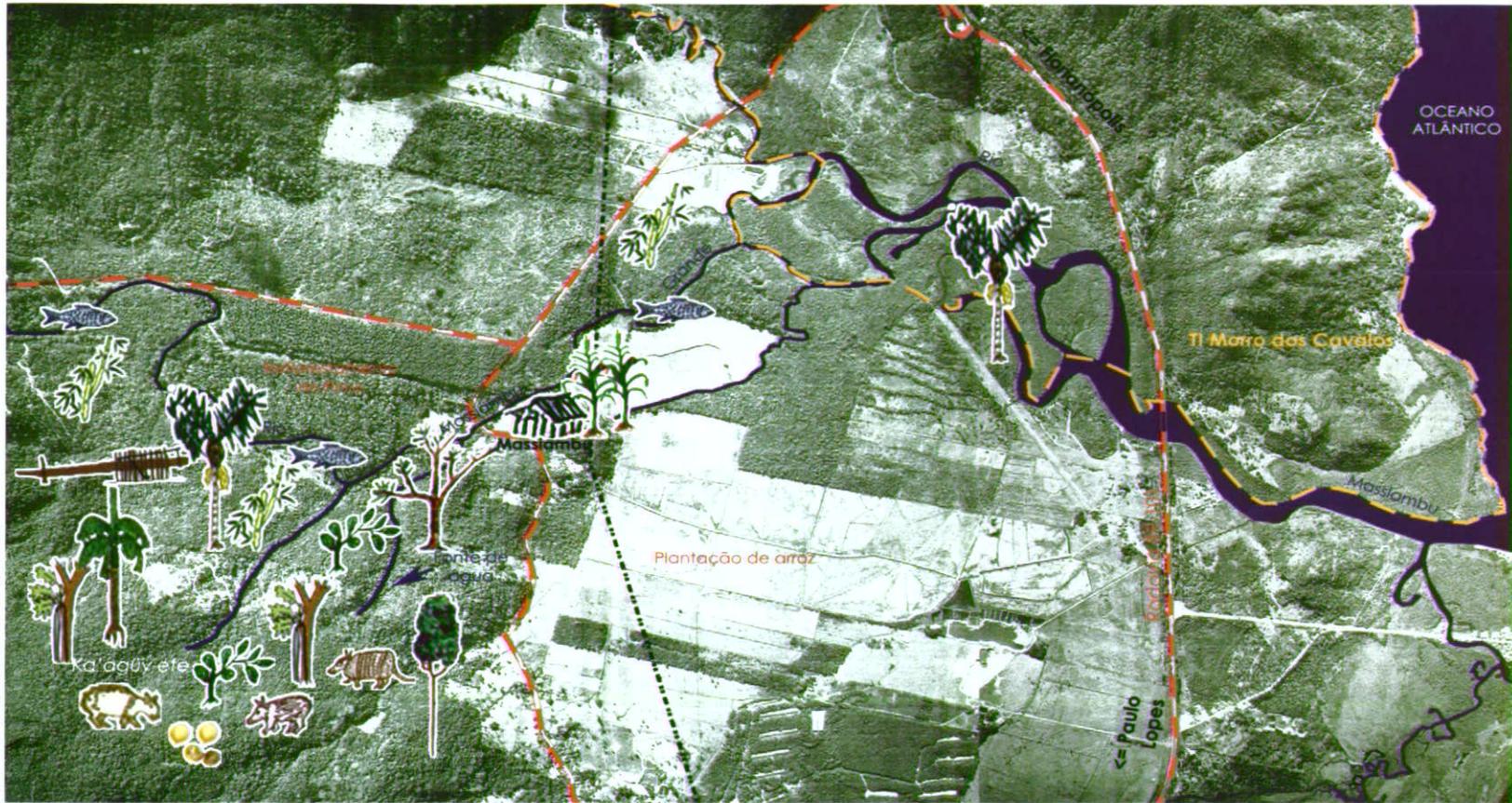
Temos que assegurar a área para ter material, taquara para fazer bichinho. A área é pequena. Antigamente, moravam duas ou três famílias, agora está aumentando. Temos que segurar onde estamos morando e precisamos tentar ampliar, pois tem uma área de banhado e perto tem lugar bom para pegar material.

Silvio Duarte Karai (2002)

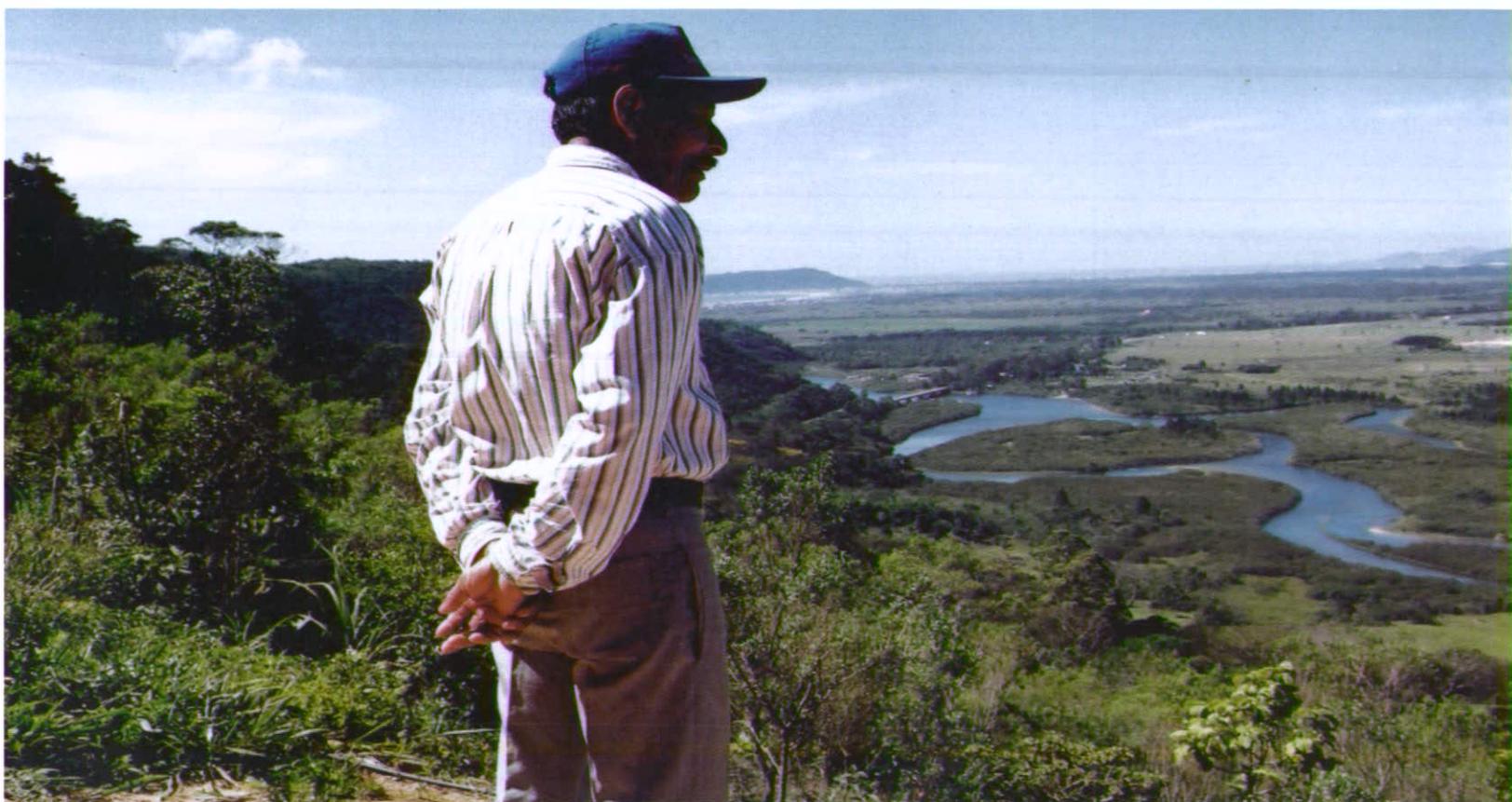
Augusto da Silva (1997)

TI MASSIAMBU

Município Palhoça / SC



Fonte: CELESC, foto aérea de set. 2002



Seu Augusto

-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Cateto – Taitetu
-  Paca – Jaxa
-  Tatu
-  Corticeira – Kurupika'y
-  Cipó imbe – Guembe
-  Erva mate – Ka'a
-  Ervas Medicinais – Paã
-  Jervá - Pindovy
-  Pakuri
(frutas nativas)
-  Palmito Jussara – Jery
-  Taquara – Takua
-  Rios
-  Rodovias e estradas
-  Linha de transmissão

TEKOA YMA



MARIA INÊS LADEIRA

Nós escolhemos essa área porque já estamos usando essa terra faz muito tempo e é preciso demarcar.

(...) Então essa terra é nossa terra tradicional. Hoje nós escolhemos essa área, pelo menos essa, porque antigamente todo o continente era nosso. O descobrimento descobriu toda nossa riqueza. E tiveram que escravizar e massacrar os índios. Tiraram nossa terra, nossas matas, a nossa comida e até hoje as autoridades não reconhecem a nossa terra, apesar das dificuldades que sofremos.

E dizem que a demarcação tem que ser tradicional. E isso nós não entendemos, porque antigamente tudo era nosso. Não precisava pedir para pegar os frutos nativos, as plantas medicinais e para pescar. Tudo era livre e hoje está tudo sendo proibido para nós. Para fazer roça, como antigamente, nós já não podemos.

(...) Nós não podemos escolher todas as terras em volta que nossos parentes usavam. Estamos aceitando esse pedaço, porque sabemos que nós não podemos pedir mais porque os brancos já vão reclamar. Mesmo aqui no Morro dos Cavalos o branco diz que já é dono, e diz que é dono de muito mais. E também das terras e dos morros que nossos antigos parentes usavam antes até dos brancos chegarem.

O rio Massiambu Pequeno nós queremos porque é um lugar muito bonito. Gostamos de andar perto da água, é um lugar bom para pescaria, onde vamos buscar taquara, que tem remédio que nós usamos até hoje, remédios antigos. E essa é a nossa medicina que nós conhecemos e queremos continuar usando, procurando na beira dessa água onde nós costumamos andar. Nós, os mais velhos, conhecemos os remédios da beira da água e queremos ensinar aos mais novos.

(...) Entre os cursos dos rios Massiambu Pequeno e Rio Brito temos taquara, embira, plantas para remédios, frutos para comer, palmeiras, água boa. Também tem um pedaço de terra boa para plantar as nossas plantas próprias, com as nossas semente e mudas: milho, feijão, aipim, batata doce, melancia. Tem madeira boa e quase todo o material que precisamos para o artesanato.

Morro dos Cavalos (*Yvyã Porã* - monte bonito) é o lugar onde temos nossas casas, nossa *Opy* (casa de reza). Também encontramos alguns remédios e algum material. Quando tiramos material, palmitos e frutos no Morro dos Cavalos (*Yvyã Porã*), deixamos madurar os frutos nos outros morros. E quando usamos os morros que ficam entre os rios Massiambu Pequeno e Brito (*Yvyã Mboae Porã* – outros montes bonitos), deixamos os frutos madurar em *Yvyã Porã*.

Queremos a garantia da terra para viver nossa cultura com liberdade, cultivar nossa cultura, ensinar nossos filhos e nossos netos. Porque hoje em dia, com a falta de uma terra verdadeira para nós, não podemos viver nossa vida e nossa cultura (*nhande reko*) completamente.

AVETE XE RUVIXA, NHANDERU TUPÁ OMAE (Muito obrigado autoridades. Que nosso pai *TUPÁ* olhe por vocês)

Trechos da Carta às Autoridades, representantes Guarani. In: *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da TI Morro dos Cavalos*. Parecer Funai nº 201/PRES de 17/12/2002, Ladeira, Maria Inês.



MARIA INÊS LADEIRA

TI MORRO DOS CAVALOS

Município Palhoça / SC

-48 36 18
-27 44 53



- Antiga aldeia
- Núcleo de Moradias
- Mundéo – Monde
- Roça – Kokue
- Pesca
- Cateto – Taitetu
- Jacu
- Macuco – Inambu
- Paca – Jaixa
- Quati – Kuaxi
- Tatu
- Corticeira – Kurupika'y
- Cipó imbé – Guembe
- Erva mate – Ka'a
- Ervas Medicinais – Paã
- Jerivá - Pindovy
- Madeira – Yvyra
- Pakuri (frutas nativas)
- Palmito Jussara – Jey
- Taquara – Takua

IMAGEM DO WIKI, LANDSAT 7 - maio/2002

-48 41 30
-27 49 49

1988 ha
Área identificada
Parecer Funai
nº 201/PRES de 17/12/2002

Caminho Guarani

Escola

Linha de transmissão

Rios

Rodovias e estradas



MARIA INÊS LOPES



MARIA INÊS LOPES

TI CAMBIRELA

Município Palhoça / SC

-48 37 52
-27 42 08



IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - maio/2002

-48 40 28
-27 44 54

0 0.5 Km

Centro de Trabalho Indigenista

Hoje, se nós tivéssemos bastante extensão de terras a gente podia valorizar mais a nossa tradição. Está até morrendo a nossa tradição, porque a gente não pode mais viver na natureza porque a nossa terra é pouquinho. Com nossos antepassados nós aprendemos como lidar com a natureza. A riqueza para nós nunca importou muito, nunca a gente se importou com a riqueza. A gente não tem inveja de quem tem e de quem não tem. A nossa inveja é que estão destruindo muito a natureza. A gente não pensa em ganância, nós sempre queremos valorizar a natureza, a gente não quer a destruição da natureza como outros povos, a natureza serve muito para nós. A gente tem que viver com ela, se a gente viver com ela a gente vive por muito tempo.



MAPA INF. LACTEA

A gente tem que ver a destruição porque a gente não tem tanta força para dizer “aqui não pode entrar, aqui não pode ser destruído”. A gente compreende isso, mas a gente não pode dizer “você não podem isso, não podem fazer aquilo” ... se a nossa voz é tão pequena. Eles é que tem que botar na cabeça deles, mas eles vão tentar destruir mais ainda, então a gente tem muito medo. Como é que a gente vai chegar e dizer “dá outra terrinha pra nós”. É difícil. Vamos morar lá na mata, mas tudo tem dono, apesar de que os donos somos nós mesmos. Mas a gente tem que pedir para eles novamente. O Guarani tem o direito, mas tem gente que diz que aquilo é dele, que ele comprou não sei de quem, e a gente tem que ficar quieto. E a gente tem que ver a destruição. Nós Guarani era para termos muita terra... Nosso território é muito grande, era tudo nosso, mas hoje o que era nosso nós temos que pedir para os outros. E os outros não compreendem. Muito cidadão de alta capacidade não entende, apesar de que ele estudou muito, mas só que não entrou na cabeça dele ainda.

Milton Moreira (1996)

Tinha um rio que dava para pesca, mas o rio que é bom não está na área indígena. O *jurua* está tentando acabar com o rio que é bom. Os Guarani não têm como reclamar porque o rio não está na nossa área. A água do rio está diminuindo.

Milton Moreira (2002)



MAPA INF. LACTEA

TI MBIGUAÇU

Município Biguaçu / SC

-48 35 56
-27 23 45



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kokue
-  Paça - Jaixa
-  Cateto - Taitetu
-  Tatu
-  Corticeira - Kurupiká'y
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinais - Poã
-  Jerivá - Pindovy
-  Madeira - Yyra
-  Pakuri
(frutas nativas)
-  Palmito Jussara - Jey
-  Taquará - Takua

 59,19 ha
Área homologada
Decreto s/nº de
05/05/2003

-  Rios
-  Rodovias e estradas

Imagem do satélite Landsat 7 - maio/2002

-48 42 27
-27 30 09

TEKOA TIARAJU



CULTIVO DE ARROZ DO JURUA

ACHANA P. FELIPE



PLANTIO DE EUCALIPTO DO JURUA

ACHANA P. FELIPE

Desde a primeira vez que eu vim para cá, quando criança, aqui já se chamava Tiaraju, essa parte aqui. Meu tio Francisco Kirimako falou que era o nome de pessoa, Tiaraju. Ele disse que antes de existir essa BR280 e antes do branco passar por aqui e andar, disse que já tinha uma pessoa aqui chamada Tiaraju. Meu tio pode falar certo, porque ele é mais velho e ele sabe...e ele sempre contou isso para mim.

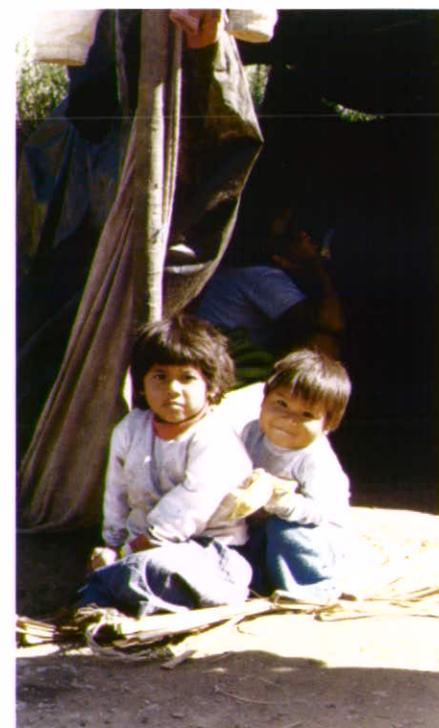
Silo (2003)

Antes de vir para Pirai eu fiquei um pouco em Rio Bonito, depois Pindoty. Eu quero ficar para cá. Neste mato tem cipó, tem madeira, tem taquara. A criançada está gostando muito. Meu irmão Francisco veio primeiro para cá e ele já contava que era muito bom para viver aqui.

João Acosta (2003)

Eu, Joel, nasci em Osório, mas já morei aqui antes, eu era criança. Meu avô usava todos esses matos. Tirava palmito do mato da baixada. Agora esse mato virou arroz. Toda minha família conhece aqui. O Kirimako era o primeiro, depois veio o Liberato Liveiro, meu avô e meu pai Dionízio, ele já morreu. Depois acho que ficou um tempo sem ninguém e agora seu Artêmio.

Joel (2003)



MARIA INE LACERDA

TI PIRAÍ

Município Araquari / SC

-48 46 15
-26 25 56



-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Jacu
-  Quati – Kuaxi
-  Iatu
-  Corticeira – Kurupika'y
-  Cipó imbê – Guembe
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jervá - Pindovy
-  Madeira – Yvyra
-  Pakuri (frutas nativas)
-  Palmito Jussara – Jey
-  Taquara – Takua
-  Escola
-  Rios
-  Rodovias e estradas

Foto: D. P. P. - ATELIER LANGSAT / 7 de setembro 2002

-48 52 48
-26 32 35

TI TARUMÃ

Município Araquari / SC

-48 39 47
-26 25 59

-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Jacu
-  Quati – Kuaxi
-  Tatu
-  Corticeira – Kurupiká'y
-  Cipó imbé – Guembe
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Madeira – Yvyra
-  Palmito Jussara – Jeiy
-  Taquara – Takua



-48 45 16
-26 30 46



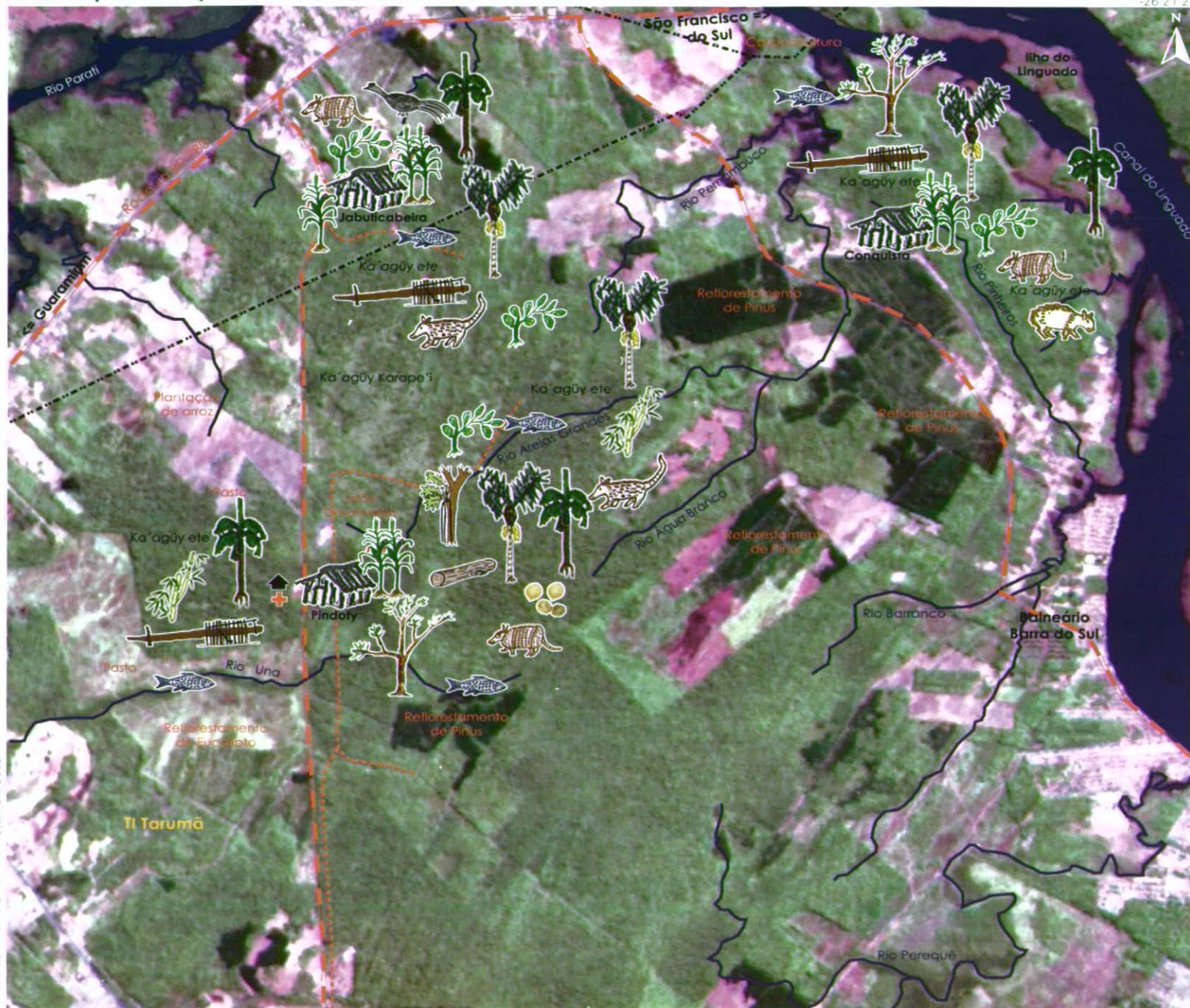
ADRIANA P. FERREIRA

-  Caminho Guarani
-  Rios
-  Rodovias e estradas

TI PINDOTY

Município Araquari e Balneário Barra do Sul / SC

-48 37 19
-26 21 28



- Núcleo de Moradias
- Mundéo – Monde
- Roça – Kokue
- Pesca
- Jacu
- Paca – Jaixa
- Quati – Kuaxi
- Tatu
- Corticeira – Kurupika'y
- Cipó imbé – Guembe
- Ervas Medicinais – Poã
- Jerivá - Pindovy
- Madeira – Yvyra
- Pakuri (frutas nativas)
- Palmito Jussara – Jey
- Taquara – Takua

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - setembro/2002

-48 44 58
-26 28 53



CORTE DE EUCALIPTO DO JURUA

ACRÍVIA P. FELIX

Até agora eu gosto muito daqui, porque aqui é muito tranquilo, não tem barulho, não tem nada assim, ninguém me incomoda. No mato aqui não dá para contar com grande coisa. Tem alguma coisa no mato. Tem rio, jabuticaba, remédio. Tinha bastante caça, palmito, mas tiraram muita coisa. Deixaram pobre isso aqui. Só que agora o nosso pensamento é assim, pelo menos ficar com a terra, fica a terra assegurada para poder ter nosso espaço, caminhar por aí.

Felix (2003)

- Caminho Guaraní
- Escola
- Linha de transmissão
- Posto de Saúde
- Rios
- Rodovias e estradas



MORRO ALTO

O *ka'agüy karape'i* a gente usa para roça... também não pode derrubar muito... a gente faz a roça e depois de um ano a roça tem que descansar... tem que abrir outra... porque a antiga roça tem que descansar para começar o mato de novo. O mato cresce a mesma coisa como antes. A roça usa até dois anos, depois tem que mudar senão a terra fica seca e a planta já não nasce bem, é assim.

Ronaldo (2003)

Toda minha família gosta daqui. A gente acostuma. Nós da minha família gostamos de viver e morar como antigamente. É longinho, mas a gente acostuma. Tem dia que saio para pescar, para caçar alguma coisa e andar no mato para ver o lugar. Nosso costume é mais ficar assim... a gente vai indo. A gente aqui tem bastante material para tirar do mato... tem taquara, tem muito tatu, cotia, tem *kai*, tem capivara, tem tucano, nhambu, uru, jacu também tem bastante... a gente está vivendo do nosso jeito, se alimentando mais do mato... quando não tem mais o que comer vai pescar ou vai pegar algum tatu.

Lauro (2003)



PINDOI



KAPI KA'AGÜY

TI MORRO ALTO E TAPERA

Município São Francisco do Sul e Araquari / SC

-48 34 29
-26 14 34



Mapa do SATELITE - LANTASAT 7 - setembro 2002

-48 45 03
-26 21 51

-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Jacu
-  Quati - Kuaxi
-  Tatu
-  Corticeira - Kurupika'y
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinais - Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jerivá - Pindovy
-  Pakuri (frutas nativas)
-  Palmito Jussara - Jeiy
-  Taquara - Takua

ILHA DO MEL

O pajé aqui é o Seu Benito... Já faz quase três anos que ele está na Ilha do Mel. Algumas pessoas já falavam para ele que tinha uma Ilha que o branco não utilizava. Ai ele conseguiu olhar naquela Ilha, gostou de alguma coisa... gostou do mar... mas caça do mato quase não tinha também. Como o Benito sempre fala... quando reza para Nhanderu para procurar o lugar e Nhanderu mostra onde o Guarani não pode ficar, nunca vai sair uma aldeia lá. Pode até ficar morando no lugar por um tempo, mas nunca consegue fazer virar uma aldeia. Por isso que o Guarani sempre anda procurando lugar.

Ronaldo (2003)

Peixe tem, só que a dificuldade é a questão da embarcação. Pegamos o barco do *jurua* para atravessar. Para mim é difícil lutar pela nossa terra, rezo para fortalecer os caciques e as lideranças.

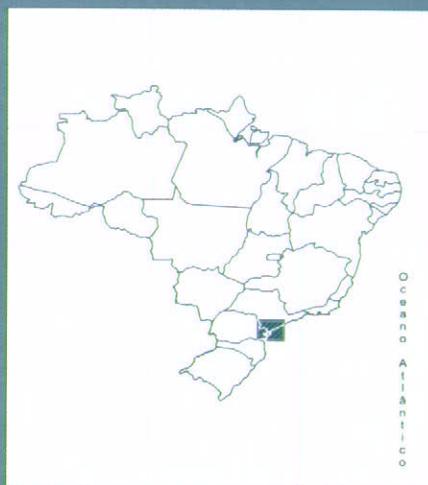
Benito de Oliveira (2002)

-  Rios
-  Rodovias e estradas

TERRAS GUARANI NO LITORAL DO PARANÁ E NO VALE DO RIBEIRA (SP)



MARIA INÊS LACERDA



- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação de Proteção Integral
- Sedes Municipais

TERRAS GUARANI

1. Sambaqui
2. Ilha da Cotonga - Jakutinga
3. Ilha do Mel - Eiretã
4. Peças
5. Pescada
6. Cerco Grande
7. Morro das Pacas
8. Superagui - Piragüi
9. Barra Ararapira - Jejty
10. Ilha do Cardoso - Yvyty - Parapaü
11. Porto Cubatão - Pirai
12. Itapitangui
13. Rio Branco de Cananéia
14. Subaúma - Guajuvira
15. Pindoty
16. Juréia - Yvyty Mirỹ
17. Sete Barras - Peguoty
18. Paraíso
19. Miracatu - Uruity
20. Serra do Itatins

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL

- I Parque Estadual do Jurupará
- II Parque Estadual da Serra do Mar
- III Estação Ecológica Juréia-Itatins
- IV Estação Ecológica Chauás
- V Parque Estadual Campina do Encantado
- VI Parque Estadual de Carlos Botelho
- VII Parque Estadual Intervales
- VIII Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)
- IX Parque Estadual Lauraceas
- X Parque Estadual de Jacupiranga
- XI Parque Estadual da Ilha do Cardoso
- XII Estação Ecológica Tupiniquim
- XIII Parque Nacional do Superagui
- XIV Estação Ecológica de Guaraqueçaba
- XV Estação Ecológica da Ilha do Mel
- XVI Estação Ecológica Guaraguaçu

Fontes:

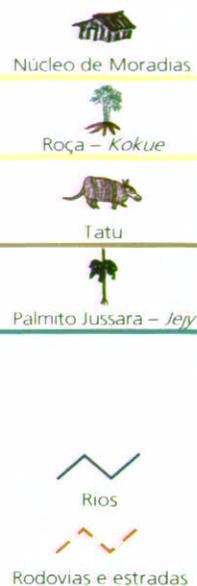
CTI - Centro de Trabalho Indigenista
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
Dossiê Mata Atlântica 2001 - Rede de ONGs da Mata Atlântica,
Instituto Socioambiental, Sociedade Nordestina de Ecologia.
Instituto Florestal - Secretaria de Estado do Meio Ambiente -
Governo de São Paulo



TI SAMBAQUI

Município Pontal do Paraná / PR

-48 23 38
-25 34 00



-48 31 50
-25 42 07

0 1 Km

Quando uma família procura um lugar para ficar, depende da própria família, se achar um lugar, ali terá que plantar muitas coisas, milho, batata-doce. A nossa própria família se assegura nesse lugar. Não é nós, o nosso corpo, que vai indicar onde o lugar é bom. Não somos nós que vamos indicar, é o próprio Nhanderu e a alma do nosso corpo. Lá onde eu estou tem várias coisinhas para os próprios rapazes que moram comigo; quando saem para o mato eles acham alguma coisinha. Eu quero plantar algumas coisas lá onde eu estou. Eu saio para procurar rama de mandioca, em qualquer lugar, para eu plantar lá onde eu estou. Eu quero que vocês ouçam, e não só vocês ouçam e também Nhanderu ouça e ilumine a minha fala, porque eu estou bem ali no meu lugar. Já tenho várias plantas, amendoim e mandioca. Qualquer família que chegue, quando chegar, eu quero dividir o que eu planto, vou dar para eles. Eu estou ali sozinho, sem muita família. Com meus filhos eu estou bem, estou alegre. Mesmo assim, lá onde eu estou é muita areia, se tivesse um outro tipo de terra teria muitas famílias. Outras coisas que eu planto não dão, é mais mandioca, amendoim, muita areia, não tem como, as plantas não nascem, tudo igual, uma nasce fraca, outra nasce bem. Uma vez todos estavam limpando uma área para plantar e não tinha semente de feijão, e minha filha foi em uma aldeia e pegou semente de feijão cipó, plantou e deu bastante. Daí apareceu outro, isso está acontecendo conosco, porque nós acreditamos em Nhanderu, o próprio Nhanderu que está fazendo isso conosco. O que nasce sem plantar é melancia, quando vê já está lá, e também batata-doce. Quando entrei cortei alguma coisinha, o pessoal que cuida desse lugar foi lá e mentiu dizendo que tinha 50 famílias de índios. Eles mentiram para muitas pessoas. Ao final, contando tudo só tem poucas pessoas, com as crianças e tudo. O pessoal falou que o índio entrou só para cortar madeira, dizem que o índio já cortou muita madeira para fazer roça, mas isso é mentira.

O pessoal do IBAMA* perguntou "Com ordem de quem você veio?" Eu vim por minha conta mesmo, um pouco de ônibus, um pouco a pé. Quando cheguei aqui tinha placa proibindo, proibindo a entrada, mas mesmo assim eu entrei. Onde tem placa proibindo, aí eu pensei que eu morando ali daria mais respeito a mim, mas não. O pessoal do IBAMA disse que eu podia morar aqui, mas que é proibido cortar palmito, vender, vender a caça e caçar. Mesmo eu morando aqui, eu também não posso cortar palmito, nem caçar. Mesmo você morando não pode fazer nada, mas tenho que sustentar minha família e mesmo assim eu vou preservar o lugar onde estou.

Roque (2002)

* IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

TEKOA JAKUTINGA TI ILHA DA COTINGA

Município Paranaguá / PR

-48 17 16
-25 28 25



IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - setembro/2002

-48 30 47
-25 36 11

-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - monde
-  Roça - kokue
-  Pesca
-  Plantio de frutíferas
-  Quati - Kuaxi
-  Tatu
-  Caixeta - Kurupiká'y
-  Cipó imbé - Guembe
-  Jervá - Pindovy
-  Madeira - Yyira
-  Palmito Jussara - Jey
-  Taquara - Takua
-  1701 ha
Área homologada
Dec. s/nº,
de 16/05/1994
-  Escola
-  Rodovias e estradas



MARIA INÊS LAZERA



MARIA INÊS LAZERA



MORRO DAS PACAS



MARIA KÉ. LOPES

Andamos por Cantagalo, Osório, Pacheda (RS). Em Santa Catarina, só em Chapecó. Daí chegamos em Paranaguá (PR), ficamos dois anos, na Ilha das Peças. Fui para o Bracuí, para trabalhar lá, fazer roça, fazer casa. Aí vim aqui para o Morro das Pacas, faz treze anos que estou aqui, o último lugar. Vim para cá e fiquei.

Anta não tem, paca tem, capivara só de vez em quando. Tem serelepe, tem rato da taquara, tem bastante ouriço. Tem cutia de bunda vermelha, *tapiti* (lebre), tatu, *tatu ai* (tatu de rabo mole) e *tatu poju* (tatu peba).

Estou plantando *avaxi* de sementes misturadas. Tem *jaracaxia* (jaracatiã), aqui tem muitas frutas boas no mato.

Quando começou a minha aldeia éramos três famílias, e lá virou Parque Nacional, e o IBAMA* sempre fiscaliza a ilha. Uma vez eu peguei papagaio e periquito para criar. Um dia eu fui para a cidade, quando eu voltei o pessoal do IBAMA estava lá, e eles levaram os bichinhos. O pessoal do IBAMA filmou e prendeu os bichinhos inocentes numa gaiola. E eu disse: "você têm leis e nós também temos leis. Agora nós queremos levar os passarinhos e soltar lá na nossa aldeia". Eu disse para o delegado que para entrar na aldeia precisa pedir para a FUNAI, e que o IBAMA não pode entrar sem autorização.

Eu expliquei na delegacia que a vivência do Guarani é diferente. Tudo isso é novo, antigamente a gente não tinha problemas em pegar bichinhos para criar. Os Guarani devem ter suas criações de animais do mato, como os brancos tem suas vacas, cavalos... Para o Guarani é natural criar os bichinhos, faz parte da cultura. Não pode ser proibida a criação porque os índios não criam para vender.

Antes da invasão dos portugueses era tudo nosso. Hoje em dia, os governos roubaram tudo e venderam tudo, mas quem é dono da terra é Nhanderu, que criou a riqueza da terra.

Alcides Gonçalves, Morro dos Pacas (2003)

* IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

TI MORRO DAS PACAS, CERCO GRANDE E PESCADA

Município Guaraqueçaba / PR

-48 05 09
-25 17 17



-  Antiga aldeia
-  Cemitério
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Plantio de frutíferas
-  Cateto - Taitetu
-  Jacu
-  Jaguatirica - Xvi'i
-  Macaco Bugio - Karaja
-  Paca - Jaixa
-  Quati - Kuaxi
-  Rato - Anduja
-  Tatu
-  Caixeta - Kurupika'y
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinas - Pãã
-  Jervã - Pindovy
-  Pakuri (frutas nativas)
-  Palmito Jussara - Jey
-  Taquarã - Takua
-  Caminho Guarani

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - setembro 2002

-48 20 41
-25 29 43



MÁRIA INÊS LACERDA

PESCADA

Eu fui para a cidade levar os cestos e cheguei de tarde com a comprinha que troquei pelos cestos. Aí cheguei com a bota e um facão na mão, escorreguei e caí, não sei que tipo de cobra que era, até hoje não sei... Aí machuquei minha perna, rasguei. Escorreguei, caí, cheguei na minha casa tirei a bota e tinha muito sangue, aí a gente voltou para ver se tinha alguma coisa, casco. Eu fiquei dois dias de repouso, e eu falei para o filho “me leva pertinho onde está a cova e me coloca pertinho da cova”.

Aí me carregaram os meus próprios filhos. Chegaram lá, amarraram minha rede, eu fiquei tonto, não sabia se estava no alto ou se estava no chão. A cova era na Ilha das Peças (aldeia Pescada), pedi para o filho tirar o palmito para comer que era o único alimento que tinha lá. “Eu não quero deixar o pai sozinho”, disse o filho mais velho. Eu disse “vai, mas quando vocês voltarem, se eu estiver morto, você coloca eu na cova reto, não amarra a mão, coloca reto com os braços esticados”. Pedi também pra ser enterrado de frente para o cruzeiro do sul. Eu disse ao filho “depois de ser sepultado, vocês procuram meus parentes, eu tenho muitos parentes, daí vocês ficam na aldeia que mais gostarem junto com meus parentes com que mais se acostumarem”.

Depois da fala eu fiquei tonto de novo, não sei se desmaiei, apaguei. Assim que eu fiquei tonto, eu sonhei, “tinha uma casinha de palha pequena, e falei para os filhos irem caçar e pegar palmito, e o filho mais velho não queria ir. Eu disse para que quando ele voltasse, se eu estivesse morto, era para botar eu de barriga para cima com a mão em cruz de frente para o cruzeiro do sul. Meu filho não queria ir. Eu disse para ele ir que eu ficava”. E eu desmaiei e daí eu não sei o que aconteceu, se sonhei ou se eu vi, que eu tinha uma casinha novinha coberta de folha de *pindo* verdinha e em cima da casinha tinha um *parakau* (papagaio). E o *parakau* falou “hoje eu vim, eu sou papagaio”. Pra nós não é nada já que você lembrou de nós, isso não é nada. Eu sonhei mesmo, porque nesse tempo eu não ia na casa de reza, e isso é de Nhanderu mesmo. Eu nunca canto, depois disso comecei a rezar.

Depois que sonhei, acordei, rezei e já fiquei melhor. Levantei e fiz fogo e já estava melhor. Já estava com fome. O filho mais velho fez farinha para comer. Mande os filhos pescarem e eles foram, e depois disso, voltaram para casa e me levaram de volta para casa. Já que está acontecendo isso comigo, meus filhos, vamos embora pra aldeia do meu irmão, Sambaquí. Quando chegamos lá, eu contei para o meu irmão e para minha mãe o que aconteceu. Daí saí de lá onde eu morava, sem ninguém mandar embora, e cheguei lá de mudança, queria fazer uma casinha pra morar e queria que todos os netos ajudassem a construir uma casinha. Daí o meu irmão falou “porque você veio embora, se foi lá que você teve esse sonho maravilhoso? Agora você quer sair de lá e vir pra cá se foi lá que você ficou bom? Mas porque você quer vir pra cá se os seus parentes e seus netos ficaram lá? Você não pode deixar seus parentes lá, se você fizer isso é porque você não gosta de sua família”.

Então, a filha do meu irmão pegou umas sementinhas de milho e feijãozinho e me deu para plantar. A filha do meu irmão pegou as sementinhas e me deu para eu voltar e fazer minha plantação lá. Então voltamos, também porque meu irmão não mandou fazer a casinha. Quando cheguei lá Adriano também chegou. E eu perguntei “você veio para ficar aqui?” E o Adriano respondeu “eu vim para ficar aqui porque muita gente diz que aqui tem madeira boa para fazer bichinho. Vamos ficar aqui mesmo, vamos fazer bichinho”. Daí eu aceitei o Adriano para ficar.

Daí no outro dia, o filho dele pegou facão foice e disse “Pai, vamos plantar alguma coisa que meu tio falou. Vamos fazer uma plantaçãozinha”. Eu, meu filho e o Adriano fizemos $\frac{1}{4}$ de roça. Depois eu fiquei pensando que não tem rio para beber, o rio que tinha era quase um barro e todo mundo bebia daquele barro. Adriano fez rocinha e depois que fez rocinha cortou madeira para fazer uma casa para mim, seu tio. Depois que o Adriano cortou a madeira todos se uniram para fazer a casa para ele, as mulheres carpavam e os homens construíam.

E o rio desapareceu porque não chovia. Pedi favor para o Adriano porque o lago já tava secando. Daí ele falou pra ele ir na FUNAI, lá em Paranaguá, para conversar. Depois de quinze dias eles já arrumaram água para nós bebermos. Fizeram uma caixa d'água. Até os casados e os solteiros tinham a rocinha deles lá. Já tinha milho, cana, banana, tinha de tudo. Um pouquinho, mas de tudo; o que a gente encontrava, plantava.

Então meus parentes, a gente tem que viver assim, assim que vamos ter força para seguir, para levantar, tem que viver de cabeça erguida, fazer as coisinhas. Foi o que aconteceu comigo, eu ia deixar as coisas tudo para lá e meu irmão me aconselhou a voltar. Agora eu entendo que não podemos fugir dos problemas. Temos que fortalecer um ao outro para que possamos continuar em nossa aldeia. Se não acontecer isso, se a gente deixa nossa aldeia, aí vão dizer “como ele foi embora eu também vou embora”. E ninguém vai ficar na aldeia. Não pode ser assim. Temos que ficar, não é em uma só aldeia que tem problema, toda aldeia tem problema. Façam como eu, eu vou ficar na minha aldeia mesmo, eu vou ficar nem que seja sozinho com os filhos e netos. Agora na nossa aldeia já somos bastante, nossos próprios filhos já tiveram filhos e já estamos crescendo.

Kirimako, Cerco Grande (2002)

TI MORRO DAS PACAS, CERCO GRANDE E PESCADADA

Perto da Vila de Guaraqueçaba é Cerco Grande, onde é minha aldeia. O que a gente faz na aldeia é plantação, nós temos ajuda, então essa é a oportunidade que a gente faz, porque lá não tem caça. Tem mais animais na Pescada (Ilha das Peças) e na Ilha Laranjeiras. A Pescada fica cinco horas de barco. Lá tem uma casinha que a gente fica cinco dias, lá tem paca, tatu, *acuti* (cutia), quati, é o que tem lá. Lá no Cerco Grande, o único que tem é macaco.

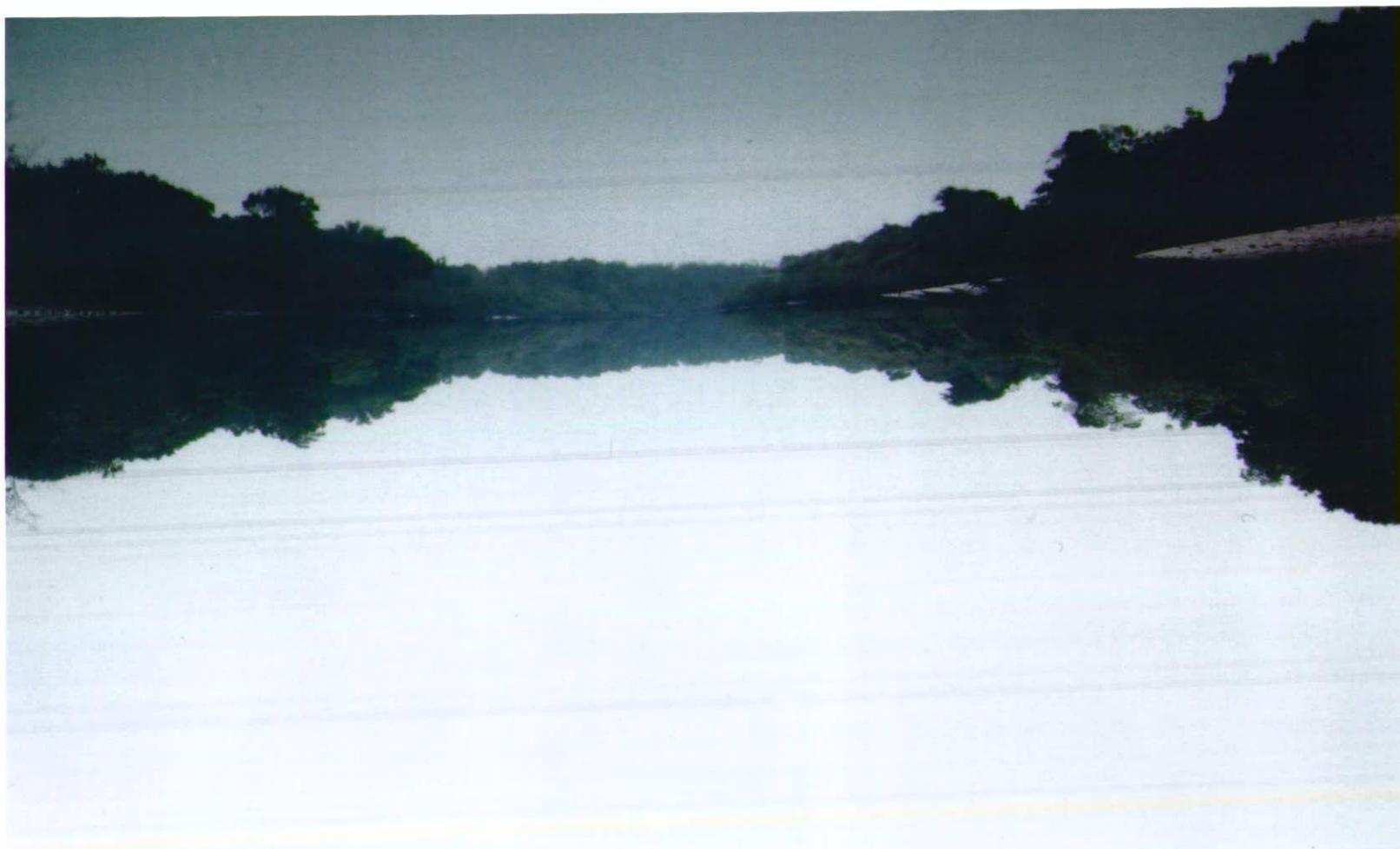
Adriano, Cerco Grande (2002)

MARIA INÊ LADREIA



ARARAPIRÁ (JEJTY)

MARIA INÊ LADREIA



ESTUÁRIO LAGUNAR IGUAPE/SP - PARANAGUA/PR

TEKOA YVYTY PARAPAÛ



MARCA INF. LADREIRA

Nessa mata tem muita caça ainda. Tem capivara, cachorro do mato, cotia, tatu, tem muitos bichos, mas em outras partes não tem muito bicho. Nós estamos ocupando esta parte do meio.

Os mais novos já querem que a escola seja na aldeia, eles não pensam nos mais velhos, em valorizar o pensamento dos mais velhos e não valorizar as coisas dos brancos. Como nós temos três velhinhos na nossa aldeia, e a gente pega o que eles contam, a gente dá a preferência para eles. Na construção, para fazer a cobertura, nós procuramos onde tem o capim para cobrir nossas casas, porque damos valor para a nossa cultura. Tem vários tipos, tem o *pindo* das folhas pequenas, e tem o do maior. Todas as coisas são assim, como no caso da taquara, nós cortamos metade num lugar e enquanto ela cresce nós cortamos em outro lugar.

Nesse lado onde nós estamos não falta, tem muita caça, tem *koxi* (queixada), *guaxu* (veado), tatu, *kuaxi*, *aguarai* (guaraxaim), *guaki* (ratinho do mato), gambá... Eu faço mundéu porque às vezes eu gosto de comer as caças da mata. Então eu faço mundéu para pegar alguma coisa para comer. Por outro lado, os próprios brancos entram para caçar também. Do outro lado fica Cambriú e desse lado tem várias trilhas onde os caçadores entram para caçar.

Já não tem mais palmito. Os palmiteiros cortaram e eu pensava que indo pela trilha longe da praia ia aumentar, mas já não tinha nada; quanto mais longe menos tem. Tinha até um barraco que fizeram para ficar cortando palmito.

Thiago (2003)

TI ILHA DO CARDOSO

Município Cananéia / SP

-47 53 35
-25 03 38



- Núcleo de Moradias
- Mundéo - Monde
- Roça - Kokue
- Pesca
- Cateto - Taitetu
- Jacu
- Macaco Bugio - Karaja
- Macuco - Inambu
- Paca - Jaixa
- Quati - Kuaxi
- Tatu
- Corticeira - Kurupika'y
- Cipó imbê - Guembe
- Ervas Medicinais - Poã
- Jervá - Pindovy
- Madeira - Yvyra
- Taquara - Takua

0 1 Km

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - junho/2002

-48 00 27
-25 09 27



GUEMBE

CLAUDIA R. DA SILVA



MILHO GUARANI

CLAUDIA R. DA SILVA

- Caminho Guarani
- Rios
- Rodovias e estradas

Centro de Trabalho Indigenista



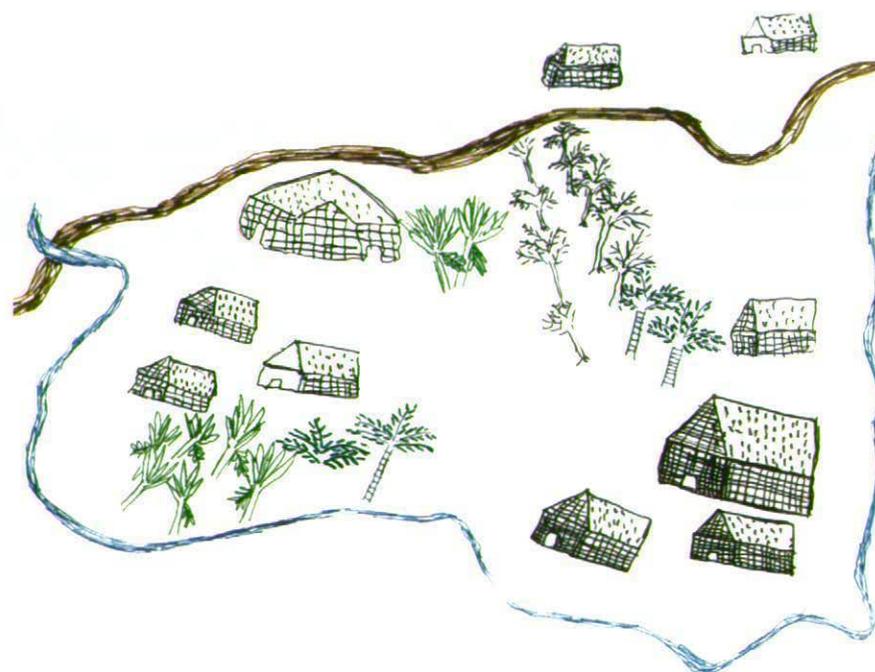
MARIA INÊS LACERDA

Quando anoitece o meu costume é de cantar para Nhanderu, é tocar violão para Nhanderu, só isso que eu gosto de fazer. Enquanto eu tiver morando lá vou fazer alguma plantaçozinha.

Na minha área tinha bastante palmito, pequeno ainda, nem dava para contar, daí os brancos entraram e cortaram tudo. Agora eu, que já estou morando ali, tenho ciúme da mata; não quero que peguem um gambá, outra caça não tem, e eles vão pegar o gambá que tem lá, porque eu moro lá, é o mato que eu cuido. No mato tem bastante remédio, as coisas que a gente sabe, os mais velhos mostraram os remédios para a gente. Agora eu não vou deixar que os brancos cortem o mato; eu não vou deixar porque no mato tem bastante remédio. No mato, taquara também não tem muito, se tem é muito pouco. O que dá bem é a banana.

Às vezes eu caio na tristeza porque como sou um índio antigo, não gosto da carne da cidade, eu sonho de comer tatu com caldinho. Eu sonho em comer um tatu aqui na minha aldeia. Lá no rio não falta água; o rio tem água limpa, eles estão cuidando do rio. Se parar de chover não vai ter nada. Se não chover, aí que pioram as coisas, se planta até a semente já seca embaixo da terra. No resto, só como bananinha junto com gambá. Da plantaçoção nem adianta falar. Do mato, tem muito remédio, então é bom. De resto, se vocês perguntarem eu vou dizer que eu estou bem porque eu estou vivo.

Ermenegildo Ramires (2003)



A verdade é que a nossa área não é grande, todo mundo já conhece. Ali já tem outras famílias. As famílias não pararam ali porque a terra não é muito boa para plantar. A nossa área fica longe da estrada, longe da cidade, essa é uma dificuldade. Nós, índios Guarani, acostumamos morar onde tem muita coisa, peixe, mel e caça.

Eu tenho muitas crianças, se depender muito da cidade, de onde eu iria ter dinheiro para comprar as coisas para meus filhos? Eu posso dar de comer para meus filhos se eu conseguir plantar. Eu gostaria que fosse assim, dar de comer para meus filhos da minha própria plantaçoção. Tem pouco tatu, quati, nem dá para as crianças comerem. No início, quando os Guarani entraram nessa parte do mato tinha bastante palmito. Os palmiteiros, os brancos, eles entram todo dia. Nós com respeito aos brancos não cortamos e eles que cortaram tudo. Nós índios, nós não vamos com um saco grande de palmito na cidade para vender. Os palmitinhos que nascem ali na aldeia para dar semente para crescer, é isso que nós queremos deixar.

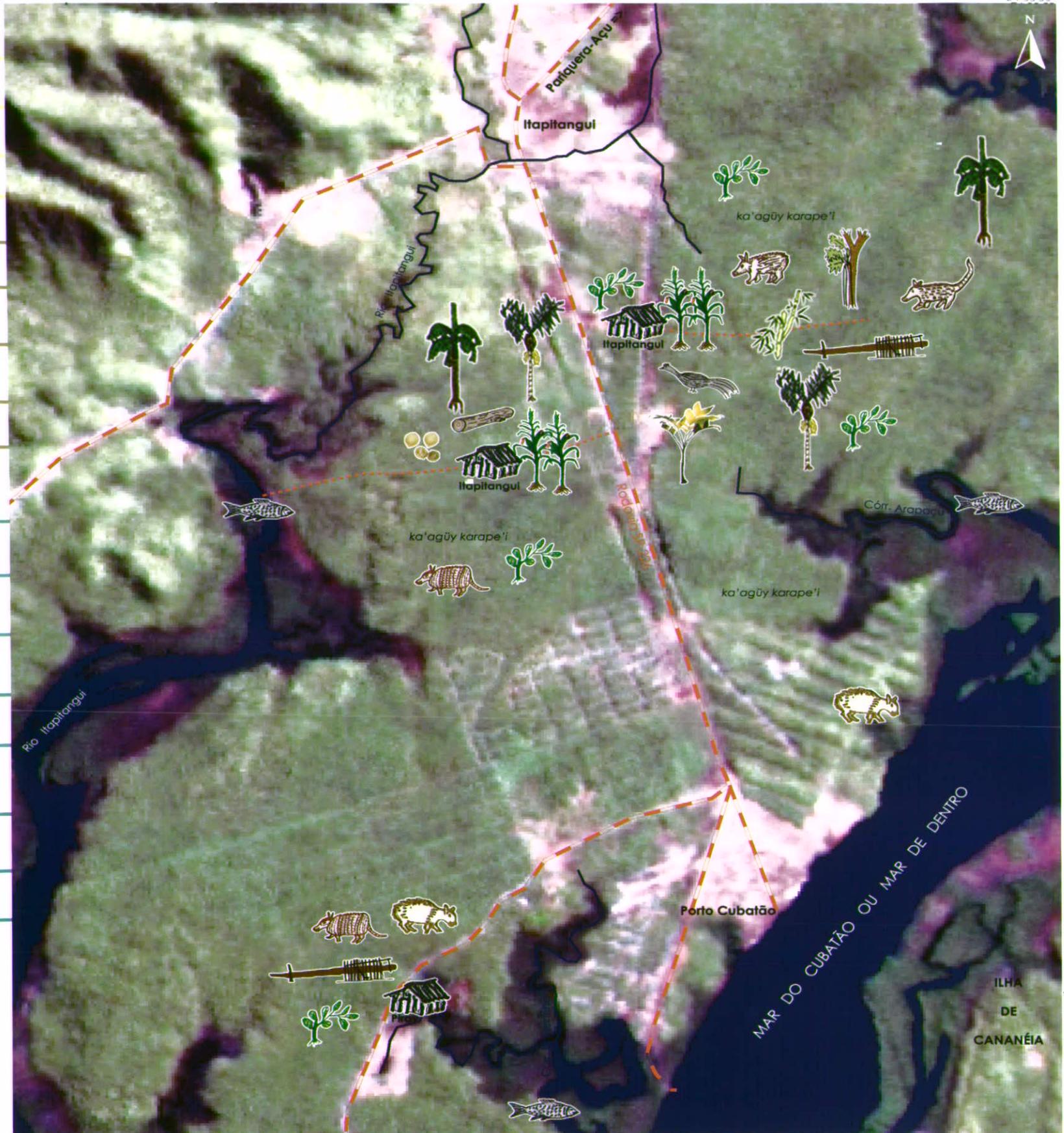
Paulo Cabaña (2003)

TI ITAPITANGUI E PIRAI

Município Cananéia / SP

-47 56 02
-24 55 35

-  Núcleo de Moradias
-  Mundéio – monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Cateto – Taitetu
-  Jacu
-  Paca – Jaixa
-  Quati – Kuaxi
-  Tatu
-  Cipó imbé – Guembe
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jerivá - Pindovy
-  Madeira – Yvyra
-  Pakuri (frutas nativas)
-  Palmito Jussara – Jeiy
-  Taquara – Takua
-  Caminho Guarani
-  Rios
-  Rodovias e estradas



-47 59 14
-24 59 26

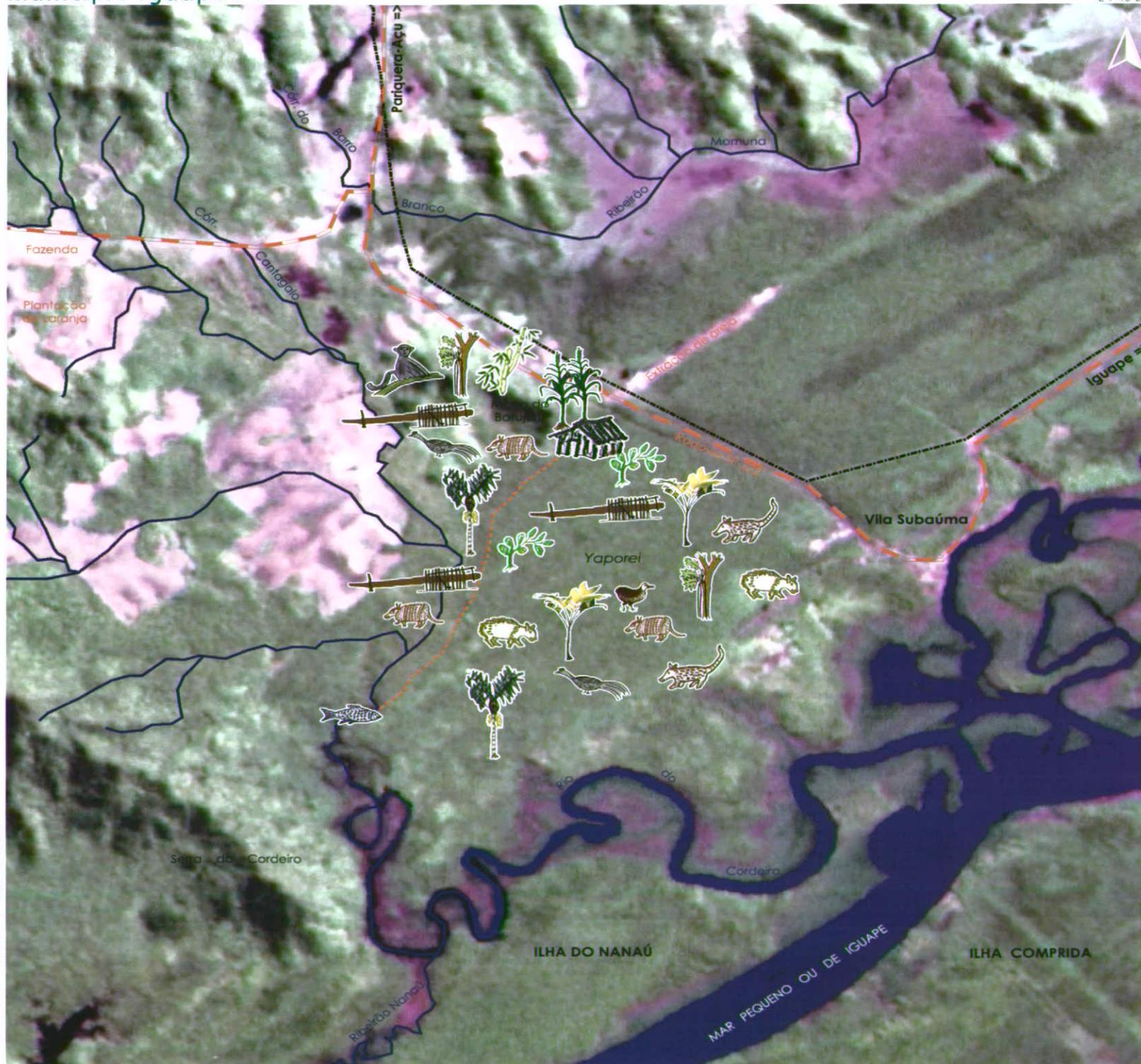
0 | Km

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT / - setembro/2002

TEKOA GUAVIRA TI SUBAÚMA

Município Iguape / SP

-47 43 38
-24 46 20



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Jacu
-  Macaco Bugio – Karaja
-  Macuco – Inambu
-  Paca – Jaixa
-  Quati – Kuaxi
-  Tatu
-  Cipó imbé – Guembe
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jerivá - Pindovy
-  Taquara – Takua

-  Caminho Guarani
-  Linha de Transmissão
-  Rios
-  Rodovias e estradas

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - setembro/2002

-47 46 40
-24 51 28

Nós procuramos um lugarzinho para ficar e quando nós chegamos aqui era tudo mato, não tinha nada limpo, a única coisa que nós encontramos foi uma casinha que era dos outros parentes, que nós estamos morando agora, e outra casinha lá também. Ai nós ficamos. Mas no primeiro dia a gente não se acostumava, e dia mais dia fomos acostumando. A única coisa que eu penso é ficar onde não tem posseiro dentro da aldeia ou perto, eu não quero mais me envolver com posseiro como no Aguapeú, lá o posseiro está contra nós. A única coisa que eu penso é ter material para fazer artesanato, é isso que dá bem para nós. É a única fonte pela qual, às vezes, consigo dinheirinho para alguma coisa que falta para nós, para comprar alguma coisinha que é barato. Remédio tem algum remédio do mato, tem para dor de cabeça, para tosse, para qualquer coisa tem remédio também por aqui. Palmito tem um pouquinho, para comer tem. O rio é bom para a pesca; é um pouquinho melhor porque tem mais peixe por aqui.

Valdomiro da Silva (2004)

Centro de Trabalho Indigenista



MARIA INES LACERDA

Para a gente chegar aqui nesse local, a gente teve de trabalhar junto com o pajé, porque nós, Guarani, não vamos para um lugar sem conhecer esse lugar. Quem faz o trabalho primeiro é o pajé para receber uma revelação de Nhanderu que vai mostrar algum lugar para a gente viver, para a gente formar aldeia, para criar os nossos filhos.

Depois de um tempo que chegamos aqui a gente ganhou uma área do Estado. Mas nessa área a gente não instalou a aldeia, porque ali é uma área de morro e tem algum bichinho, e a gente não quer destruir essa mata, então ocupamos mais para frente que é esse lugar que nós estamos agora.

Temos a nossa agricultura que é plantar milho, mandioca, cana, é com isso que a gente sobrevive. Estamos aqui com 16 famílias, o total é de 90 pessoas. Vamos permanecer aqui, e vamos lutar para que essa terra seja reconhecida como área indígena. A área não é demarcada.

Essa aldeia não tem muito recurso natural, mas para a comunidade ainda é suficiente o que tem. Tem tatu, tem quati, tem tamanduá, macaco, bugio. E para nós essas coisas são importantes.

Eu quero dar uma explicação sobre a parte da natureza, porque nós, Guarani, sabemos como é que os bichinhos Guarani se reproduzem. Então, na época de reprodução a gente já não caça. E assim, a gente consegue manter a área sem destruir. Aqui pensamos no futuro, em povoar e enriquecer mais o mato. Nós temos que ser reconhecidos como um povo tradicional, como um povo que sobrevive da natureza. Isso é que o pessoal tem que entender, porque até agora falam que nós somos invasores. Principalmente aqui no Vale, falam muito isso, e isso dificulta muito a vida em cada aldeia.

Renato Vera Mirim (2004)



MARIA INES LACERDA

TI PINDOTY

Município Pariqueira-Açú / SP

-47 48 57
-24 43 29



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Jacu
-  Quati – Kuaxi
-  Jaguatirica – Xivi'i
-  Macaco Bugio – Karaça
-  Macuco – Inambu
-  Tatu
-  Cipó Imbé – Guembe
-  Ervas Medicinas – Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jerivá - Pindovy
-  Palmito Jussara – Jeiy
-  Taquara – Takua

-  Linha de Transmissão
-  Rios
-  Rodovias e estradas

Imagem do SATELITE LAQUSET 7 - setembro/2002

-47 53 34
-24 48 10

TEKOA YVYTY MIRĨ



Eu gostei daqui porque eu sonhei com esse lugar aqui, ninguém me contou desse lugar. Eu estava na Ilha do Cardoso, quando eu morava lá eu sonhei com esse lugar aqui, e tinha um caminho lá de Cananéia que vinha até aqui, um caminho, uma trilha. Ai me contaram no sonho "lá vai ser o seu lugar, se você quiser morar lá, lá depende de você querer ir morar lá, aqui está o caminho que chega lá na Juréia". De lá, eu já vi essa Serra aqui no sonho. Ai eu vim seguindo o caminho do sonho e falei assim "foi esse lugar mesmo que Nhanderu mostrou". Então eu falei "está bem, eu vou conhecer esse lugar". Ai eu disse "tudo bem, eu vou morar lá, eu vou morar lá, e quando eu conseguir aquele lugar eu vou ficar lá para sempre, para toda a vida". Ai eu comecei a plantar devagarzinho as bananas, e o que tiver de muda de planta lá eu vou plantar... Aqui tem os remédios que eu conheço, tem cipós, *timbope*, imbé e taquara. Também tem caça, tem bugio, tatu, paca, porco do mato, cateto também tem, tem veado. Isso que eu vi por aqui, mais do que isso não tem. E com isso dá para viver assim... não dá para viver se não tiver caça, mas se tiver, não precisa ser muito, mas se tiver um pouquinho, dá para sobreviver, e plantando já ajuda muito. Tem *guavira* (guabiroba), *guavira guaxu* que é maior, aqui na Serra tem *guavirai* que é pequeno, é amarelinho e pequeno. Tem também o *pindo ete*, que chamam jerivá. Eu estava pensando, eu queria peixe aqui em cima. Aqui tem um riozinho, onde já soltei três *nhundia* (*bagre*), seis acarã, daqui uns tempos eu vou soltar mais, porque daqui um tempo vai aumentando. Porque isso fica para as crianças, depois que elas crescerem, quando elas casarem, formarem as famílias, isso é para elas, não para mim que estou plantando. Por exemplo, eu estou plantando palmito, não é para mim que eu estou plantando, isso fica para os outros, fica para eles. Agora a gente planta, é isso que eu estou pensando. Do palmito só as mudas eu não sei quantos mil pés, fora as sementes, e fora que já tem palmito, e não sei quantos pés de palmito maduro e mudas de jussara, quer dizer que só as mudas não tem como contar, porque tem muito. Eu vou plantar agora no mato, plantar até a quantidade... até o que puder plantar. E a água aqui também, água nunca faltou e também nunca pegamos nenhuma doença da água, a doença da água aqui não apareceu até hoje.

TI JURÉIA

Município Iguape / SP

147 12 37
-24 30 14

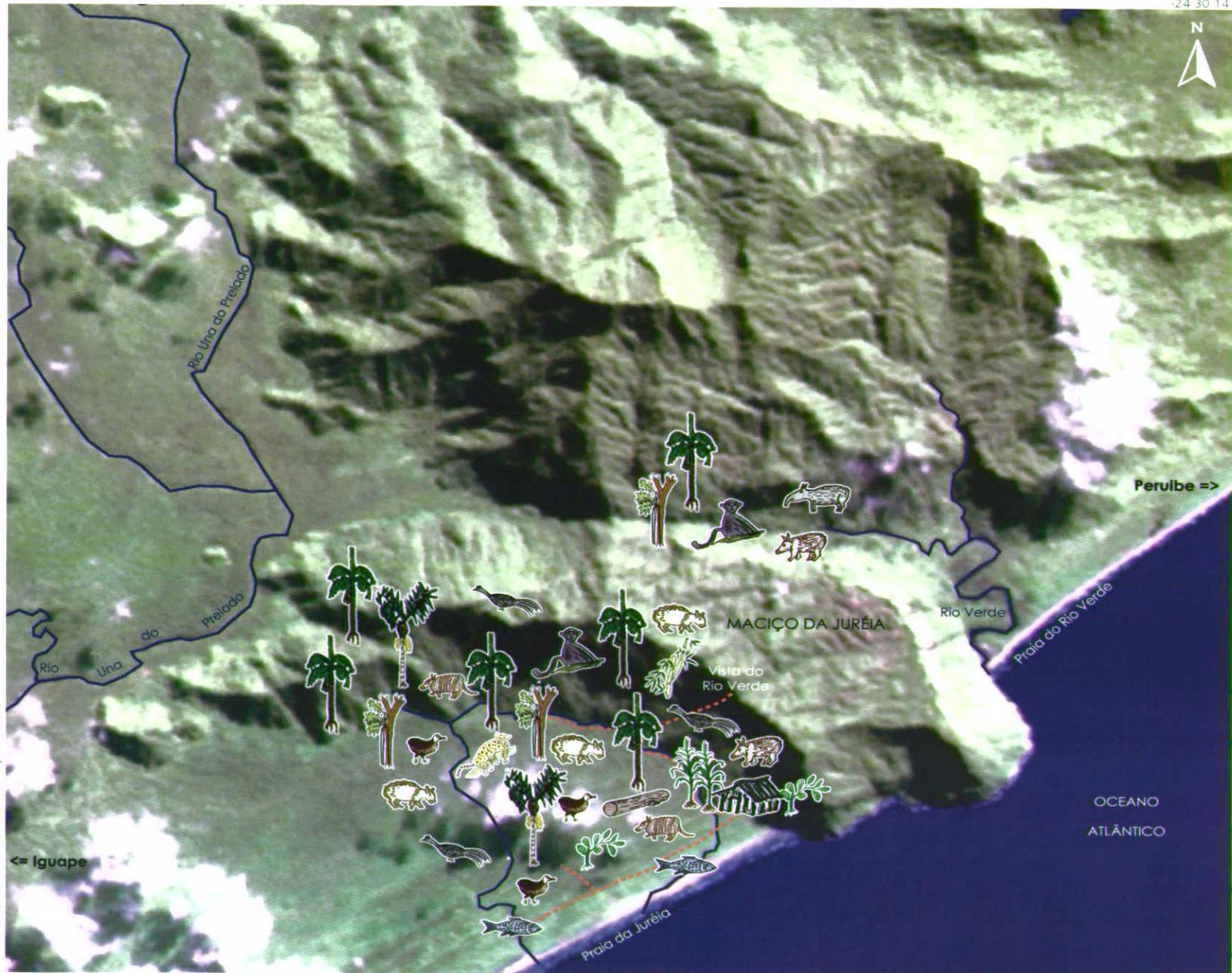


IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - junho/2002

147 18 51
-24 35 24

-  Núcleo de Moradias
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Anta - Mboze
-  Cateto - Taitetu
-  Jacu
-  Jaquaticara - Xivi'i
-  Macaco Bugio - Karaja
-  Macuco - Inambu
-  Paca - Jaixa
-  Tatu
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinais - Poã
-  Jervá - Pindovy
-  Madeira - Yvyra
-  Palmito Jussara - Jeyj
-  Taquara - Takua

-  Caminho Guarani
-  Rios

TEKOA PEGUAOTY



MARIA INÊS LUCIBRA

Xe ramói (meu avô, sábio) e *xe jaryi* (minha avó) disseram que escolheram este lugar porque ele é sagrado, não adianta nada falarem para a gente mudar, porque só eles sabem das coisas. *Xe ramói* está bem, as crianças também. Nós achamos importante esta aldeia aqui, porque aqui é longe da cidade e aqui a terra é boa para nossa plantação. E para nós o mais importante é ter *Opy*, ouvir o canto dos pássaros... aqui é um lugar muito bom, por isso a gente esta aqui até hoje. Aqui foram enterrados três corpos de parentes, duas crianças e um adulto. Isso é importante, porque a comunidade dificilmente deixa o local onde as crianças foram enterradas. Quando nascem as crianças a gente não joga fora a placenta no lixo. A gente coloca na própria terra; para a gente isso significa ser terra tradicional. Nasceram dez crianças aqui na aldeia.

Celso Aquiles (2003)

ADRIANA P. FELIPI



LUIS EUSEBIO E PETY (FUMO)

ADRIANA P. FELIPI



TI SETE BARRAS

Município Sete Barras / SP

-48 00 39
-24 09 45



-  Cemitério
-  Núcleo de Moradias
-  Mundão - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Plantio de frutíferas
-  Anta - Mbore
-  Cateto - Tartetu
-  Jacu
-  Jaguatirica - Xiv'i
-  Macaco Bugio - Karaja
-  Paca - Jaixa
-  Quati - Kuaxi
-  Tatu
-  Cipó imbé - Guembe
-  Corticeira - Kurupika'y
-  Ervas Medicinas - Paã
-  Guaricanga (palha)
-  Jervá - Pindovy
-  Pakun (frutas nativas)
-  Palmito Jussara - Jey

IMAGEM DO SATELITE: LULA/SET 7 - setembro/2002

-48 06 08
-24 16 10

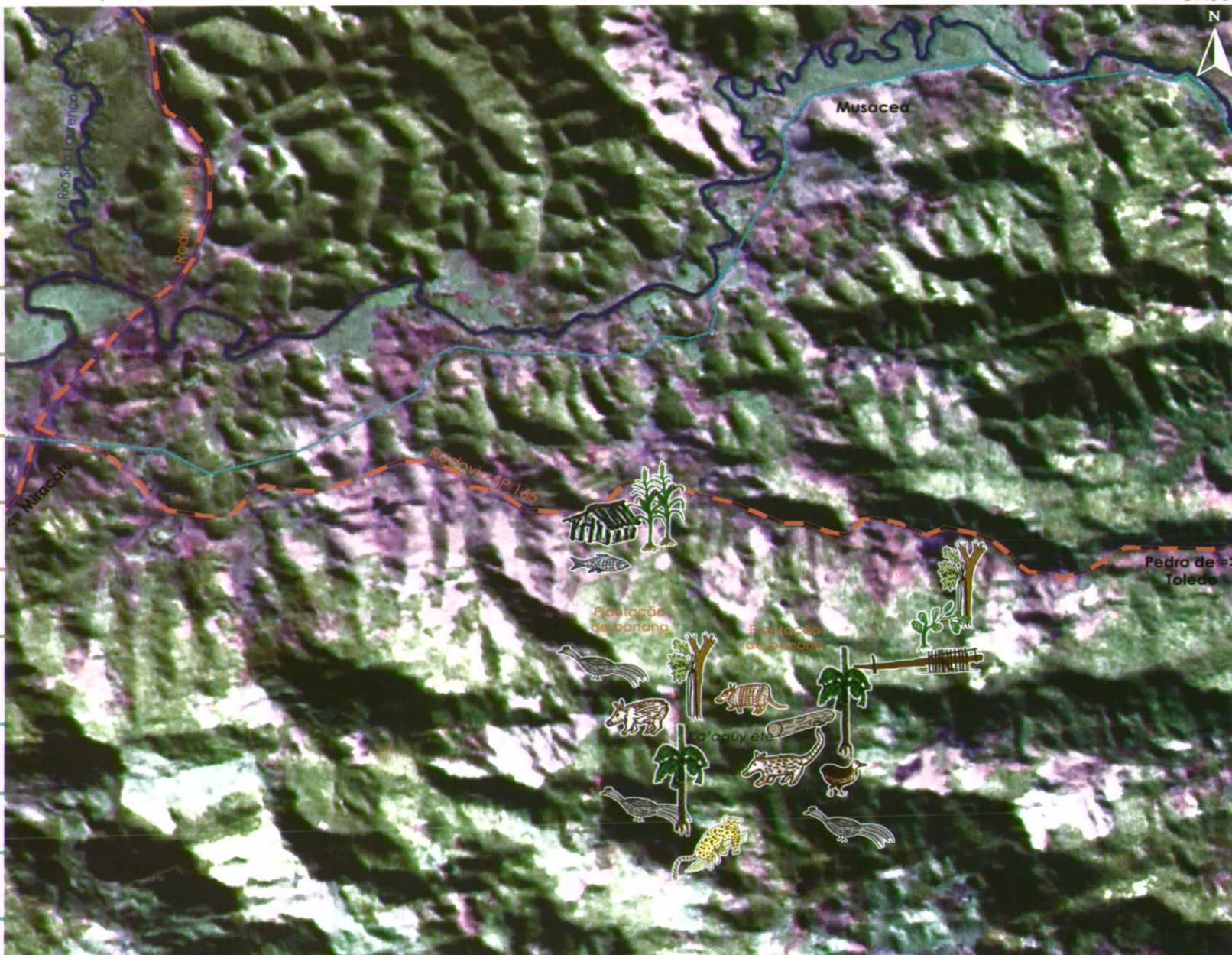
0 Km
Centro de Trabalho Indigenista

TEKOA URUITY TI MIRACATU

Município Miracatu / SP

-47 16 13
-24 13 04

-  Núcleo de Moradias
-  Mundêo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Cateto – Taitetu
-  Jacu
-  Jaguaritica – Xivi
-  Macuco – Inambu
-  Quati – Kuaxi
-  Tatu
-  Cipô imbê – Guembe
-  Ervas Medicinais – Paã
-  Madeira – Yyza
-  Palmito Jussara – Jey



-47 22 52
-24 19 04

-  Rios
-  Rodovias e estradas
-  Ferrovia

Antes aqui tinha só uma família Guarani. Depois os fazendeiros falaram para eles descerem. É uma área pequena mas tem material para artesanato, tem taquara, tem cipô imbê... Nós plantamos, colhemos, a terra não é tão ruim assim. Vivemos agora com cinco famílias. Tem bastante bicho: tatu, gambá, jacu, quati.

Lídio Benites (2002)



MARIA INIP, LACERDA

TI SERRA DO ITATINS

Município Itariri / SP

-46 59 45
-24 17 13

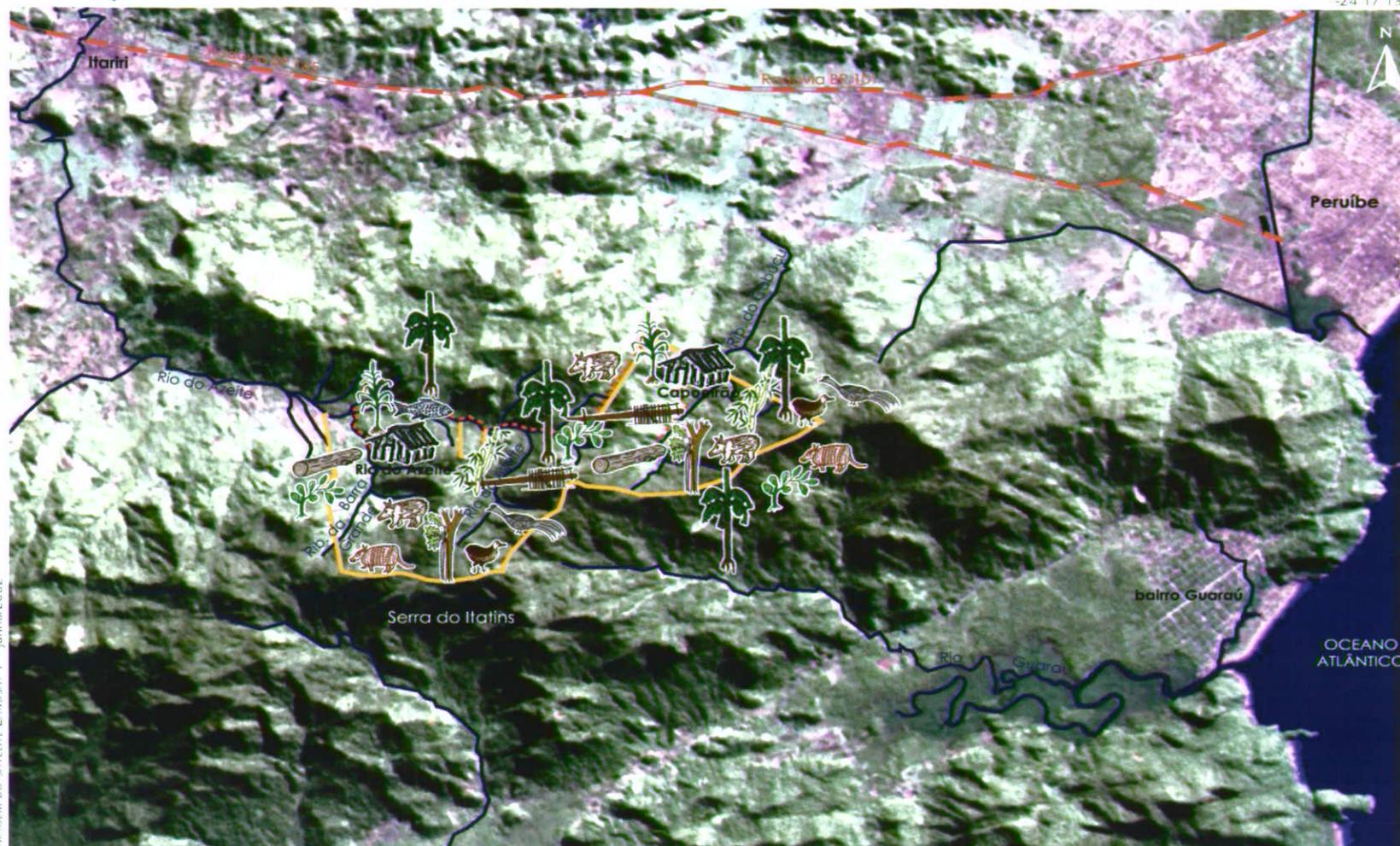


IMAGEM DO SATÉLITE LANDSAT 7 - Junho/2002

-47 11 39
-24 24 17

MARIA INE LADERIA



-  Nucleo de Moradias
-  Mundeó - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Cateto - Taitetu
-  Jacu
-  Macuco - Inambu
-  Tatu
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinaias - Poã
-  Madeira - Yyira
-  Palmito Jussara - Jeiy
-  Taquara - Takua



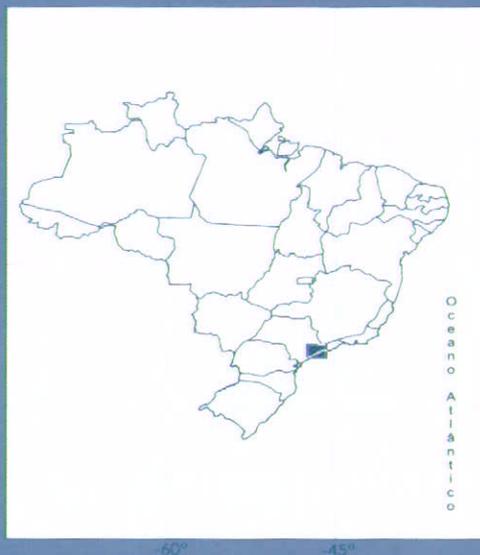
1.212,47 ha
Área homologada
Dec. nº 94.225,
de 14/04/1987

 Caminho Guarani

 Rios

 Rodovias e estradas

TERRAS GUARANI NO LITORAL SUL DE SÃO PAULO E GRANDE SÃO PAULO



- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação de Proteção Integral
- Sedes Municipais

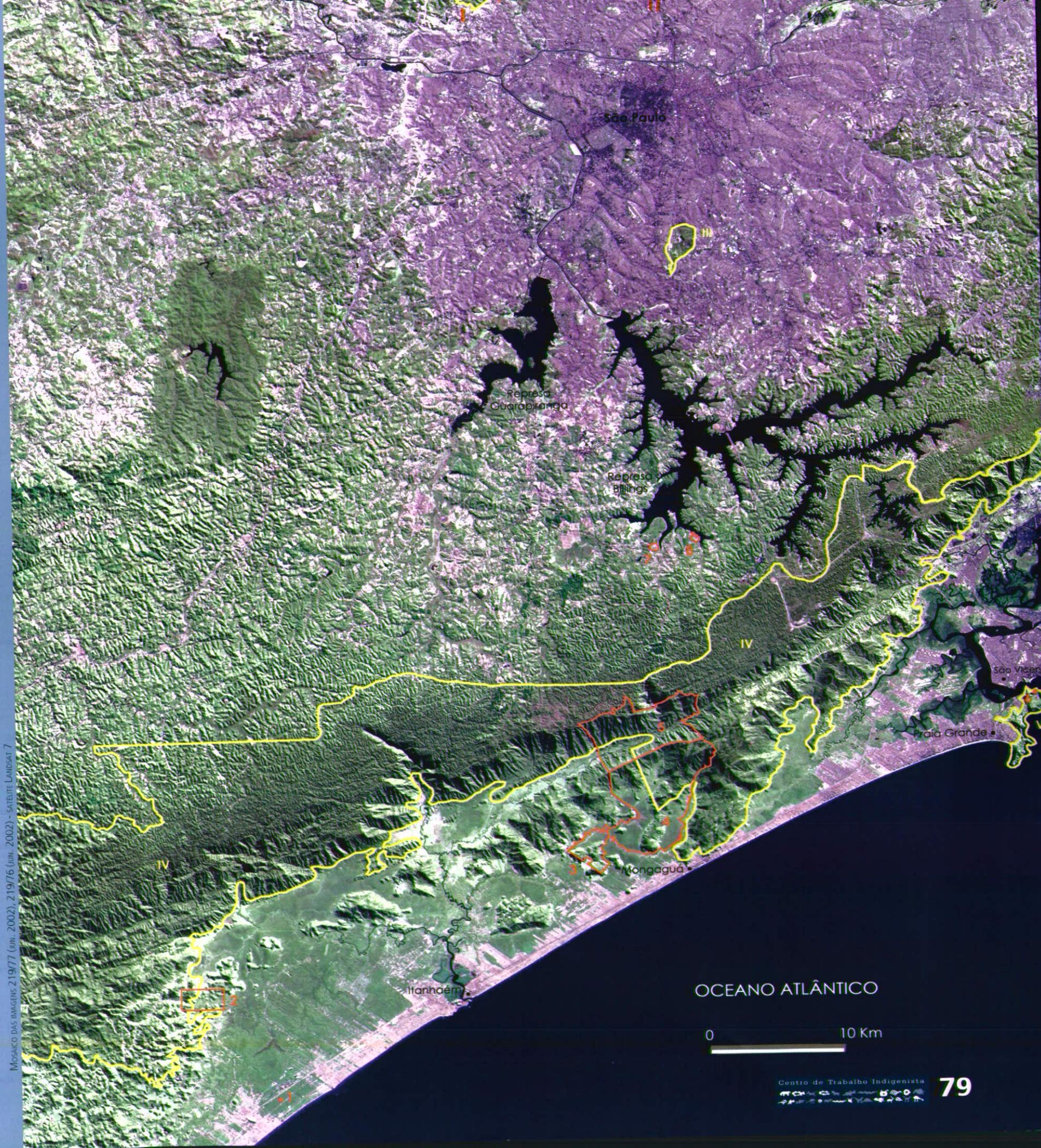
TERRAS GUARANI

1. Piaçaguera
2. Peruíbe - Bananal
3. Itaóca - Porã
4. Aguapeú
5. Rio Branco - Yytĩ
6. Paranapoã
7. Barragem / Morro da Saudade - Tenonde Porã
8. Krukutu - Pyau
9. Jaraguá

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL

- I Parque Estadual do Jaraguá
- II Parque Estadual Alberto Lofgren
- III Parque Estadual Fontes do Ipiranga
- IV Parque Estadual da Serra do Mar
- V Parque Estadual Xixová-Japuí

Fontes:
CTI - Centro de Trabalho Indigenista
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
Instituto Florestal - Secretaria de Estado do Meio Ambiente - Governo de São Paulo



TEKOA YY XĨ



RIO BRANCO

MARIA INES LACERDA



ÁREA DE EXTRAÇÃO DE CASCALHO E MINERAÇÃO

MARIA INES LACERDA

Antigamente tinha muito peixe no rio, hoje não tem peixe por causa da mineradora. A mineradora está tirando areia e cascalho do Rio Branco e, cada ano que passa, o rio está alargando mais. Um índio já morreu afogado no rio. A cada ano o rio está alargando mais e isso pode acabar com a terra plana e boa para plantação.

Na nossa área, aqueles que vêm mais são da aldeia da Barragem. Eles vêm sempre para cá para levar os materiais como taquara, imbé, pedrinhas... sempre levam daqui porque lá não tem. Porque a nossa aldeia tem bastante material. A aldeia deles é muito pequena, tem muitos índios, mas é muito pequena. Quando tem uma aldeia que é grande ou pequena, mas tem material para fazer arco e flecha, aí é que a gente escolhe, os índios gostam assim porque ali nós temos futuro, tem o sustento que a gente tira do próprio lugar mesmo.

Aqui passa a linha de alta tensão perto da aldeia. Essa linha vai daqui até Mongaguá, passa no meio das duas aldeias. Na década de 70, uma vez a linha se soltou e ficou caída no chão e por isso um índio que morava aqui morreu, porque encostou na linha que estava no chão.

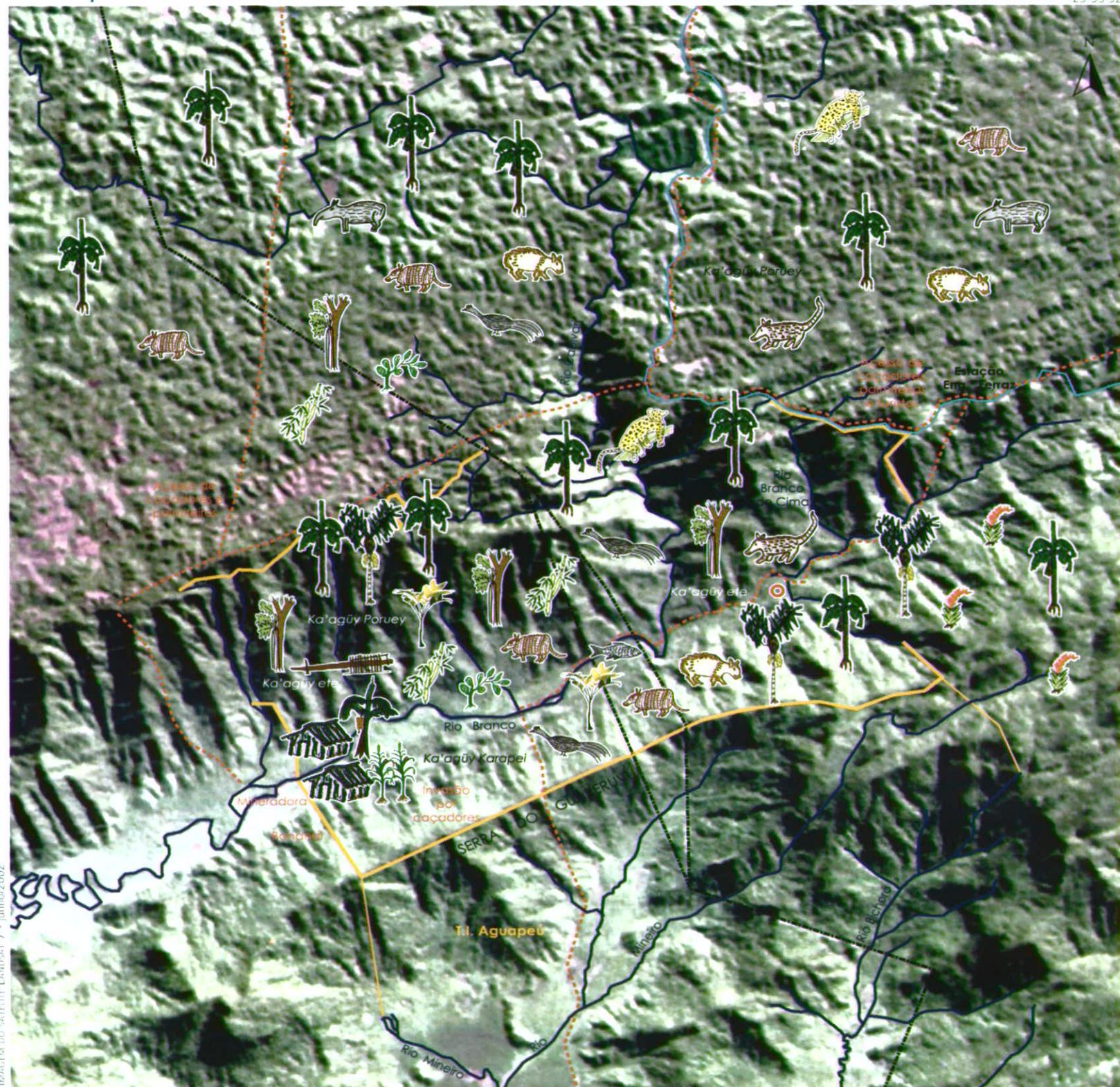
Alcides Mariano Gomes (2002)



TI RIO BRANCO

Municípios Itanhaém, São Vicente e São Paulo / SP

-46 35 47
-23 55 32



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Plantio de banana e outras frutíferas
-  Anta – Mbore
-  Jacu
-  Jaguatirica – Xivi'i
-  Paca – Jaixa
-  Quati – Kuaxi
-  Tatu
-  Cipó imbé – Guembe
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jervá – Pindovy
-  Palmito Jussara – Jeji
-  Plantas Ornamentais
-  Taquara – Takua

Mapa do Satefin - Lapalet / - junho/2002

-46 43 47
-24 03 16



2856,10 ha
Área homologada
Dec. nº 94 224, de 14/04/1987



Centro de Trabalho Indigenista

TEKOA PORÃ

Tem plantação de banana dentro do limite, mas dizem que não é dos Guarani, é do proprietário. Os Guarani queriam mais um pedaço que não entrou nos limites. Dentro dos limites tem casas de *jurua*.

No lado do Aguapeú tem mais caça, tem cateto, capivara, tatu, quem procura acha caça no mato. Tem também bastante pássaro jacu, tucano... E tem cipô, taquara... Esses existem dentro e fora da área.

Da aldeia até a cidade tem quatro quilômetros. Nossa preocupação é que com o tempo, a cidade vai avançar e chegar na aldeia, porque as cidades crescem rápido, por isso é que a gente tem essa preocupação, olhando futuramente.

Essa área é identificada, só que um fazendeiro entrou com uma ação e o juiz concedeu uma liminar, por isso o processo de demarcação continua parado. Três lideranças já foram ameaçadas só por um pedacinho de terra.

Basílio Silveira (2002)



MARIA INÊS LOUREIRA



MARIA INÊS LOUREIRA

OFICINA AMBIENTAL, 2002

TI ITAÓÇA

Município Mongaguá / SP

-46 49 21
-24 03 39



- Núcleo de Moradias
- Mundéo – Monde
- Roça – Kokue
- Pesca
- Cateto – Taitetu
- Jacu
- Macuco – Inambu
- Paca – Jaixa
- Quati – Kuaxi
- Tatu
- Caixeta – Kurupika'y
- Cipó imbé – Guembe
- Ervas Medicinais – Poã
- Guaricanga (palha)
- Jervá - Pindovy
- Palmito Jussara – Jeiy
- Plantas Ornamentais
- Taquara – Takua

IMAGEM DO GOOGLE EARTH - junho/2002

-46 43 52
-24 07 33

533 ha
MJ - Portaria nº 292,
de 13/04/2000

Rios
 Rodovias e estradas

Linha de transmissão
 Ferrovia

Ocupações Jurua



MARIA INÊZ LACERDA

RIO AGUAPEÚ



A questão da terra é problemática. O problema são os posseiros, mas que agora estão começando a sair. Então vai dar mais espaço para a gente morar.

Lá é muito mato, tem bastante caça. Se a gente sai à procura de caça a gente consegue. Na nossa área tem mais recursos naturais, tem taquara, bichos e material. Tem rio que tem peixe, só que fica longe da aldeia.

Dentro da área tem orquídea, bromélia, abelha. Lá tem um alagado e lá tem caixeta, onde tiramos material para fazer bichinho.

Mas até hoje, tem invasão dos brancos. Por falta de indenização os posseiros saíram e depois voltaram, alguns já voltaram. Mas nós vamos continuar porque esse é um problema que todo mundo passa. Os posseiros ocupam mais o rio Mineiro e perto da fazenda Rondon.

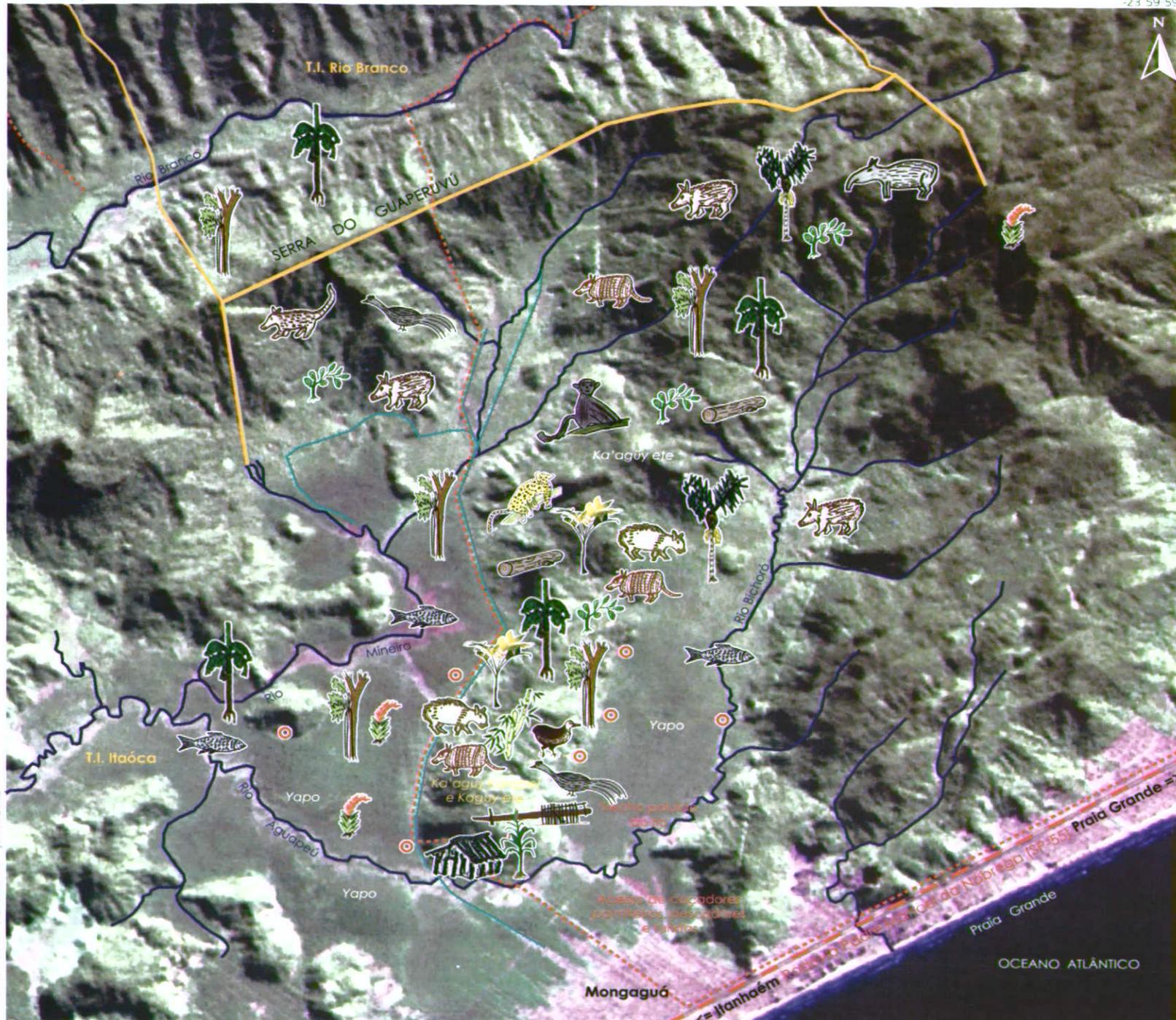
Na nossa aldeia a gente não cultiva muito a agricultura porque é morro.

Nelson (2002) e **Timóteo da Silva** (2003)

TI AGUAPEÚ

Município Mongaguá / SP

-46 35 28
-23 59 59



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Anta - Mbore
-  Cateto - Taitetu
-  Jacu
-  Jaguatirica - Xiví
-  Macaco Bugio - Karaja
-  Macuco - Inambu
-  Paca - Jaixa
-  Quati - Kuaxi
-  Tatu
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinais - Poá
-  Guaricanga (palha)
-  Madeira
-  Jervá - Pindovy
-  Palmito Jussara - Jery
-  Plantas Ornamentais
-  Taquará - Takua

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT / - junho2002

-46 42 40
-24 06 09


4 372,25 ha
Área homologada
Dec. s/nº, de 08/09/1998

 Caminho Guarani

 Rios
 Rodovias e estradas

 Ferrovia
 Ocupações jurua

Centro de Trabalho Indigenista

TEKOA TENONDE PORÃ / TEKOA PYAU



BARRAGEM

Na nossa área demarcada não tem mais nada, nem lenha, nem material para artesanato... Na Barragem não tem mais material para artesanato, não tem rio, tem um poço artesiano. Não tem recurso natural.

Perto da aldeia tem uma mata de onde tiramos material para o artesanato. Estamos preocupados, pois se demorar para sair a nova demarcação o *jurua* pode ocupar e acabar com esses recursos.

Nessa mata perto do Morro da Saudade tem caça, anta, capivara; tem bastante. Nós solicitamos a demarcação dessas áreas de mata porque como tem a aldeia vizinha, Krukutu, queremos emendar as áreas.

Foi criado o Conselho Gestor da APA (Área de Proteção Ambiental) do Capivari-Monos. Aconteceu uma discussão com a comunidade Guarani, os Guarani explicaram porque querem a mata, que é para ser preservada. Se garantirmos essa área, ela vai servir para as aldeias que precisam pegar material.

Na região de Parelheiros, nas estradas que vão para a aldeia tem loteamentos "clandestinos", tem também trilhas de invasores que vão para a aldeia.

Atualmente, a área demarcada é de 26 ha. Estamos vivendo em 135 famílias, somando 720 pessoas. Por isso solicitamos a demarcação para onde tem mais mata. Onde passa a rede de transmissão de FURNAS (Centrais Elétricas). Então a Identificação foi feita pelo convênio da FUNAI com FURNAS e, com isso, queremos demarcar áreas onde tem mata, até a aldeia do Rio Branco. Mas nesse pedaço tem vilas, fazendas e gente rica. Se conseguirmos a ampliação das divisas, isso pode evitar invasores, palmiteiros e caçadores, e vamos garantir também a preservação ambiental.



KRUKUTU

KRUKUTU

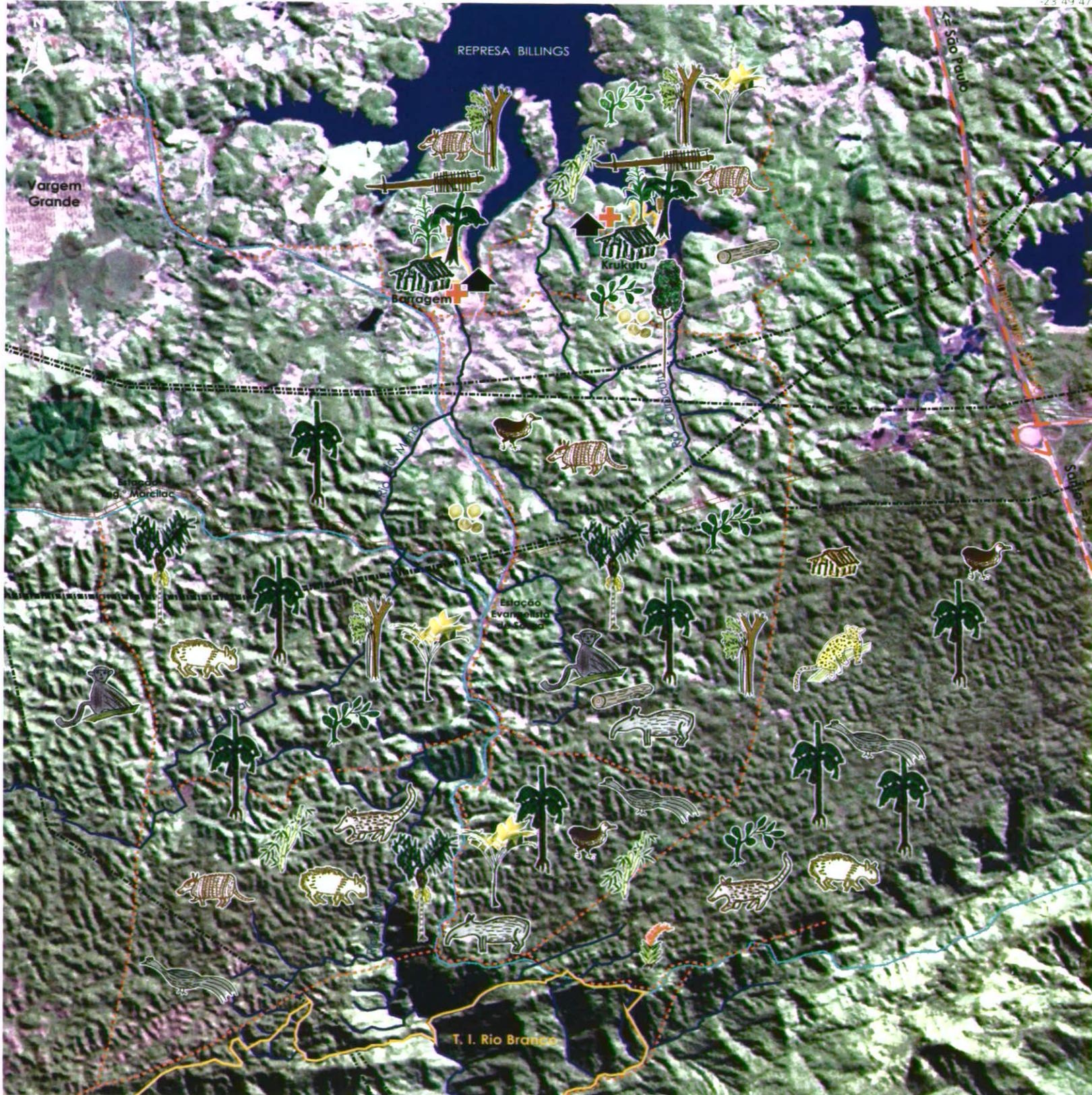
A área que está demarcada é muito pequena. Nós usamos as áreas de mato, fora dos limites, onde tem macaco, taquara, madeira para artesanato, rios.... Nós já solicitamos a demarcação de mais áreas para nós, porque somos muitos e não temos espaço para plantar.

Timóteo da Silva, (2003)

TI BARRAGEM / TI KRUKUTU

Municípios São Paulo e São Bernardo do Campo / SP

46 33 23
-23 49 47



-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kokue
-  Plantio de frutíferas
-  Anta - Mbore
-  Jacu
-  Jaguatirica - Xivi'i
-  Macaco - Kai
-  Macuco - Inambu
-  Paca - Jaixa
-  Quati - Kuaxi
-  Tatu
-  Cipó imbé - Guembe
-  Erva mate - Ka'a
-  Ervas Medicinais - Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jerivá - Pindovy
-  Madeira - Yvyra
-  Pakuri - Frutas nativas
-  Palmito Jussara - Jey
-  Plantas Ornamentais
-  Taquara - Takua

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - junho/2002

-46 43 06
-23 54 31



Barragem: 26,3 ha
Área homologada
Dec. nº 94.223, de 14/04/1987



Krukutu: 25,88 ha
Área homologada
Dec. nº 94.222, de 14/04/1987



Caminho Guarani



Escola



Linha de transmissão



Posto de Saúde



Rios



Rodovias e estradas



Ferrovia



Gasoduto



Centro de Trabalho Indigenista



VISTA PARCIAL DA ALDEIA



CACIQUE JANDIRA E FILHA



ROÇA DE MILHO

A Terra Guarani do Jaraguá tem 1,5 ha e tem dois grupos, um mais embaixo e um mais em cima. Ao todo as famílias estão ocupando, no máximo, três ha.

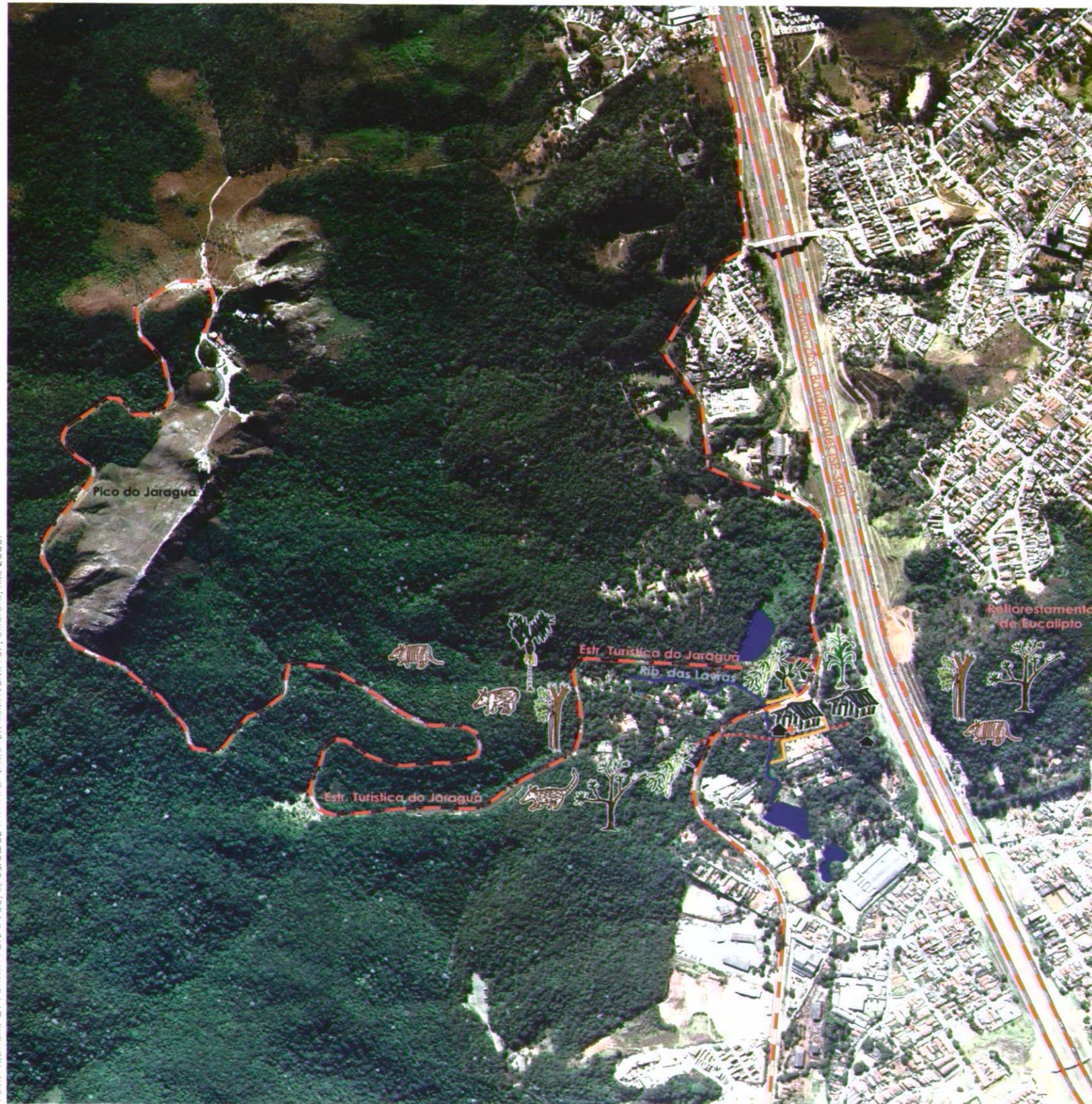
Pediram a ampliação da área, mas dos dois lados tem a cidade de São Paulo. A aldeia fica entre a Via Anhanguera e a Via Bandeirantes, tem a Vila Jaraguá, a Vila Clarice, então fica difícil aumentar.

Tem uma reserva de mata perto da aldeia, onde tem material para artesanato, e tem taquara, cipós, madeira para fazer bichinho. Tem macaco, tatu e quati no mato que fica meio perto e é onde pegamos material.

Timóteo da Silva (2003)

TI JARAGUÁ

Município São Paulo / SP



FONTE: RELATÓRIO GT PORTARIA FUNAI 735, DE 05/08/02 A PARTIR DA JANELA ELETRÔNICA/SMA SP, ORTOFOTO, ANO 2000.

-  Núcleo de Moradias
 -  Roça – Kokue
 -  Cateto – Taitetu
 -  Quati – Kuaxi
 -  Tatu
 -  Caixeta – Kurupika y
 -  Cipó imbe – Guembe
 -  Ervas Medicinais – Poã
 -  Jerivá - Pindovy
 -  Taquara – Takua
-
- 
 - 1,7 ha
Área homologada
Dec. nº 94221,
de 14/04/1987
 -  Escola
 -  Posto de Saúde
 -  Rios
 -  Rodovias e estradas

TERRAS GUARANI NO LITORAL

NORTE DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO



- Terras Indígenas
- Unidades de Conservação de Proteção Integral
- Sedes Municipais

TERRAS GUARANI

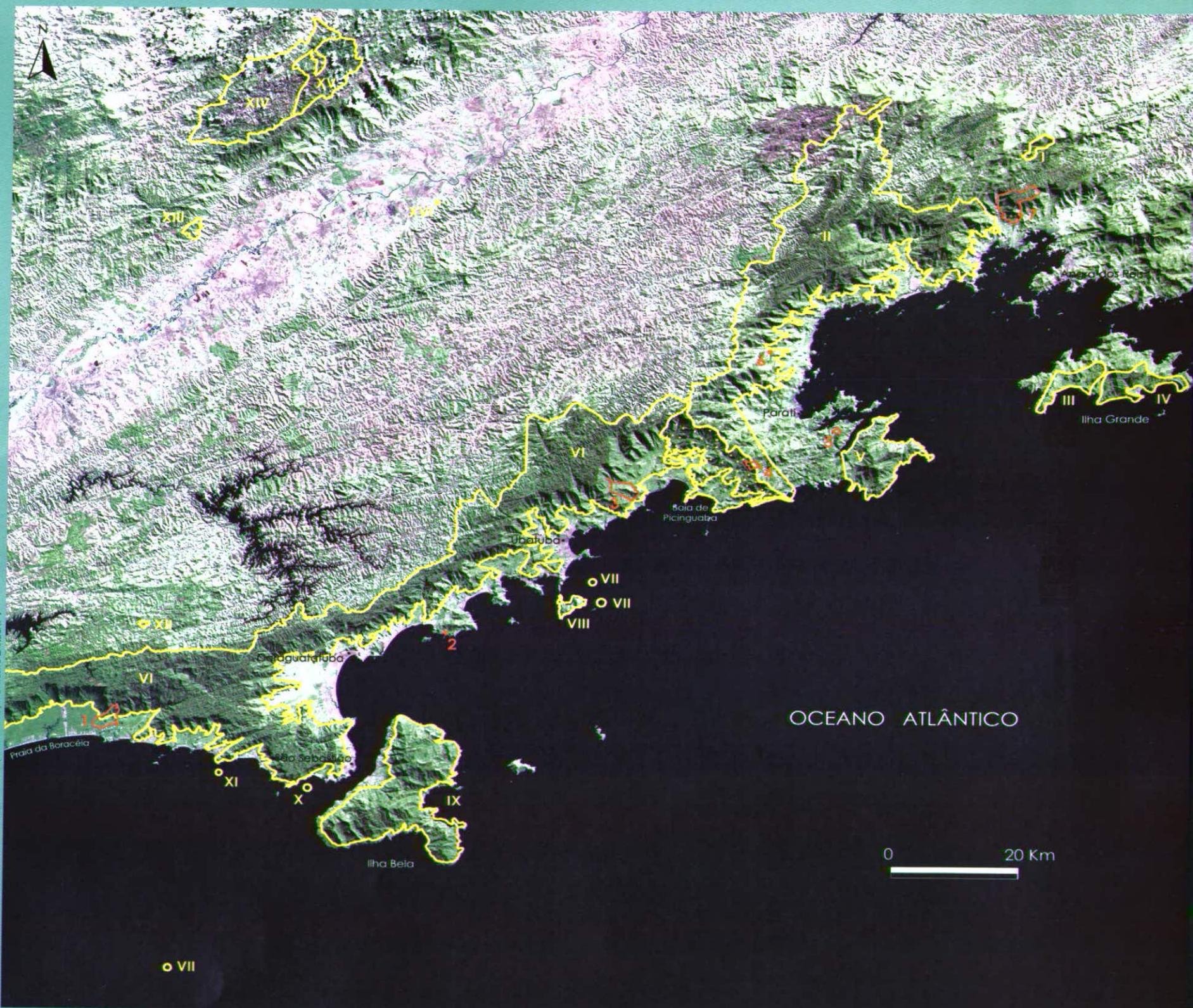
1. Ribeirão Silveira - Moroti
2. Corcovado / Renascer
3. Boa Vista do Sertão do Promirim - Jaexa Porã
4. Araponga / Patrimônio
5. Parati Mirim - Porã Marãey
6. Rio Pequeno
7. Bracuí - Sapukai

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL

- I Estação Ecológica Bananal
- II Parque Nacional da Serra da Bocaina
- III Reserva Biológica de Praia do Sul
- IV Parque Estadual da Ilha Grande
- V Reserva Ecológica da Juatinga
- VI Parque Estadual da Serra do Mar
- VII Estação Ecológica Tupinambás
- VIII Parque Estadual da Ilha Anchieta
- IX Parque Estadual da Ilha Bela
- X Área sob Proteção Especial Costão do Navio
- XI Área sob Proteção Especial Costão da Boiçucanga
- XII Parque Estadual Nascentes do Tietê
- XIII Área sob Proteção Especial Itatinga
- XIV Parque Estadual Mananciais de Campos do Jordão
- XV Parque Estadual de Campos do Jordão
- XVI Área sob Proteção Especial Roseira Velha

Fontes:

CTI - Centro de Trabalho Indigenista
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
Instituto Florestal - Secretaria de Estado do Meio Ambiente - Governo de São Paulo
Dossiê Mata Atlântica 2001 - Rede de ONGs da Mata Atlântica, Instituto Socioambiental, Sociedade Nordestina de Ecologia



TEKOA MOROTI

Na nossa Terra, que queremos demarcar, tem caça, tem anta, tem palmito, tem mel, tem material para artesanato, palha para cobrir as casas, tem rio bonito com peixe – é o rio Morrotes. Na área que já está demarcada não tem muito disso. Nessa terra que queremos conseguir tem duas partes boas, de lugares planos.

Há quinze anos atrás não tinha vila de *jurua* perto. Os *jurua* estão crescendo.

Temos três viveiros de mudas, tem projeto de plantação de palmito e recuperação das áreas de onde foram retirados pelos brancos. Os brancos usam o que a natureza, o que o deus dos índios nos deu; os brancos têm que respeitar, porque estão levando as riquezas dos índios.

A maior parte da área em que fizeram nova identificação vai ficar área de preservação para caçar e tirar artesanato. Onde tem *ka'agüy* não vai ser mexido. Eu penso em colocar duas novas aldeias para os brancos não invadirem.

Tem uma captação de água que passa pelo meio da aldeia, e se a gente conseguir a ampliação, vai passar a torre de energia e tubulação de gás.

A proposta de ampliação já saiu, agora só falta o Ministério da Justiça assinar. Nessa nova área a gente quer criar mais aldeias perto do limite, para dar segurança.

Perto da fazenda com gado *de jurua* tem quati, tem rio, tem bagre. Dentro da área tem bastante riozinho, madeira de lei, cipó *guembépi* (cipô imbê), tem tatu, quati, tem bastante coisa, mas se a gente só caçar nessa área um dia vai acabar.

A gente tem o que a gente plantou, pupunha, açaí, palmito jussara que é o palmito verdadeiro, que a gente está plantando mais, porque só tirando palmito e não plantando, um dia acaba. Hoje a gente planta palmito, mas a gente não se entende sobre o palmito, porque quem fez foi Nhanderu; às vezes a gente pensa que Nhanderu criou e a gente não pode plantar. Isso aceito, a gente tem que plantar porque estamos tirando, a maioria está ciente de que se tirar tem que plantar.

Adolfo Timóteo (2003)



VIVEIRO

ADRIANA P. FELDMAN



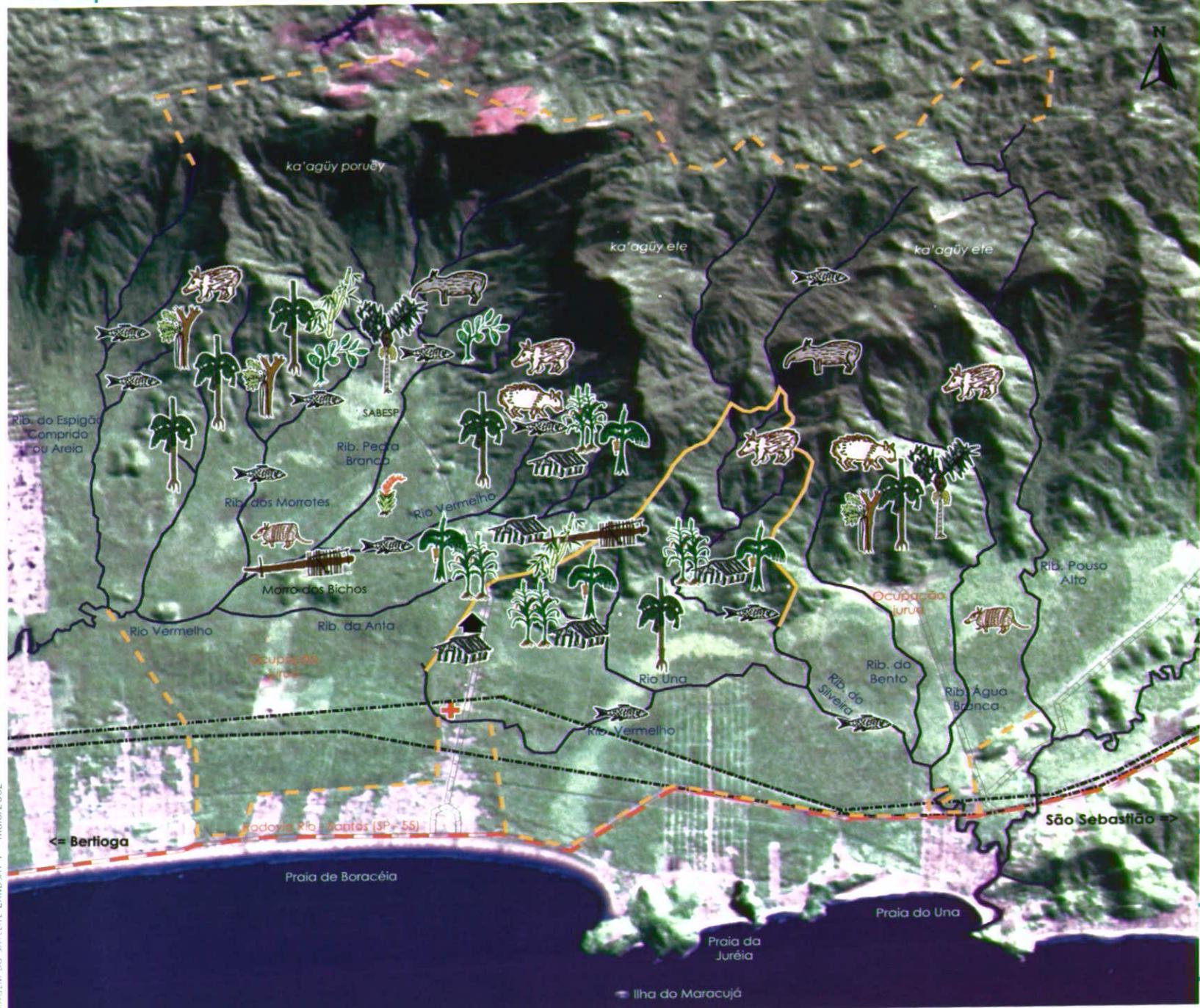
JEJOKO E GUYRA PEPO - LIDERANÇAS RELIGIOSAS

MARIA INÊS LUCIANA

TI RIBEIRÃO SILVEIRA

Municípios São Sebastião, Bertioga e Salesópolis / SP

-45 44 13
-23 39 43



- Núcleo de Moradias
- Mundéo - *Monde*
- Roça - *Kokue*
- Plantio de frutíferas e pupunha
- Pesca
- Anta - *Mbore*
- Cateto - *Taitetu*
- Paca - *Jaixa*
- Tatu
- Cipó imbê - *Guembe*
- Ervas Medicinais - *Poã*
- Jerivá - *Pindovy*
- Palmito Jussara - *Jejy*
- Plantas Ornamentais
- Taquara - *Takua*

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - maio/2002

-45 52 11
-23 46 29

0 2 Km



948,40 ha
Área homologada
Dec. nº 94.568,
de 08/07/1987



8500 ha
Revisão de limites
Parecer FUNAI nº 204 PRES
de 26/12/2002

- Escola
- Posto de Saúde
- Rios
- Rodovias e estradas
- Adutora

TEKOA JAEXA PORÃ

A aldeia começou com três famílias. Fomos para Brasília solicitando a demarcação, então a FUNAI perguntou porque a gente precisava de bastante terra só para três famílias.

Naquela época, no Estado de São Paulo, a maioria quase não tinha área demarcada, tinha poucas famílias nos lugares. A FUNAI fez levantamento e falou que não poderiam demarcar grande porque tinha poucas pessoas. Araponga tinha duas famílias e Bracuí tinha uma família.

Com essa dificuldade formamos a Associação Indígena Guarani *Aguai-Açu*. Todos os caciques se juntaram, fizeram a viagem para Brasília para conseguir a demarcação. Naquela época o cacique Altino era presidente da Associação.

Antigamente as pessoas mais velhas se juntaram e foram para Brasília, a organização era forte. Através disso conseguimos demarcar a área, mas a gente não entendia bem as leis dos brancos. A demarcação surgiu mas foi muito pequena.

A FUNAI chamou os caciques. Antigamente os Guarani não paravam quatro ou cinco anos no mesmo lugar, porque todos os Guarani foram orientados por Nhanderu, porque estamos procurando uma terra sem males. Hoje não é mais assim, não dá para continuar fazendo como naquele tempo, porque os brancos já tomaram tudo, é bom conseguir demarcação e ficar. A FUNAI disse que não dá para fazer demarcação porque os Guarani não param. Hoje os Guarani pensam diferente, não adianta ficar mudando de lugar e ficar sem terra.



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

A terra, a natureza, foram feitas por Nhanderu; e antigamente não tinha fronteira Brasil, Paraguai e Argentina. Antigamente tudo era dos povos indígenas e hoje em dia os Guarani estão vivendo muito precário (sic.) por causa disso.

E hoje as aldeias dos Guarani são os lugares onde o *jurua* não tem mais como aproveitar a terra, por isso ele deu para os Guarani.

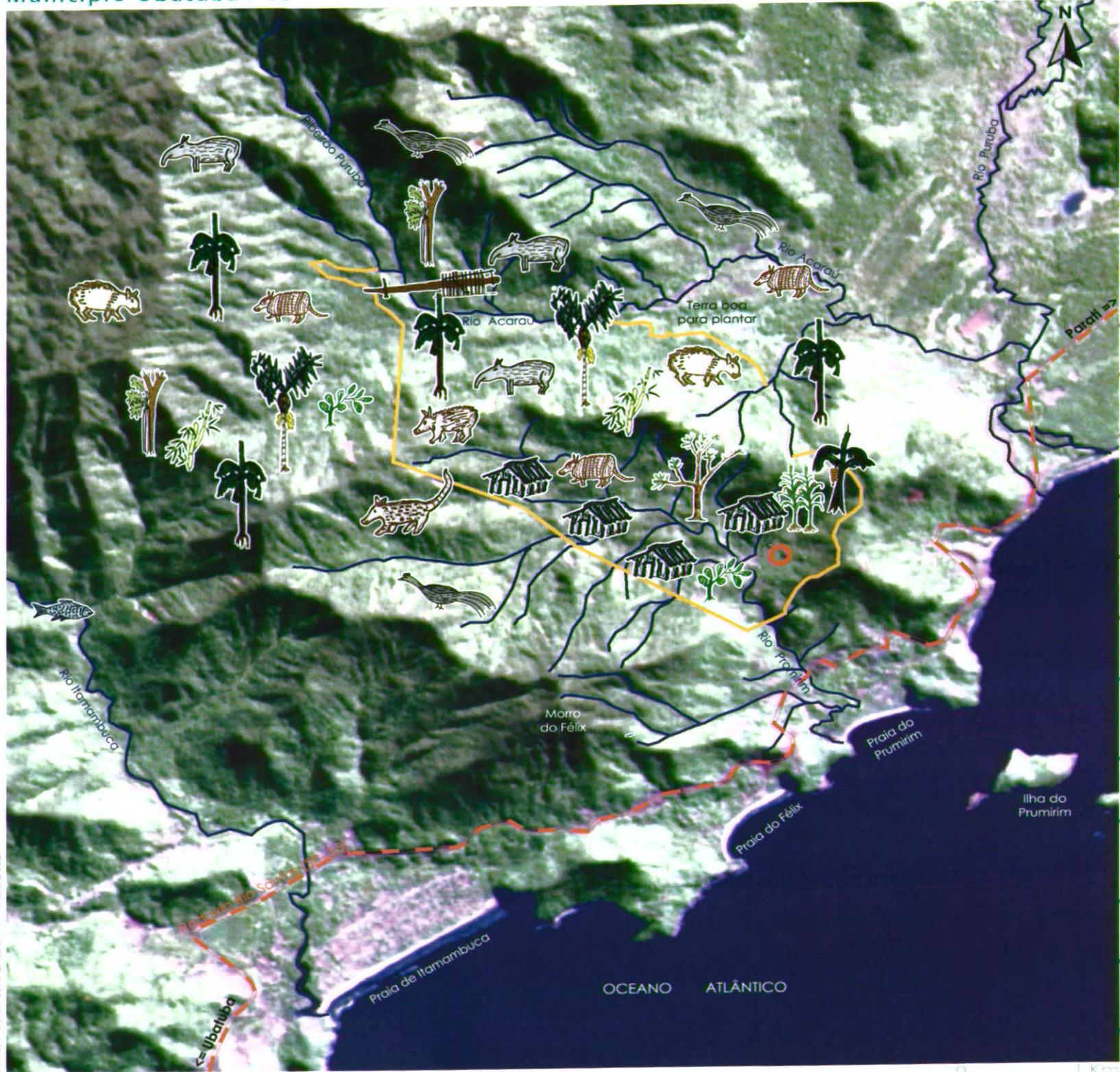
No rio Itamambuca tem peixe, mas está fora da área. Estamos solicitando a ampliação porque a terra está muito pequena. Nós queremos a divisa até o rio Itamambuca.

Altino dos Santos (2003)

TI BOA VISTA DO SERTÃO DO PROMIRIM

Município Ubatuba / SP

-44 56 11
-23 18 41



-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo – Monde
-  Roça – Kokue
-  Pesca
-  Plantio de frutíferas
-  Anta – Mbore
-  Cateto – Taitetu
-  Jacu
-  Paca – Jaixa
-  Quati – Kuaxi
-  Tatu
-  Caixeta – Kurupika'y
-  Cipó imbé – Guembe
-  Ervas Medicinais – Poã
-  Jervá - Pindovy
-  Palmito Jussara – Jeiy
-  Taquara – Takua

IMAGEM DO SATELITE LANDSAT 7 - maio/2002

-45 02 27
-23 24 43


906,38 ha
Área homologada
Dec s/nº, de 26/10/2000

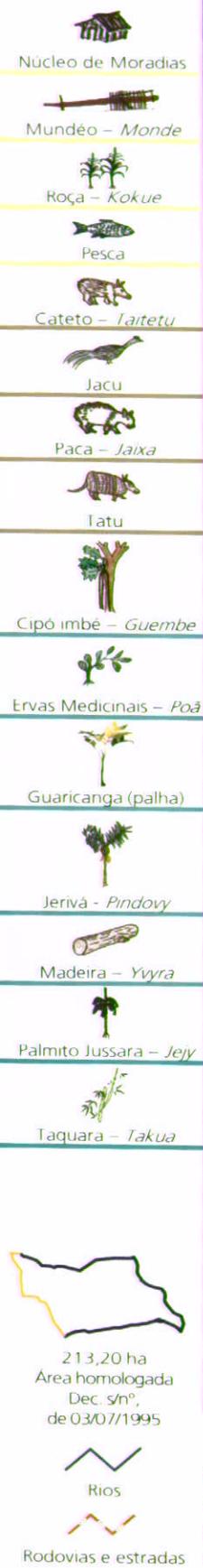
0 1 Km

-  Rios
-  Rodovias e estradas
-  Ocupação Jurua

Centro de Trabalho Indigenista

TI ARAPONGA

Município Parati / RJ



Antes da aldeia tem uma fazenda, que de vez em quando o dono não deixa os índios entrarem pela porteira da fazenda. A comunidade pede que essa área faça parte da Terra Indígena, porque na área da aldeia não tem mais material para artesanato, para fazer casa. Tem um pouco de material nos sítios que ficam dos dois lados. Os índios vão para esse lugar para pegar material e eles pedem que este sítio faça parte da Terra Indígena. Essa é a nossa preocupação.

Joaquim Benites Karai (2003)

TI RIO PEQUENO

Município Parati / RJ

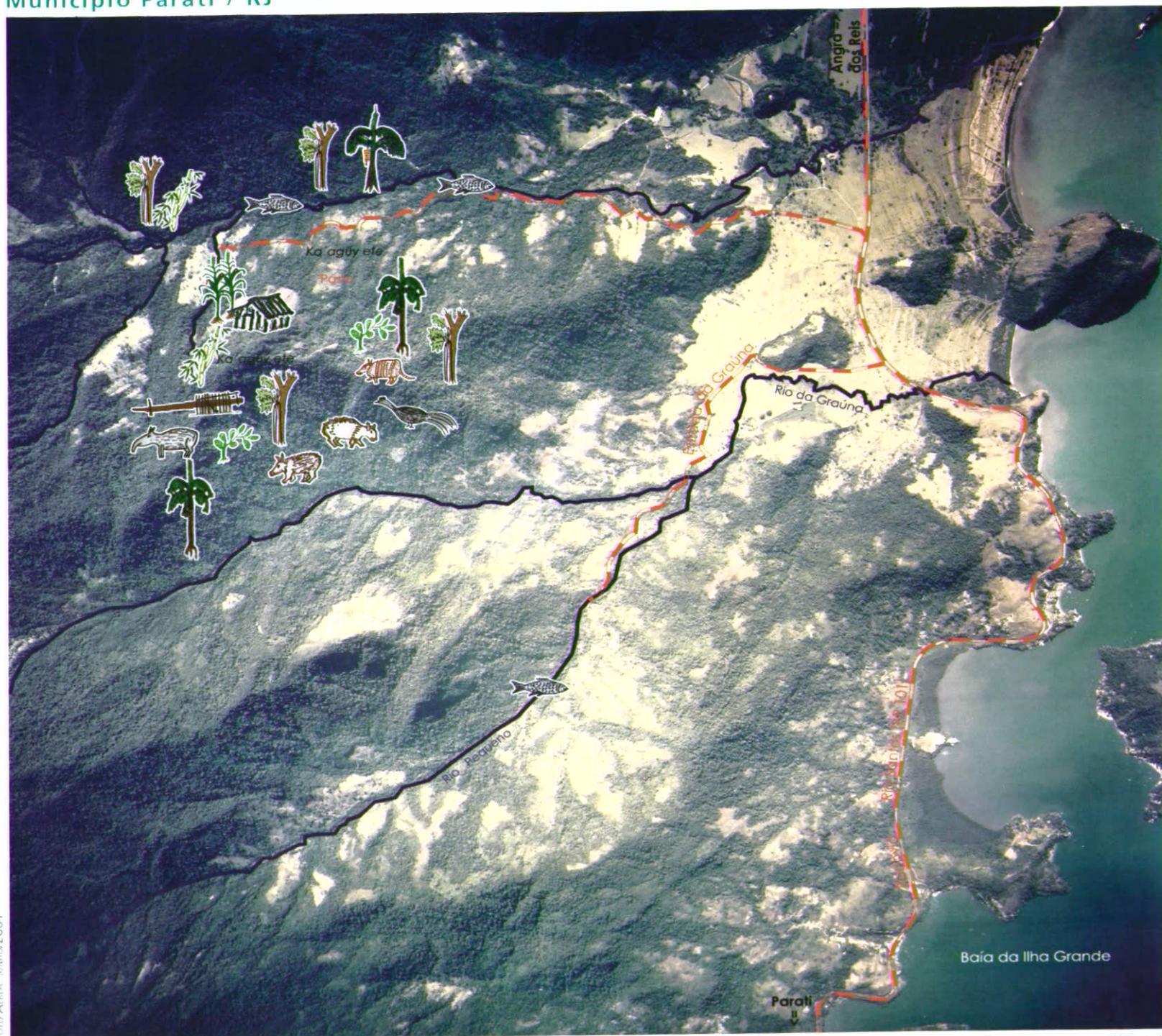


Foto: Azeiteira - janeiro/2001

Nos estamos gostando do local. Lá é pequeno e não tem bastante material para artesanato, onde tem mais material e fora do limite: tem taquara de dois tipos, tem bambu, tem material para fazer pau de chuva, tem palmito... Mas sempre onde tem palmito tem palmiteiro. Nós tiramos palmito para comer. Na aldeia tem caça, tem gambá, lagarto, cotia. Onde estamos tem dois rios, um menor que é só para beber água, o maior usamos para lavar roupa e pescar. Estou querendo a demarcação da nossa área e pedindo apoio das lideranças.

Demécio Martins (2003)

TEKOA PORÃ MARÃEY



MARIA INE LOPES

Logo quando nossa família chegou, o meu filho já começou roçar um pedacinho para nós plantarmos, porque nós já trouxemos nosso próprio milho *avaxi etei*. Então eles fizeram esse roçadinho e começaram a descoivarar, sem queimar, de medo dos posseiros, e plantamos nosso milho; aí foi o começo de nosso serviço. Ficamos um mês, dois meses sem a casa, tinha uma lona para nós morarmos em baixo, logo no começo. E por aí fomos trabalhando devagarzinho, plantando algumas coisas para comermos, com a minha família, e logo também fizemos outros trabalhos, assim pensando em plantar frutas. E então, no começo nós tiramos as mudas de frutas, depois catamos da mata algumas, tinha alguns pés de laranja, pé de tangerina, então começamos a plantar.

A terra, a terra não é suficiente, mas dá para a gente ainda aproveitar um pedaço para o plantio, só que a nossa terra é pouca, é muito pequena a área demarcada, temos bastante gente e precisamos de mais um pedaço de terra para morar, para fazer mais plantação. Além disso, a maior parte é morro.

Material de artesanato tem pouco na área. Usamos a mata fora do limite demarcado para pegar material para artesanato, cobrir e construir casas. Nós pescamos no Rio Parati Mirim que fica na divisa da área. Não tem rio para pegar água dentro da aldeia. Tem um riozinho pequeno que quando está na seca, ele seca. Os posseiros que estão perto da aldeia usam essa água. Sempre houve problemas com posseiros, mesmo na área garantida, demarcada, sempre existe problema com o *jurua*. E também a estrada passa pelo meio, a estrada que vai para a praia. Estão asphaltando essa estrada que vai para a praia. Estou preocupado porque a comunidade fica na beira da estrada e podem surgir problemas de atropelamento.

Até hoje os Guarani não se esquecem das crianças, jovens, adultos. A luta é difícil, mas mesmo assim não podemos parar de lutar, porque o dono da terra, Nhanderu, nos protege. Se as lideranças, caciques e jovens participarem da luta é bom que não se esqueçam de lembrar de Nhanderu.

Miguel Benites e Joaquim Benites Karai (2003)

TI PARATI MIRIM

Município Parati / RJ

-44 34 33
-23 13 47



-  Antiga aldeia
-  Núcleo de Moradias
-  Mundéo - Monde
-  Roça - Kokue
-  Pesca
-  Cateto - Iaitetu
-  Paca - Jaixa
-  Tatu
-  Caixeta - Kurupika'y
-  Cipó imbé - Guembe
-  Ervas Medicinais - Poã
-  Guaricanga (palha)
-  Jervá - Pindovy
-  Palmito Jussara - Jey
-  Taquara - Takua
-  Escola
-  Posto de Saúde
-  Rios
-  Rodovias e estradas

IMAGEM DO SATÉLITE: Landsat 7 - maio/2002

-44 41 30
-23 20 39


79,19 ha
Área homologada
Dec. s/nº, de 05/01/1996

TEKOA SAPUKAI

MARIA INÊS LUCIFERA



CACIQUE JOÃO DA SILVA

MARIA INÊS LUCIFERA

Até hoje não estudei, não sei ler nem escrever, faço mais parte do trabalho da religião, por isso estou forte onde vivo hoje. Eu fico satisfeito por estar garantida a área só para o Guarani. Na minha aldeia não tem muito problema de fora porque minha área é demarcada, mas não sei se daqui a algum tempo vai ter problema, porque o palmiteiro não respeita a área indígena. O Guarani tira o palmito para se alimentar. Como não tem mais palmito, fizemos projeto para plantar palmito, pupunha e coco da Bahia.

Nhanderu criou a natureza, o mundo, essas plantas nativas, as orquídeas também foram feitas por Nhanderu, a natureza é para as crianças viverem bem. No entendimento dos Guarani não se pode vender a natureza para o *jurua*. Dos remédios naturais: raízes, cascas, tem de tudo. A gente tem dificuldade de achar um remédio que se chama guiné.

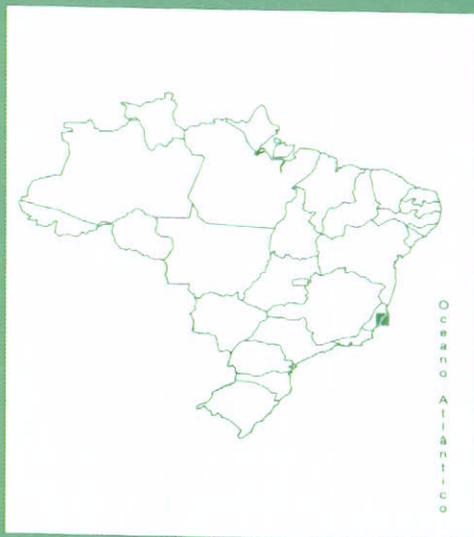
Na nossa aldeia, lá em cima tem plantação de eucalipto do *jurua*. Tem recursos naturais, taquara, *guembépi* (cipó imbé)... Só que perto da nossa aldeia não tem mais caça. Tem mais caça no limite da aldeia do Rio Parado, lá tem cateto e paca.

Do milho tradicional a gente conseguiu semente na aldeia de Araponga, mas a maior parte da terra de Bracui é areia, e para o *avaxi etei* fica muito quente e não tem como produzir muito. Desde antigamente, para fazer plantação, as sementes tradicionais de milho têm que ser batizadas na *Opye* e pedimos para Nhanderu para dar bonito, para colher bem. Hoje em dia, muitos parentes já se esqueceram. Uma vez fizeram assim, eles tentavam plantar o milho tradicional e nunca dava, até que benzeram as sementes e puderam colher o *avaxi etei*.

Perto da aldeia tem a usina nuclear, dá medo para a comunidade, é muito perigoso.

João da Silva Vera Mirim (2003)

TERRAS GUARANI NO LITORAL DO ESPÍRITO SANTO



TI Caieiras Velha
A. Boa Esperança
A. Três Palmeiras

TI Caieiras Velhas II
A. Piraquê Açú



TEKOA PORÃ

Minha mãe era uma religiosa bem forte. Naquela época não existiam muitas cidades. Vieram várias famílias orientadas por Nhanderu e, através dele, conseguiram chegar onde estão hoje no Tekoa Porã (Aldeia Boa Esperança). Naquela época não tinha muitas coisas dos *jurua*, não tinha prédios. E os Guarani viviam somente da cultura, rezavam... Naquele tempo também era fácil receber as orientações de Nhanderu.

No começo todas as plantas davam bem, nós colhíamos bem mesmo. *Avaxi* (milho), feijão, o que nós plantávamos dava bem: mandioca, batata, melancia, abóbora... Agora está difícil, não dá mais o que a gente planta. Isso é por causa do *jurua* que tem aquela plantação de eucalipto e, por causa disso, as coisas que nós plantamos não nascem bem. Aqui não chovia bem, é como agora, mas as plantas nasciam bem, mesmo sem as chuvas. A terra aqui é muito seca, as sementes de *avaxi mitai* (milho criança) e *avaxi para* (milho pintado), estamos esperando pra plantar. O milho não vai bem, só dá bem o que tem raiz funda como banana, café, cana. Quando chovia, chovia bastante, quando chovia o pequeno rio enchia e trazia peixe: lambari, bagre, cascudo... tinha bastante peixe, e agora já não tem mais. No começo, quando nós chegamos, há 30 anos, tinha mato, depois os *jurua* entraram e cortaram madeira, destruíram tudo. Antes tinha muita madeira, muita caça, muita coisa. Agora só tem formiga. Mel então nem se fale, mel não tem mais, no mato não tem mais flores.

O *pindo*, a falecida Tataxi, minha mãe, encontrou três mudinhas e plantou. Antes tinham muitas palmeiras, o mato era bonito, tinha mato mesmo, *ka'agüy ete*, quando nós viemos, na primeira vez, a entrada era bonita mesmo. Até naquela época não tinha morador branco perto, não tinha.

De primeiro, quando tinha bastante árvore, tinha garça, jacu, *parakau* (papagaio), *urui* (uru – galinha do mato), nambu, nambu vermelho. Agora nem os cantos dos passarinhos a gente escuta mais. E do jacu nem o som tem mais. Só tem o grito das crianças, o canto dos índios, uma vez ou outra quem chega para cantar é o tucano. Às vezes chega papagaio. Quando é época do ingá chega o papagaio para comer. As frutas que têm aqui são *guavira* (guabiroba) e *jaracaxia* (jaracatia). Quando nós chegamos, tinha muito palmito, *jaracaxia*, *guavira mirim*, *araxai miri* (araçá) tinha muito também. Tinha também *pakuri* (fruto silvestre) que são de três tipos: *pakuri miri*, *ete* e *guaxu* (pequeno, verdadeiro/médio e grande). Não tinha *guembe ete*. As frutas do mato, agora não há mais. Eu trouxe uma sementinha de *guaviju* (variedade de guabiroba "pequena") lá do Paraguai e plantei. Agora já está bem grande. Lá tem *guaviju*, jabuticaba, *vapytã miri* (fruto do jerivá), lá tem bastante. No começo, a caça que tinha era anta, *taitetu* (cateto), *koxi* (queixada), veado, quati... Agora não tem mais. O que tem mais aqui é macaco, dois tipos de macacos: macaco prego e sagüi. Nas minhas andanças com a minha família eu trazia a semente e onde nós parávamos com a família nós plantávamos *avaxi etei* (milho verdadeiro), *jety* (batata doce), *xanjau* (melancia). Carregava o galo dentro do cesto.

Antes de falecer meus avós explicaram onde era o lugar onde tinha mato e rios. Um dia, eu acordei e me lembrei, então fui lá ver, Serra do Caparaó. Cheguei lá e vi que lá tem mato e rios muito bonitos. Então uma família Guarani está vivendo lá e eles construíram uma *Opy*. Nós pensamos então em cuidar desse lugar, como antigamente cuidamos de Boa Esperança.

Jonas Kuaray e Aurora Carvalho da Silva (2003)

Na nossa aldeia tem um pouco de material para o artesanato, mas tem pouco. Para cobrir a casa tem pouco material. O que tem mais é eucalipto. Não tem mais cachoeira, onde tem muito eucalipto o rio seca. Não tem mais peixe nem mato. Nós estivemos em Brasília numa reunião falando sobre o problema da Aracruz, porque a plantação de eucalipto destruiu a mata, os bichos e os rios. Muitas aldeias Tupiniquim também foram destruídas.

Antônio Carvalho (2003)



CACIQUE JONAS



MARIA TATAXI

PIRAQUÊ-AÇÚ

MARIA INÊS LADERA



Tem pouco espaço na aldeia. Plantamos laranja, banana, café e queremos plantar mais milho, batata, mas minha área é pequena, não tem muito espaço. Não tem material de artesanato, só plantação de eucalipto. Há mais de vinte anos atrás não tinha eucalipto era tudo mato e tinha todo tipo de caça.

Para todos os nossos parentes, mesmo os que têm área demarcada, sempre existem problemas, as lideranças estão passando dificuldades e ameaças, mas através dos pajés eles têm coragem de enfrentar tudo isso. É bom ter casa de reza para o pajé fortalecer as lideranças que estão na luta.

No lugar dessa aldeia, começaram a construir o piso de uma fábrica de canos e nesse piso estão as casas dos Guarani. No meio da aldeia tem um antigo depósito de esgotos abandonado a céu aberto. Os índios já pediram providências, mas até agora, nada foi feito. Tem alguns remédios. Não tem rio perto das aldeias, só o Piraquê-Açú, que possui água salobra e é bom porque tem muito peixe. Tem caranguejo e guaiamu. Não tem palhas e taquaras a palha fica longe, aqui não tem *Opy*, porque falta a palha. A maioria das casas foi construída de alvenaria ou madeira.

Marilza Carvalho (2003)

TRÊS PALMEIRAS

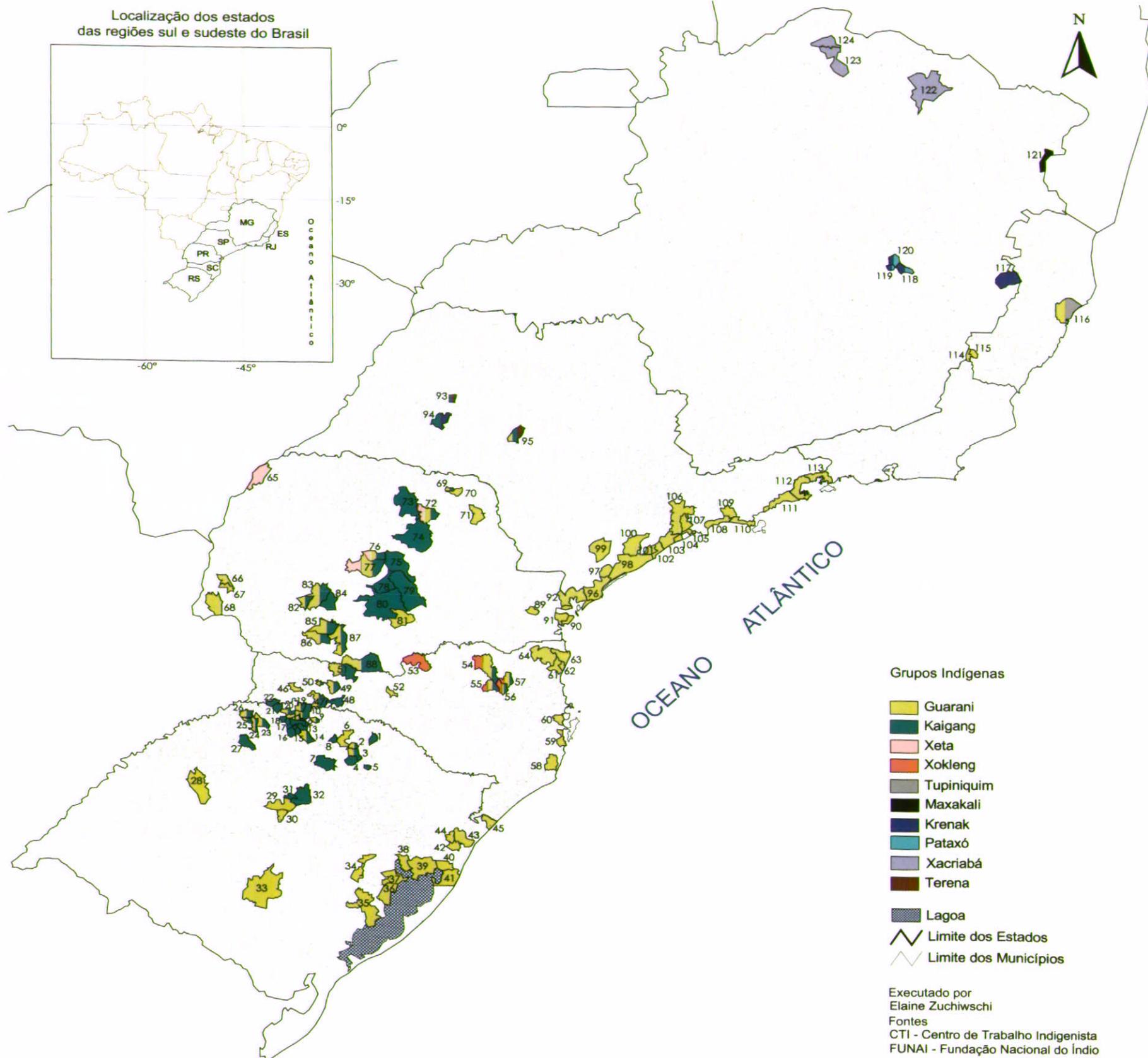
MARIA INÊS LADERA



MARIA INÊS LADERA

MUNICÍPIOS COM TERRAS INDÍGENAS

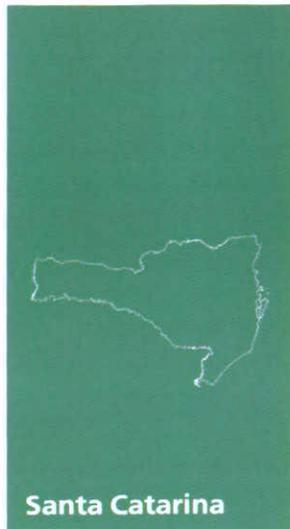
REGIÕES SUL E SUDESTE DO BRASIL – 2004





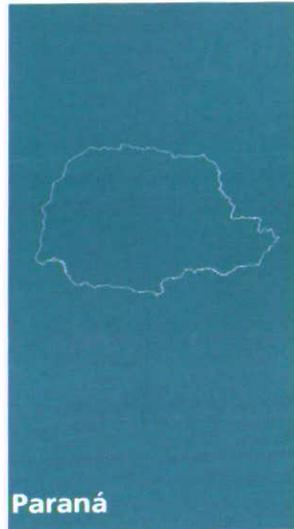
Rio Grande do Sul

1. Cacique Doble
2. Charrua
3. Tapejara
4. Água Santa
5. Muliterno
6. Getúlio Vargas
7. Passo Fundo
8. Erebangó
9. Benjamin Constant do Sul
10. Nonoai
11. Gramado dos Loureiros
12. Trindade do Sul
13. Três Palmeiras
14. Ronda Alta
15. Engenho Velho
16. Constantina
17. Liberato Salzano
18. Rodeio Bonito
19. Rio dos Índios
20. Planalto
21. Irai
22. Vicente Dutra
23. Erval Seco
24. Redentora
25. Miraguaí
26. Tenente Portela
27. Santo Augusto
28. São Miguel das Missões
29. Salto do Jacuí
30. Estrela Velha
31. Campos Borges
32. Espumoso
33. Caçapava do Sul
34. São Jerônimo
35. Camaquã
36. Tapes
37. Barra do Ribeiro
38. Porto Alegre
39. Viamão
40. Capivari do Sul
41. Palmares do Sul
42. Cará
43. Maquine
44. Riozinho
45. Torres



Santa Catarina

46. Saudades
47. Chapecó
48. Seara
49. Xanxerê
50. Marema
51. Abelardo Luz
52. Treze Tílias
53. Porto União
54. Itaiópolis
55. Vitor Meireles
56. José Boiteux
57. Doutor Pedrinho
58. Imaruí
59. Palhoça
60. Biguaçu
61. Araquari
62. Balneário Barra do Sul
63. São Francisco do Sul
64. Joinville



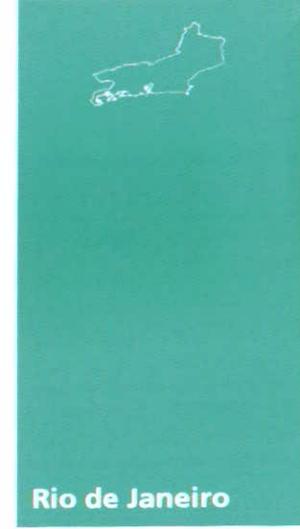
Paraná

65. Querência do Norte
66. Diamante d'Oeste
67. Ramilândia
68. São Miguel do Iguaçu
69. Santa Amélia
70. Abatia
71. Tomazina
72. São Jerônimo da Serra
73. Londrina
74. Ortigueira
75. Cândido de Abreu
76. Manoel Ribas
77. Pitanga
78. Turvo
79. Prudentópolis
80. Guarapuava
81. Inácio Martins
82. Espigão Alto do Iguaçu
83. Nova Laranjeiras
84. Laranjeiras do Sul
85. Chopinzinho
86. Coronel Vivida
87. Mangueirinha
88. Palmas
89. Piraquara
90. Pontal do Paraná
91. Paranaguá
92. Guaçupeçaba



São Paulo

93. Braúna
94. Tupã
95. Avai
96. Cananéia
97. Pariqueira-Açu
98. Iguape
99. Sete Barras
100. Miracatu
101. Itariri
102. Peruibe
103. Itanhaém
104. Mongaguá
105. São Vicente
106. São Paulo
107. São Bernardo do Campo
108. Salesópolis
109. Bertioga
110. São Sebastião
111. Ubatuba



Rio de Janeiro

112. Parati
113. Angra dos Reis



Espírito Santo

114. Dolores do Rio Preto
115. Divino de São Lourenço
116. Aracruz

Minas Gerais

117. Resplendor
118. Dolores de Ganhães
119. Carmesia
120. Senhora do Porto
121. Bertópolis
122. Rio Pardo de Minas
123. Itacarambi
124. São João das Missões

TERRAS GUARANI NO SUL E SUDESTE DO BRASIL – 2004

Legenda:

- aldeia
- local de parada
- aldeia desocupada
- ≈ litoral

Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Grupo Guarani	Presença Guarani	Área (ha)	Situação Jurídico-Administrativa	Município(s)	UF
Yvapurundy	Mbya	○			Ibiraiaras	RS
TI Cacique Doble - Kaingang e Guarani A. Camboim	Xiripa/ Mbya	○	4.426,2833	Homologada – Dec. s/nº de 27/03/1991. Reg. no CRI (1991) e SPU (1994)	Cacique Doble	RS
TI Ligeiro - Kaingang e Guarani Mato Preto (Ka'a ty)	Xiripa Mbya	• •	4.565,7973 224	Homologada Dec. s/nº de 27/03/1991. Demarcada pelo Estado em 22/04/1929. Em Identificação, FUNAI 2004.	Charrua Getúlio Vargas	RS RS
TI Guarani Votouro A. Guabirola	Mbya/Xiripa	•	717,3770	Homologada. Dec. de 11/12/1998. Reg. SPU em 15/01/2001.	São Valentim	RS
TI Votouro - Kaingang e Guarani	Xiripa	•	3.341,0977	Homologada Dec. s/nº de 30/08/2000. Reg. SPU de 04/06/2002. Em processo de revisão de limites, 2004	Benjamin Constant do Sul	RS
TI Serrinha - Kaingang e Guarani A. Alto Recreio A. Baitaca	Xiripa	• ○	11.950	Demarcada em 2004	Ronda Alta / Três Palmeiras / Engenho Velho / Constantina	RS
TI Nonoai / Rio da Várzea - Kaingang e Guarani A. Limeira	Xiripa	○	16.415,4443	Homologada Dec. s/nº de 10/02/2003.	Nonoai / Gramado dos Loureiros/ Liberato Salzano/ Planalto/ Trindade do Sul	RS
TI Nonoai - Kaingang e Guarani A. Ka'agüy Poty A. Prata A. Mbaraka Mirim	Xiripa	• • •	14.910 (1400 Guarani)	Dec. Estadual nº 13795, 1962. Port. nº 669 de Identificação de novos limites, 2001.	Gramado dos Loureiros, Nonoai, Planalto / Rio dos Índios	RS
TI Guarita - Kaingang e Guarani A. Guajuvira A. Gamelinhas A. Gengiva A. Toldo Caaró	Mbya Mbya / Xiripa Mbya Kaiova Mbya	○ ○ • • □	23.406,8684	Homologada Dec. s/nº, de 04/04/1991. Reg. no SPU em 29/12/1994	Tenente Portela/ Miraguaí/ Redentora/ Erval Seco	RS
Inhacapetum (Ko'e Ju)	Mbya	•	236,33	Demarcada Dec. Estadual de Desapropriação nº 40483, de 29/11/2000.	Caibaté São Miguel das Missões	RS RS
Mata São Lourenço	Mbya	•			São Miguel das Missões	RS
Ruínas de São Miguel	Mbya	•	5	Área tombada pelo IPHAN (40 ha)	São Miguel das Missões	RS
Salto Grande do Jacuí	Mbya	•	234,9641	Homologada Dec. s/nº de 11/12/1998. Reg. SPU em 20/11/2002.	Salto do Jacuí	RS
TI Estrela Velha A. Itaixy	Mbya	•	502	Desapropriada pelo Estado.	Estrela Velha	RS
Jaguarzinho	Mbya	○			São Francisco de Assis	RS
Rio Arenal	Mbya	□			Santa Maria	RS
Irapuá (Pyau)	Mbya	• •	222	Identificada GT Port. nº 11/PRES de 13/01/1999.	Caçapava do Sul	RS
São Jerônimo	Mbya	□			São Jerônimo	RS
Aceguá	Mbya	○			Aceguá	RS
Jaguarão	Mbya	□			Jaguarão	RS ≈
Mato Grande	Mbya	□			Arroio Grande	RS ≈
Taim (Ita'y)	Mbya	○		21 ha identificados, processo não concluído.	Rio Grande	RS ≈

Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Grupo Guarani	Presença Guarani	Área (ha)	Situação Jurídico-Administrativa	Município(s)	UF
Kapi'i Ovy	Mbya	○			Pelotas (divisa com Canguçu)	RS ≈
Mato Castelhana	Mbya	○			Camaquã	RS ≈
Água Grande (Ka'a miridy)	Mbya	●	165,34	Dec. Estadual de Desapropriação nº 40482 de 29/11/2000.	Camaquã	RS ≈
Pacheca	Mbya	●	1852,2050	Homologada Dec. s/nº de 01/08/2000 Reg. SPU em 15/01/2001.	Camaquã	RS ≈
Águas Brancas	Mbya	○	230	MJ - Port. nº 104 de 13/02/1996. Data DOU 14/02/1996.	Arambaré	RS ≈
Pessegueiro	Mbya	○			Cerro Grande do Sul	RS ≈
Velhaco	Mbya	●			Tapes	RS ≈
Raia Pires	Mbya	□			Tapes	RS ≈
Coxilha da Cruz (Porã)	Mbya	●	202,11	Desapropriada Dec. Estadual de Desapropriação nº 40481, 29/11/2000.	Barra do Ribeiro	RS ≈
Passo da Estância	Mbya	●			Barra do Ribeiro	RS ≈
Passo Grande	Mbya	●			Barra do Ribeiro	RS ≈
Ponta da Formiga	Mbya	○			Barra do Ribeiro	RS ≈
Petim	Mbya	□			Guaíba	RS ≈
Lomba do Pinheiro (Anhetengua)	Mbya	●	10	Área adquirida	Porto Alegre	RS
Cantagalo (Jataity)	Mbya/Xiripa	●	286	MJ – Port. nº1958 de 27/11/2003. Data DOU 28/11/2003.	Viamão / Porto Alegre	RS ≈
Estiva (Nhuüundy)	Mbya /Xiripa	●		7 ha cedidos pela Prefeitura Municipal de Viamão, em 1998	Viamão	RS ≈
Itapuã (Pindo Mirim)	Mbya/Xiripa	●		21 ha cedidos pelo Estado	Viamão	RS ≈
Rio Capivari (Porã)	Mbya	●			Capivari do Sul	RS ≈
Capivari (Yryapu)/ Granja Vargas	Mbya	●	43,3215	Homologada Dec. s/nº 18/04/2001. Data DOU 19/04/2001. Reg. SPU em 08/01/2003.	Palmares do Sul	RS ≈
Pinheiro	Mbya	□			Maquiné	RS ≈
Espraiado	Mbya	○			Maquiné	RS ≈
Gruta	Mbya	○			Maquiné	RS ≈
Fagundes	Mbya	□			Maquiné	RS ≈
Varzinha (Ka'agüy Paü)	Mbya	●	776,2761	Homologada. Dec. s/nº de 10/02/2003. Data DOU 11/02/2003. Reg. SPU em 16/09/2003	Maquiné / Caraã	RS ≈
Barra do Ouro (Nhuü Porã)	Mbya	●	2266,5278	Homologada. Dec. s/nº de 18/04/2001. Data DOU 19/04/2001. Reg. SPU em 04/06/2002.	Maquiné / Caraã/ Riozinho	RS ≈
Riozinho (Itapoty)	Mbya	●		12 ha cedidos pelo Estado, em 1999	Riozinho	RS ≈
Rio Rolante	Mbya	○			São Francisco de Paula (divisa com Riozinho)	RS ≈
Três Forquilhas	Mbya	○			Terra de Areia	RS ≈
Terra do Padre	Mbya	○			Terra de Areia	RS ≈
Morro do Chapeu	Mbya	□			Terra de Areia	RS ≈
Campo Bonito (Guapo'y Porã)	Mbya	●			Torres	RS ≈
Araçá'i	Xiripa/Mbya	● ○		Em Identificação. Port. nº 928/PRES de 06/09/2000.	Saudades	SC
TI Toldo				Homologada.	Chapecó	SC
Chimbandue - Kaingang e Guarani	Xiripa	●	988,6625	Dec. nº 315 de 29/10/1991		
TI Xapecó				Homologada	Xanxerê / Marema/ Entre Rios	SC
Kaingang e Guarani A. Limeira	Mbya/Xiripa	●	15.623,95	Dec. nº 297 de 29/10/1991		
TI Ibirama La Klânó – Kaingang, Xokleng e Guarani			14.084,8860 Homologada 37.108 (revisão de limites)	Homologada Dec. s/nº de 15/02/1996. Revisão de limites, Port. 1128/MJ de 13/08/2003.	Itaiópolis / Doutor Pedrinho / José Boiteux / Vitor Meireles	SC
A. Tateto	Mbya	●				
A. Ytupava	Xiripa	●				

Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Grupo Guarani	Presença Guarani	Área (ha)	Situação Jurídico-Administrativa	Município(s)	UF
TI Palmas Kaingang e Guarani	Xiripa	•	2.944	Demarcada, em 1961. Em andamento processo de revisão de limites.	Abelardo Luz/ Palmas-PR	SC/PR
Passo de Torres	Mbya	□			Passo de Torres	SC
Barranca	Mbya	○			Araranguá	SC
Sangãozinho	Mbya/Xiripa	○			Sangão	SC
TI Cachoeira dos Inácios (Marangatu)	Mbya	•	80	Aquisição (gasotudo) Port. nº 856/PRES, de 29/09/1999 – Delega FUNAI representante da Escritura de Doação. Reg. CRI-Imarui, 1990.	Imarui	SC
Massiambu	Mbya	•		5 ha sub júdice.	Palhoça	SC
Morro dos Cavalos (Yma)	Mbya/Xiripa	•	1988	Identificada. Parecer Funai nº 201/PRES de 17/12/2002. Publicado no DOU 18/12/2002.	Palhoça	SC
Praia de Fora	Xiripa	•			Palhoça	SC
Cambirela	Xiripa	•			Palhoça	SC
Palhoça (Terra Fraca)	Mbya	○			Palhoça	SC
Mbiguaçu	Xiripa/Mbya	•	59,1982	Homologada. Dec. de 05/05/2003. Publicado no DOU 06/05/2003. Reg. SPU, 2003.	Biguaçu	SC
Guabiruba	Mbya	○			Guabiruba	SC
Rio do Meio	Mbya	○			Itajai	SC
Espinheiro	Mbya	○			Itajai	SC
Gravatá/ Navegantes	Mbya	○			Navegantes	SC
Barra Velha	Mbya	○			Barra Velha	SC
Pirai (Tiaraju)	Mbya	•		Em Identificação, Port. da FUNAI nº 428/PRES de 15/05/2003	Araquari	SC
Tarumã (Corveta)	Mbya	•		Em Identificação, Port. da FUNAI nº 428/PRES de 15/05/2003	Araquari	SC
TI Pindoty				Em Identificação, Port. da FUNAI nº 428/PRES de 15/05/2003 e Port. nº 634/PRES de 30/06/2003.	Araquari / Balneário Barra do Sul	SC
A.Pindoty	Mbya	•				
A.Jabuticabeira	Mbya	•				
A.Conquista (Yvapuru)	Mbya	•				
Barra do Sul	Mbya	○			Balneário Barra do Sul	SC
Reta	Mbya	○		Em Identificação	São Francisco do Sul	SC
Morro Alto (Laranjeiras)	Mbya	•		Em Identificação, Port. da FUNAI nº 428/PRES de 15/05/2003.	São Francisco do Sul	SC
Ilha do Mel	Mbya	○			São Francisco do Sul	SC
Iperoba	Mbya	○			São Francisco do Sul	SC
Tapera (Figueira/Araçá)	Mbya	•			São Francisco do Sul	SC
Rio Bonito	Mbya	○			Joinville	SC
Garuva	Mbya	□			Garuva	SC
Yakã Porã	Mbya	•			Garuva	SC
Laranjinha	Xiripa	•	284	Homologada Dec. s/nº 03/10/1996	Santa Amélia/ Abatiá	PR
TI São Jerônimo da Serra – Kaingang, Xetá e Guarani	Xiripa	•	1.339,3364	Homologada Dec. nº 286 de 29/10/1991	São Jerônimo da Serra	PR
TI Barão de Antonina – Kaingang e Guarani	Xiripa	•	3.750,7220	Homologada Dec. nº 285 de 21/10/1991	São Jerônimo da Serra	PR
Pinhalzinho	Xiripa	•	593,3720	Reg. CRI, 1986.	Tomazina	PR
TI Ivaí – Kaingang, Xetá e Guarani	Mbya	•	7.306	Homologada Dec. nº 377 de 24/12/1991	Pitanga / Manoel Ribas	PR
Diamante(Añetete)	Xiripa/Mbya		1.744	Demarcada. Área adquirena pela Itaipu, em favor dos índios. Reg. em 04/03/1997 no Tabelionato de Notas de Foz do Iguaçu.	Diamante d' Oeste/ Ramilândia	PR
Avá – Guarani Ocoi	Xiripa	•	231,8870	Reg. na Comarca de São Miguel do Iguaçu, em 25/08/1983.	São Miguel do Iguaçu	PR

Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Grupo Guarani	Presença Guarani	Área (ha)	Situação Jurídico-Administrativa	Município(s)	UF
TI Rio das Cobras – Kaingang e Guarani A. Taquara A. Tapiti A. Água Santa A. Pinhal	Mbya	•	18.681,98	Homologada Dec. nº 290 de 29/10/1991. Reg. SPU, 1988.	Espigão Alto do Iguaçu / Nova Laranjeiras do Sul	PR
TI Mangueirinha - Kaingang e Guarani A. Palmeirinha	Mbya	•	17.308,07	Homologada	Mangueirinha / Chopininho / Coronel Vivida	PR
Rio Areia	Xiripa/Mbya	•	1.352,3784	Homologada Dec. s/nº de 14/04/1998	Inácio Martins	PR
Kuriyty	Mbya	□			Curitiba	PR
Pirakuára(Karugua)	Mbya	•			Piraquara	PR
Sambaqui	Mbya	•			Pontal do Paraná	PR ≈
Eiretã (Ilha do Mel)	Mbya	○			Paranaguá (Ilha do Mel)	PR ≈
Ilha da Cotinga (Jakutinga)	Mbya	•	1.701	Homologada Dec. s/nº de 16/05/1994	Paranaguá (Ilha da Cotinga e Rasa da Cotinga)	PR ≈
Peças	Mbya	○			Guaraqueçaba (Ilha das Peças)	PR ≈
Pescada	Mbya	○			Guaraqueçaba (Ilha das Peças)	PR ≈
Superagui (Piragüi)	Mbya	○			Guaraqueçaba (Ilha do Superagui)	PR ≈
Morro das Pacas	Mbya	•			Guaraqueçaba (Ilha do Superagui)	PR ≈
Barra Ararapira (Jejyty)	Mbya	○			Guaraqueçaba (Ilha do Superagui)	PR ≈
Cerco Grande	Mbya	•			Guaraqueçaba	PR ≈
TI Araribá – Kaingang, Terena e Guarani (Nimuedaju)	Xiripa	•	1.930	Homologada Dec. nº 308 de 29/10/1991	Avai	SP
Ilha do Cardoso (Yvyty Parapaü)	Mbya	•		Identificada pela comunidade Guarani	Cananéia (Ilha do Cardoso)	SP ≈
Takuary	Mbya	○			Cananéia	SP ≈
Rio Branco de Cananéia	Mbya	•		Identificada pela comunidade Guarani	Cananéia	SP ≈
Itapitanguí	Mbya	•			Cananéia	SP ≈
Porto Cubatão (Pirai)	Mbya	•			Cananéia	SP ≈
Jakupiranga	Mbya	○			Cananéia	SP ≈
Pindoty	Mbya	•		Identificada pela comunidade Guarani	Jacupiranga	SP ≈
Subaúma (Guavira)	Mbya	•			Pariquera - Açú	SP ≈
Yguapy (Oyguarã)	Mbya	□			Iguape	SP ≈
Juréia (Yvyty Miri)	Mbya/Kaiova	•			Iguape	SP ≈
Rio Comprido (Yy Puku)	Xiripa	○			Iguape	SP ≈
Paraíso	Xiripa	•			Iguape	SP ≈
Sete Barras (Peguaoty)	Mbya	•			Iguape	SP ≈
Miracatu (Uruity)	Mbya	•			Sete Barras	SP ≈
Rio Guanhanhã	Xiripa	○			Miracatu	SP ≈
TI Serra do Itatins A. Rio do Azeite A. Capoeirão	Xiripa Mbya	•	1.212,47	Homologada Dec. nº 94.225 de 14/04/1987. Reg. SPU 09/09/1998	Itariri	SP ≈
Guaraú	Xiripa/Mbya	○			Peruibe	SP ≈
Piaçaguera	Xiripa	•	2795	Identificada. Parecer FUNAI nº 202/PRES, de 20/12/2002. DOU 23/12/2002.	Peruibe	SP ≈
TI Peruibe (Bananal)	Xiripa	•	480,4737	Homologada Dec. s/nº de 16/05/1994	Peruibe	SP ≈
Rio Branco (Yy xi)	Mbya	•	2856,10	Homologada Dec. nº 94.224 de 14/04/1987	Itanhaém /São Vicente / São Paulo	SP ≈
Itaóca (Tekoa Porã)	Xiripa/Mbya	•	533	MJ – Port. nº 292 de 13/04/2000	Mongaguá	SP ≈
Aguapeú	Mbya	•	4.372,2599	Homologada Dec. s/nº de 08/09/1998	Mongaguá	SP ≈
Paranapoã / Xixova Japuí	Xiripa/Mbya	•			São Vicente	SP ≈
Krukutu (Pyau)	Mbya	•	25,88	Homologada Dec. nº 94.222 de 14/04/1987. Revisão de limites Port. 735/PRES de 05/08/2002.	São Paulo / São Bernardo do Campo	SP ≈

Terra Indígena (TI) Aldeia (A)	Grupo Guarani	Presença Guarani	Área (ha)	Situação Jurídico-Administrativa	Município(s)	UF
TI Barragem/ Morro da Saudade (Tenonde Porã)	Mbya	•	26,3	Homologada Dec. nº 94.223 de 14/04/1987. Revisão de limites Port. 735/PRES de 05/08/2002.	São Paulo	SP ≈
Mboi Mirim	Mbya	○	17,69	Delimitada em 1984, proc. extinto pela FUNAI em 1989.	São Paulo	SP ≈
Jaraguá	Mbya	•	1,7	Homologada Dec. nº 94.221 de 14/04/1987. Revisão de limites Port. 735/PRES de 05/08/2002	São Paulo	SP ≈
TI Ribeirão Silveira (Moroti)	Xiripa/Mbya	•	948,40	Homologada Dec. nº 94.568 de 08/07/1987.	São Sebastião/ Bertioga/ Salesópolis	SP ≈
			8.500 (revisão de limites)	Revisão dos limites Parecer FUNAI nº 204/ PRES de 26/12/2002. DOU 03/01/2003.		
Serrinha/Juquei (Jukeri)	Mbya Xiripa	□			São Sebastião	SP ≈
Corcovado/Renascer	Xiripa	•			Ubatuba	SP ≈
Boa Vista do Sertão do Promirim (Jaexa Porã)	Mbya	•	906,3886	Homologada Dec. s/nº de 26/10/2000	Ubatuba	SP ≈
Araponga/Patrimônio	Mbya	•	213,2033	Homologada Dec. s/nº de 03/07/1995	Parati	RJ ≈
Parati Mirim (Porã Marãey)	Mbya	•	79,1997	Homologada Dec. s/nº de 05/01/1996	Parati	RJ ≈
Rio Pequeno	Kaiova	•		8 ha adquiridos pela comunidade	Parati	RJ ≈
Bracuí (Sapukai)	Mbya	•	2127,8664	Homologada Dec. s/nº de 03/07/1995	Angra dos Reis	RJ ≈
Ilha Grande	Mbya	○			Angra dos Reis	RJ ≈
Serra do Caparaó	Mbya	•			Dores do Rio Preto / Divino São Lourenço	ES
TI Caieiras Velha – Tupiniquim e Guarani			2997,2533	Homologada Dec. nº 88926 de 27/10/1983.	Aracruz	ES ≈
A. Três Palmeiras	Mbya	•		Ampliada Superfície Dec. s/nº 11/12/1998.		
A. Boa Esperança		•				
TI Caieiras Velhas II				Homologada Dec. de 19/04/2004.	Aracruz	ES ≈
A. Piraquê-Açú	Kaiova/Mbya	•	57,69	Data DOU 20/04/2004		

Fontes:

Representantes Guarani, Centro de Trabalho Indigenista-CTI, Fundação Nacional do Índio-FUNAI e Rodrigo Venzon/RS.

Observações:

Em algumas TI do interior dos Estados do Sul e Sudeste, e no litoral do Espírito Santo, há aldeias de grupos indígenas distintos: Kaingang, Xokleng, Xeta, Terena, Tupiniquim, além dos Guarani.

As aldeias desocupadas e os locais de parada foram indicadas nos últimos dez anos pelos Guarani e/ou visitadas pelo CTI e colaboradores. Há a possibilidade de existência de outras aldeias. Quadro sujeito à alterações.

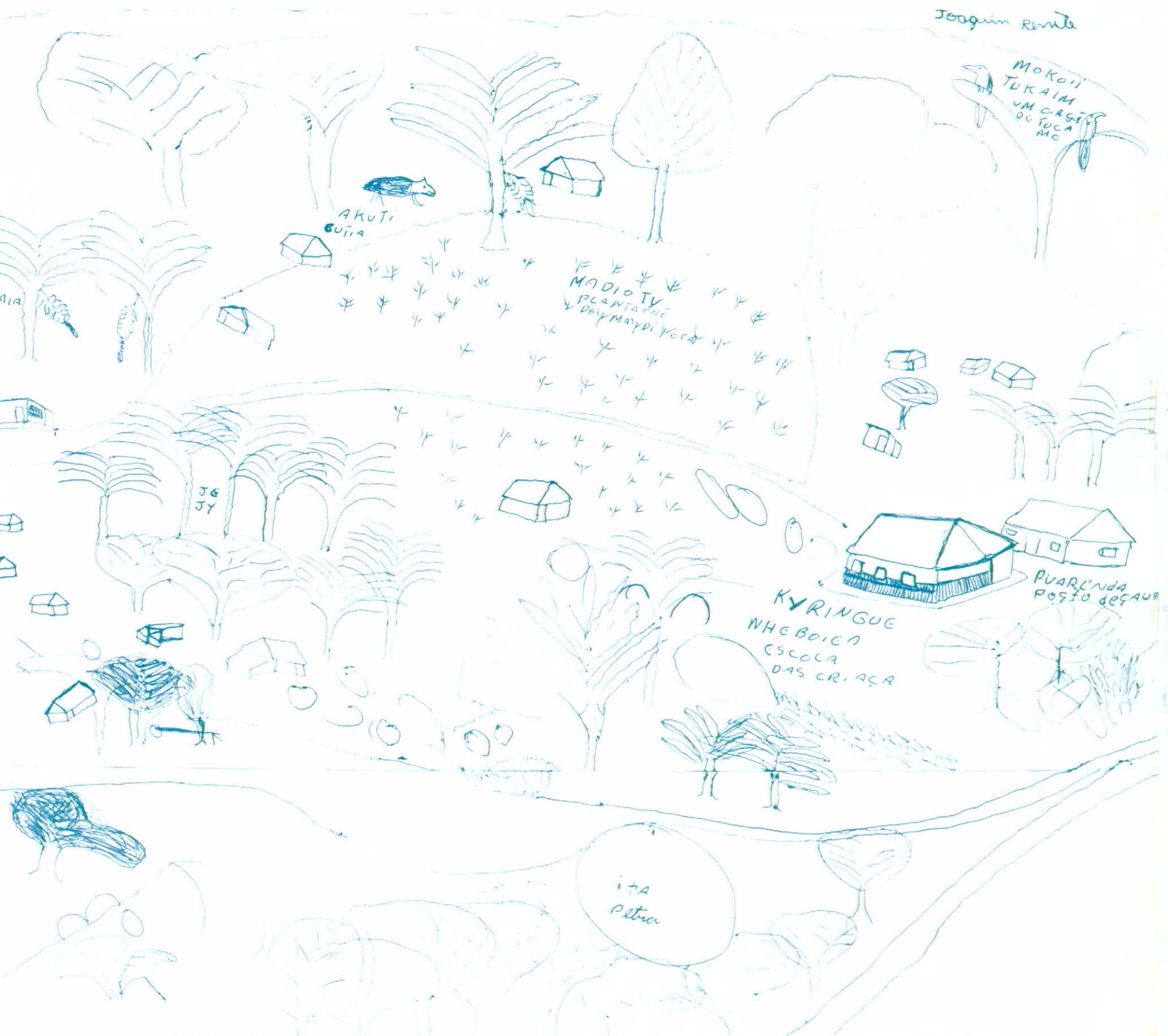
Os Guarani estão classificados em três grupos: Mbya, Xiripa e Kaiova. Neste quadro o nome Xiripa agrega também grupos autodenominados Tupi e Tupi Guarani.

TERRAS INDÍGENAS* E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL - SUL E SUDESTE DO BRASIL 2004

UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	SUPERFÍCIE (ha)	DECRETOS DE CRIAÇÃO	TERRA INDÍGENA GUARANI / UF	SUPERFÍCIE (ha)	SITUAÇÃO JURÍDICO-ADMINISTRATIVA	INCIDÊNCIA
Parque Nacional Serra Bocaina	100.000	nº 68.172 de 04/02/71	Araponga - RJ	213,2033	Homologada Dec. s/nº de 03/07/1995	Total
Parque Estadual da Serra do Mar	315.390,69	nº 10.251 de 30/08/77 nº 13.313 de 06/03/79 nº 19.448 de 30/08/82	Boa Vista do Sertão do Promirim - SP	906,3886	Homologada Dec. s/nº de 26/10/2000	Total
Parque Estadual da Serra do Mar			Ribeirão Silveira - SP	948,40	Homologada Dec. nº 94.568 de 08/07/1987.	Parcial
				8.500 (revisão de limites)	Revisão dos limites Parecer FUNAI nº 204/PRES, de 26/12/2002	
Parque Estadual da Serra do Mar			Rio Branco - SP	2856,10	Homologada Dec. nº 94.224 de 14/04/1987	Parcial
Parque Estadual da Serra do Mar			Aguapeú - SP	4.372,25	Homologada Dec. s/nº de 08/09/1998	Parcial
Parque Estadual da Serra do Mar			Peruibe - SP	480,47	Homologada Dec. s/nº de 16/05/1994	Parcial
Parque Estadual Xixova-Japui	901	nº 37.536 de 27/09/93	Paranapoã - SP (Tupi)			Total
Estação Ecológica Juréia – Itatins	82.000	nº 24.646 de 20/01/86	Paraíso - SP (Tupi)			Total
Estação Ecológica Juréia – Itatins			Juréia - SP			Total
Parque Estadual de Intervalos	41.704,27	nº 40.135 de 08/06/95	Sete Barras - SP			Total
Parque Estadual Ilha do Cardoso	22.500	nº 40.319 de 03/07/62	Ilha do Cardoso - SP			Total
Parque Nacional do Superagui	33.988	nº 97.688 de 25/04/89 nº 9513 de 20/11/97	Morro das Pacas - PR			Total
Parque Nacional do Superagui			Pescada - PR			Total
Parque Estadual da Serra do Tabuleiro	86.375	nº 1.260 de 01/11/75 nº 8.857 de 11/09/79	Morro dos Cavalos - SC	1988	Identificada. Parecer Funai nº 201/PRES de 17/12/2002	Total
Parque Estadual de Itapuã	5.566,50	nº 22.575 de 14/07/73 nº 33.886 de 11/03/91	Itapuã - RS			Parcial

*Terras Guarani Mbya, Xiripa e Tupi.







O trabalho do CTI - Centro de Trabalho Indigenista com os Guarani no litoral tem como objetivo promover o reconhecimento formal das Terras Guarani, garantindo a esses índios o direito de viverem de acordo com sua organização social, seus usos e costumes. É notório, porém, que em razão do processo histórico de conquista do continente sul-americano e do contexto atual de desenvolvimento, os Guarani vêm travando uma luta diária para manterem seu território e seu modo de vida. Por outro lado, a maior visibilidade da presença Guarani na Mata Atlântica que, em razão do nosso modelo de civilização, possui somente cerca de 8 % de sua área do tempo da conquista, confirmou que, a despeito das inúmeras formas de pressão advindas do contato, os Guarani mantiveram preservados seus princípios, língua e religião.

O Programa Ambiental realizado pelo CTI entre os anos de 1996 e 2004, com comunidades indígenas dos povos Timbira, Terena, Wajãpi e Guarani que vivem nos biomas Cerrado, Amazônia, Pantanal e Mata Atlântica, centrou-se na elaboração de caracterizações e diagnósticos ambientais, oficinas, seminários e encaminhamentos específicos a cada realidade.

O Programa Ambiental/Guarani consistiu, num primeiro momento, em levantamentos relativos ao modo de produção e consumo e ao uso das espécies naturais em aldeias situadas no Vale do Ribeira (extremo sul do estado de São Paulo) com características ambientais e fatores de pressão distintos: continente *versus* ilha; mata secundária circundada por pequenas propriedades *versus* área contínua de mata, incluindo mata nativa e incidindo com área de proteção integral (Parque). Os resultados destes trabalhos foram apresentados e discutidos no seminário interinstitucional "Práticas de Subsistência e Condições de Sustentabilidade das Comunidades Guarani na Mata Atlântica", no final de 1997.

A vigência de um modelo de produção e de critérios comuns no uso das espécies naturais observado entre os Guarani Mbya a despeito da ampla extensão territorial onde situam suas aldeias, demonstra a larga gama de experiências pelas quais passam os grupos familiares e o funcionamento de um sistema de comunicação e de intercâmbios fundados nas relações de parentesco e reciprocidade.

O contexto atual do território Guarani impõe repensar estratégias e fomentar ações que possam atingir o conjunto das regiões onde estão presentes suas aldeias. Neste sentido, ao ser retomado em 2002, o Programa Ambiental/Guarani contemplou o conjunto das aldeias do litoral sul e sudeste, realizando levantamentos de campo, 4 oficinas regionais (Coxilha da Cruz - RS, Morro dos Cavalos - SC, Pindoty - SP, Parati Miri - RJ e 1 oficina geral/Rio Branco - SP), pelos quais representantes das comunidades puderam, através de materiais cartográficos diversos, atualizar e refletir conjuntamente sobre os problemas ambientais e fundiários em suas Terras reforçando os laços de solidariedade entre comunidades e lideranças Guarani. Os levantamentos ambientais participativos possibilitaram aos Guarani o uso de novas técnicas de mapeamento, por meio de imagens de satélite e fotos aéreas, elaborando mapas-falados e identificando as áreas de uso (localização das áreas de ocorrência das espécies principais para subsistência), das áreas em regeneração e de áreas degradadas, para futuros projetos de recomposição.

Ampliar as bases das reflexões e discussões acerca do "modo de uso" para as "condições de uso" das espécies naturais que fazem parte do acervo cultural Guarani só pode ter efeito se houver o controle da situação fundiária e ambiental nos entornos das áreas e nas regiões atualmente ocupadas pelos Guarani.

Os objetivos do Programa Ambiental/Guarani que culminou no final de 2004 na sistematização do material compilado para a edição deste livro e realização de três seminários institucionais, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e São Paulo, são:

Ampliar as bases do debate entre os setores da sociedade nacional de modo que as questões fundiárias das Terras Guarani e a conservação da Mata Atlântica possam ser compreendidas como parte de uma mesma problemática ambiental: o uso e a proteção das florestas tropicais atlânticas.

Possibilitar aos Guarani, em seu conjunto, através de suporte técnico e material visual – mapas, imagens de satélite, fotografias aéreas – compreender o panorama da realidade ambiental e fundiária do Brasil nas regiões sul e sudeste, observando as alterações ocorridas nos ambientes das regiões de sua ocupação tradicional.

Instrumentalizar as comunidades Guarani do litoral em seus encaminhamentos atuais relativos às questões ambientais e fundiárias que afetam suas áreas.

Subsidiar os procedimentos de Identificação e Regularização Fundiária das Terras Guarani no litoral.

Incentivar as comunidades Guarani a criarem novas estratégias para protegerem seus ambientes, priorizando as formas de manejo tradicionais e atividades sustentáveis. Estimular a construção de um projeto comum de futuro a partir de seus conhecimentos e expectativas

Nota sobre a grafia

As palavras da língua Guarani são, em sua maioria, oxítonas, devendo ser pronunciadas como tal. Estão acentuadas somente aquelas que fogem a esta regra. Além do acento agudo usado nas palavras não oxítonas, emprega-se o til (~) que indica a nasalização da sílaba ou do vocábulo e o apóstrofo (') como indicativo de oclusão glotal.

Alfabeto: VOGAIS - a, o, e, i, u, y (vogal gutural). CONSOANTES - p, t, k (substitui c, que, qui); j (som dj); r (sempre fraco como o som de r entre duas vogais); x (som tch, ch, ts); v (som de v ou de u conforme o termo); g, gu, gü. NASAIS - mb, m, nd, n, ng, nh ou ñ e vogais com ~.

Com exceção dos nomes de pessoas, lugares e divindades Guarani, as palavras estão apresentadas em itálico.

Vocabulário das palavras Guarani

*palavras não traduzidas nos textos e nas caracterizações ambientais

anhetengua – verdadeira
avaxi – milho
avaxi etei – milho verdadeiro
avaxi ju – milho amarelo
avaxi mitai – milho criança; milho anão com grãos de coloração amarela
avaxi para – milho pintado; quando o milho *avaxi etei* aparece segregado no caráter coloração dos grãos, estes recebem a denominação *para*
avaxi xi – milho branco
guavira – guabiroba (fruta)
guapo'y – figueira
guembe – cipó imbé; espécie utilizada para construção de casas, armadilhas e confecção de artesanato
iparaväpy – extremidade, ponta do mar
itapoty – flor de pedra
jaexa – vista (nós vemos)
jakutinga – jacutinga (ave)
jataity – muito mel de jataí
jurua – não índio, "brancos"
kai – macaco
kapii – sapé; capim
karaja – macaco bugio
ka'a miridy – bastante mata pequena
ka'agüy – mato genérico; mata

ka'agüy ete – mata verdadeira; matas primárias ou em estados avançados de regeneração
ka'agüy karape'i – mata baixa, capoeira
ka'agüy poru ey – mata intocada que não deve ser usada pelo homem
ka'agüy yvate – mata alta
kumanda – feijão
manduvi – amendoim
maräey – indestrutível
marangatu – autêntico, sagrado
miri – pequena
monde – mundéu, armadilha para caça de animais de pequeno porte
moroti – branco
nhanderenonde – na nossa frente, onde nasce o sol (região leste)
Nhanderu – (*nhande* -nosso, *ru-pai*), o criador do mundo, Deus (es) regente (s) do mundo
Nhanderuvixa – autoridades, caciques
nhuñ – capim
nhuñdy – capinzal
oguata – viajar, andar, caminhar
Opy – casa de rezas
parapaũ – ilha
paũ – espaço
peguaoty – muito caeté

pindo – palmeira
pindo ete, pindovy – jerivá
pindoty – muita palmeira
pirai – peixe
porã – bom, bonito
porây – água boa
pyau – novo
sapukai – grito, canto ritual pedindo ajuda
teko – sistema, lei, cultura; *x*: lugar
tekoa – aldeia; lugar onde se vive conforme o sistema (Guarani)
tenonde – primeiro, na frente, futuro
uruity – muitas aves
xararakã – vegetação de mangue; manguezal
yapo – terras alagadas
yaporei – banhado
yma – antigamente
yvapuru – semente para artesanato
yvy maräey – terra da eternidade, terra indestrutível
yvyã – monte, subida
yvyapy – extremidade, ponta, início da terra
yvymbyte – meio do mundo
yvyty – monte, morro
yy – água, rio
yy xi – rio branco



Este livro deixa comprovado que a defesa dos direitos indígenas não atende apenas aos interesses dos índios e de suas comunidades mas, com absoluta evidência, atende aos interesses de todo o povo brasileiro pois, além de ressaltar o fato de que o conjunto das Terras Indígenas representa a maior extensão de terras em que as riquezas naturais são preservadas, demonstra, através da experiência Guarani, como a sabedoria indígena poderia ensinar muito às civilizações circundantes sobre o aproveitamento racional das riquezas, sem destruição, sem a degradação ambiental e sem a diminuição do patrimônio da humanidade.

Dalmo Dallari

Centro de Trabalho Indigenista - CTI

Sede

SCLN 210 bloco c sala 217/218 cep 70862-530 Brasília/DF
Fone: (61) 347-5559 e (61) 349-7769
cti@trabalhoindigenista.org.br

Escritório São Paulo

Rua Aspícuella 474 cep 05433-011 São Paulo/SP
Fone: (11) 3813-3450 e (11) 3812-1520
cti-sp@trabalhoindigenista.org.br